



# Adolescentes e adultos na contemporaneidade

Um ciclo de palestras da Escola Vera Cruz,  
em parceria com o Instituto Vera Cruz

Luciana Saddi • Christian Dunker • Lurdinha Zemel •  
Dartiu Xavier da Silveira • Cláudia Vianna • Paulo Carrano



Direção Geral

Heitor Fecarotta

Direção de Gestão

Marcelo Chulam

Direção Pedagógica

Regina Scarpa

Coordenação do Ensino Fundamental (nível 3)

Daniel Helene

Coordenação do Ensino Médio

Ana Bergamin

Coordenação do Instituto Vera Cruz

Andréa Luize

## **Adolescentes e adultos na contemporaneidade**

Um ciclo de palestras da Escola Vera Cruz, em parceria com o Instituto Vera Cruz



Edição de textos

Claudia Cavalcanti

Revisão de textos

Iara Arakaki e Laís Alcantara

Transcrição

Marcela Boni (palestra de L. Saddi: equipe do EM)

Projeto gráfico

Kiki Millan

São Paulo/2020

# Adolescentes e adultos na contemporaneidade

Um ciclo de palestras da Escola Vera Cruz,  
em parceria com o Instituto Vera Cruz

# Sumário

Apresentação	
Regina Scarpa .....	3
Para entender a adolescência	
Luciana Saddi .....	6
Crescimento e sofrimento psíquico	
Christian Dunker .....	38
Família – Drogas – Adolescência	
Lurdinha Zemel .....	70
Drogas na contemporaneidade	
Dartiu Xavier da Silveira .....	95
Sexo e gênero na educação	
Cláudia Vianna .....	130
Jovens entre escolas e outros mundos sociais	
Paulo Carrano .....	160

# Adolescentes e adultos na contemporaneidade

Movidos por questões que vinham emergindo nos encontros coletivos e individuais com as famílias de alunas e alunos da Escola Vera Cruz, em nossas reuniões de equipe, em trocas com colegas educadores e em nossas próprias perguntas e inquietações, concebemos uma programação mensal com o objetivo de fomentar as reflexões e o diálogo em torno de temas que são foco dessas inquietações. Foi assim que, em 2019, o Vera concebeu o ciclo de palestras Adolescentes e Adultos na Contemporaneidade.

Para dar conta de tamanho desafio, as equipes pedagógicas dos Ensinos Fundamental (nível 3) e Médio, de público adolescente, convidaram estudiosos que, com sua contribuição pautada na sólida atuação em áreas que abrangem os temas propostos, enriqueceram nossas reflexões. Nesse trabalho conduzido a várias mãos, tivemos a participação de representantes do grêmio estudantil do Ensino Médio – reforçando o lugar do jovem como protagonista nesse processo de pensar seu lugar no mundo –, e o inestimável apoio do Instituto Vera Cruz, nossa unidade de Ensino Superior. Andréa Luize, coordenadora do Instituto Vera Cruz, incorporou o planejamento do ciclo à sua programação de formação de educadores, expandindo sua ação para as famílias e alunos do Vera e de outras escolas.

O ciclo foi inaugurado em agosto de 2019, com o psicanalista Christian Dunker, que tratou do sofrimento psíquico tão característico do crescimento, especialmente durante a adolescência. Outros temas que não poderiam faltar – drogas, sexo e gênero – foram discutidos nos encontros seguintes, tendo como convidados a psicanalista Lurdinha Zemel e

o psiquiatra Dartiu Xavier da Silveira, membros da Associação Brasileira Multidisciplinar de Estudos de Álcool e Drogas, e Claudia Vianna, pesquisadora e professora da Faculdade de Educação da USP, que, desde 1992, estuda questões de gênero e diversidade sexual. Tivemos, ainda, a contribuição de Paulo Carrano, coordenador do grupo de pesquisa Observatório Jovem do Rio de Janeiro, da Universidade Federal Fluminense, que falou sobre a relação dos jovens com a escola e com os outros mundos sociais que constituem seu universo.

Reunimos nesta publicação todas as palestras, editadas para o texto escrito, acrescidas da palestra promovida no ano anterior com a psicanalista Luciana Saddi, da Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo. Com esta divulgação, pretendemos tornar disponíveis à nossa comunidade as importantes reflexões promovidas naquelas oportunidades. O desafio de pensar a adolescência, com as famílias, e de forma integrada entre os ciclos escolares, bem como de construir um espaço onde podemos dialogar com os jovens e não apenas falar sobre eles –, continua a nortear o projeto pedagógico da Escola Vera Cruz.

Boa leitura!

Regina Scarpa

Diretora Pedagógica da Escola e do Instituto Vera Cruz



# Para entender a adolescência

*Luciana Saddi*

Boa noite. Agradeço a presença de vocês; e também aos orientadores, que conversaram comigo para que eu pudesse montar uma apresentação de acordo com a realidade desta escola. Também sou mãe. Tenho três filhos, e eles sobreviveram à adolescência. Também sobrevivi à adolescência deles. Muitas das aflições que vocês têm, acredito que eu tenha tido semelhantes e posso entender de onde vem toda nossa angústia quando os filhos vão crescendo.

Falarei sobre algumas características da adolescência. Em seguida, sobre em que mundo os adolescentes se inserem. É importante porque algumas dessas características, se não mudaram, se agravaram. Por último, falarei um pouco sobre prevenção, depressão e suicídio, tema que, ultimamente, tem deixado os pais bastante apavorados, e com razão.

A adolescência é uma fase que começa na puberdade e se estende até o momento em que o indivíduo se torna adulto. Hoje, ser adulto é uma coisa meio complicada. Antigamente, havia algumas faixas etárias, mas elas não servem para nada, porque, às vezes, a cabeça ainda continua sendo de criança, enquanto se é adolescente, ou permanece adolescente por muito tempo. O importante é que o jovem começa a perceber que tem um passado e um futuro. Então, pode ser chamado de adolescente, porque já

---

Luciana Saddi é psicanalista, membro efetivo e docente da Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo e mestre em Psicologia Clínica pela PUC-SP. Escreveu os livros *Alcoolismo – o que fazer?* (Editora Blucher) e *Educação para a morte* (Editora Patuá).

está no meio do caminho. Quando era criança, ele não tinha muito a noção de que tinha um passado, nem tinha muita perspectiva do futuro. Quando a noção de tempo vai mudando, podemos dizer que ele está se tornando um adolescente.

Em nossa sociedade, "ser adulto" é um enorme desafio para os jovens, uma tarefa longa, que exige muito de cada um. Nas sociedades estáveis, em tribos indígenas ou em outras sociedades bastante estáveis, essa passagem da adolescência é muito fácil. O jovem tem um determinado desafio, que, em geral, é um ritual. Ele passa pelo ritual, que vai medir sua força, competência e coragem. Depois, ele se torna um adulto. Vou descrever, brevemente, o ritual que outro dia vi na televisão. Os índios da Amazônia recolhem umas formigas que têm uma picada superdolorosa. Eles inventaram um jeito de adormecer as formigas que achei super-s sofisticado. Colocam-se as formigas adormecidas em folhas. Então, amaram esses insetos nos braços dos jovens e dos homens. As formigas, que estavam anestesiadas, vão acordando e começam a picar os meninos; eles têm que aguentar um tanto de picadas sem desmaiar. É doloroso, horrível. Mas, passado o ritual, o jovem já é adulto, passa a caçar e colher com os homens, e não tem mais papo de crescimento.

Nossa sociedade não é uma sociedade estável, e não temos muitos rituais. A adolescência é um período que vai se alongando, e, na maioria das vezes, o próprio jovem se propõe desafios. Um desafio de força, de intensidade. Ao estudar a questão das drogas, do álcool e da juventude, percebemos que para grande parte dos adolescentes beber, fumar ou experimentar drogas faz parte desse ritual de passagem. "Se estou fumando, bebendo, estou me tornando adulto, sou adulto". É quase como uma coisa um pouco mágica – essas substâncias lhes dariam a condição de serem adultos. É assim no nosso mundo. Não tenho como dizer se isso é bom ou não.

Vocês podem notar, nas suas casas, que o jovem, quando está entrando nessa fase da vida – que se estende por um longo período, começa a flertar com a morte. A morte começa a ter um sentido diferente para ele. Antes, era algo mais distante. E é próprio da juventude flertar com a morte, se arriscar, experimentar, fazer coisas perigosas. Do mesmo jeito que o desafio das formigas, eles se colocam em situações perigosas e ultrapassam esses perigos para se sentirem mais fortes. Eu poderia descrever muitos outros desafios em outras sociedades, mas não vem ao caso. É sempre isso: é força, superação. Mas, o que é virar adulto? É falar em nome próprio, se responsabilizar por si mesmo, assumir e respeitar compromissos. Tornar-se adulto precisa de um desafio dessa natureza, que pode até colocar o sujeito em risco?

Também acho importante notar, ao começarem a se tornar adultos, quando começam a perceber os pais como pessoas reais, que não são mais aqueles pais heróis de quando eles eram pequenos. E é muito dolorosa a descoberta de que "meus pais são pessoas reais, eles sofrem, eles erram, eles não sabem tudo, se apaixonam, se separam". Faz parte da vida adulta perceber os pais como sujeitos reais.

Outra característica é a força juvenil. Os jovens são muito potentes, têm muita força e são muito impulsivos. Essa característica que faz o jovem ser tão interessante, por ele ter tanta vida, acreditar e fazer coisas, é a mesma que pode levá-lo a ter sérios problemas. O que a gente admira na juventude também é o que pode levá-la, pela impulsividade, a alguma ação que pode não ser uma boa ideia, digamos assim.

Uma forma de pensar a adolescência, somando tudo isso, é o fato de ela ser marcada por algumas contradições, conflitos e oscilações. Independência versus dependência, por exemplo. Esse conflito é mais fácil de percebermos em nossos filhos. Eles conseguem fazer coisas sozinhos, e, depois de um tempo, aquilo que eles conseguiam fazer sozinhos, não

conseguem mais. Às vezes, eles querem mais independência do que têm de juízo pra poderem se safar ou se resolver, em certas situações.

Uma dessas contradições, oscilações e conflitos se dá entre autonomia e submissão. O jovem quer ter autonomia. A autonomia é um estágio superior, digamos, à independência. A independência é muito bacana, e acontece quando o sujeito consegue, inclusive, ter independência de pensamento. Ele tem pensamentos e sentimentos próprios, e não está submetido ao regime familiar. O jovem consegue perceber que é um sujeito separado, que tem ideias e sentimentos próprios, e consegue se responsabilizar por isso. Muitos adultos não têm autonomia, que é algo que demora muito para adquirir, ao longo da vida. Por isso, surge o conflito entre autonomia e submissão.

A família, aos poucos, produz um processo de familiarização que é importante: a submissão às regras familiares, ao modo de pensar daquele núcleo, ao jeito de ser da família e aos sentimentos que ela veicula. Depois, o jovem tem que produzir uma espécie de processo de separação entre ele e a família, até para poder se manter numa relação agradável e sustentável com ela. Acontece que, entre a autonomia e a submissão, alguns jovens acham que, se transgredirem, terão autonomia. Eles confundem autonomia com transgressão. A transgressão é muito interessante, porque são os pais quem nos apresentam as primeiras leis. Transgredi-las é dar um "olé" nos pais, o que é muito importante para crescer e ter pensamentos e sentimentos próprios. Só que esse é um caminho que os jovens vão testando, e podem acreditar que só pela transgressão aprenderão a ter pensamentos próprios.

Mas as coisas não funcionam bem assim, porque, muitas vezes, o que acontece é um estado de desobediência permanente, que, não necessariamente, leva à autonomia. Tem um psicanalista que descrevia isso como "desobedeSerás", porque você é a desobediência, você é na desobediên-

cia. É quando começam os primeiros conflitos mais fortes em casa, não só com relação à independência e à dependência, mas também com a desobediência permanente – de alguns, não de todos. Por outro lado, se o jovem começa a ficar muito obediente, começamos a achar estranho: “mas ele não é adolescente? Não precisa copiar, ficar imitando os pais...”. Em minha clínica, vejo que é muito difícil começar a aceitar que o jovem tem pensamentos e sentimentos diferentes daqueles de sua família.

Outra característica dessa transição pela transgressão e pela desobediência é a tentativa de ganhar autonomia sem pagar todo o preço que ela exige. O jovem está buscando alguma coisa que lhe seja autêntica. Na busca por autenticidade, pode se identificar com figuras que acha originais. Ele quer originalidade, quer mudar o mundo, quer fazer coisas que ninguém nunca fez. Vemos como certa onipotência do jovem essa possibilidade de sonhar, de ser um pouco herói, de fazer coisas que ninguém nunca fez e achar que pode. Sem dúvida, é. Mas, por outro lado, se ele não tentar carregar o piano, não será jovem, mas um velho precoce.

O complicado é que, às vezes, criticamos demais nossos filhos, essa juventude um pouco rebelde deles, sem entender que, para eles, é muito importante viver isso tudo que descrevi. E é o que vai tirando os jovens do seio da família e levando-os a construir um caminho próprio. Acho que os pais se ressentem muito disso, porque nossos filhos, em geral, são criados com uma forte presença, um grande interesse e investimento dos pais. Como é que os filhos, a quem demos tudo ou por quem abrimos mão de tanta coisa, como é que eles começam a crescer e a sair desse estágio de pertencimento da família, de estarem muito perto dos pais, para começarem a questionar e querer ficar independentes? Muitos pais leem isso como uma agressão. Como se o filho estivesse agredindo, desvalorizando ou desprezando aquilo que os pais lhes deram. Mas, em geral, não é esse o sentido. Até pode ser um pouco, mas isso faz parte do crescimento. É uma necessidade: todo jovem precisa sair do seio da família e

começar a se constituir como si próprio. E há pais que ficam muito sentidos. Não sei se ajuda que eu fale para ficarem menos sentidos, cobrarem menos deles, porque isso faz parte. Sentimento ninguém controla, mas é preciso compreender que crescer faz parte do mundo deles. Não é um ataque aos pais: é o único jeito que têm de crescer.

Mais uma dessas contradições, oscilações e conflitos, que vemos na adolescência, se dá entre a onipotência e a impotência. Eu acho que essa é uma das mais graves questões para a sobrevivência dos jovens. Porque na fantasia do mundo infantil eles podiam tudo, eram tudo, ainda estavam protegidos pelos pais, e isso pode perdurar por muito mais tempo. Em geral, eles já são independentes, ou estão ficando independentes. Mas sua forma de ver o mundo ainda é muito fantasiosa, tem muita onipotência. Eles acham que podem tudo, que são heróis. E então começam a correr os grandes perigos. Porque associada à independência há a onipotência: "eu posso tudo, eu sou tudo, vocês não entendem nada, na minha vez eu vou mudar, eu é que vou mudar o mundo". É como o sujeito que começa a fumar maconha no meio da estrada, mas quando aparece a polícia, acha que não vai acontecer nada. É um tipo de onipotência seriíssima.

Para os jovens, é assim: ou eles podem tudo e estão um pouco ligados à fantasia e à magia infantil e se sentem meio que super-heróis, ou caem numa impotência muito grande e podem viver uma depressão séria, porque nessa oscilação entre "posso tudo" e "não posso nada", quando o sujeito está no polo do "não posso nada, não sou ninguém, não consigo nada, não sei fazer nada", se sente muito esvaziado, se sente esse nada. Acho que cabe aos pais um pouco de paciência e acreditarem que vai passar. Porque, muitas vezes, na nossa aflição, nos precipitamos, achando que está acontecendo alguma coisa. E, às vezes, nessa precipitação, há uma espécie de julgamento antecipado. Quando um sujeito está se formando, qualquer julgamento antecipado que leve a uma espécie de formatação é um perigo.

Na verdade, os jovens estão numa fase de grande experimentação. Se começam a experimentar drogas, os pais já falam "meu filho é um drogado!". Eu sei que não é a característica do Vera Cruz, só estou dando um exemplo. Se a visão for "meu filho é um drogado" e se começarem a tratá-lo como um drogado, a chance de o jovem se desenvolver dentro dessa formatação é muito grande. Se ele começa a fazer pequenos roubos – e isso acontece até com crianças menores –, os pais começam a tratá-lo como um ladrão, em vez de entender isso como um sintoma, que expressa algo a ser conhecido.

Em geral, nos precipitamos no julgamento porque é muito angustiante ficar esperando para ver o que vai acontecer com os filhos, no que eles vão dar. Essas precipitações acabam parecendo uma espécie de maldição, porque, sem percebermos, já que esse é um processo muito inconsciente, vamos levando o sujeito para aquele lugar onde o colocamos. Como se a vida dele tivesse sido totalmente predestinada, marcada, com o futuro dele sendo aquilo que estamos vendo. Acho que é uma das coisas mais importantes para cuidarmos.

Do mesmo jeito que nosso filho adolescente tem que esperar para que o corpo dele se torne um corpo de adulto – e é muito angustiante ficar esperando os peitos crescerem, os pelos nascerem – também é muito angustiante para os pais esperar para saber qual vai ser a cara adulta de seus filhos, como eles vão ficar no meio daquilo tudo. Aqui também é perigosa uma precipitação. O corpo vai ter seu tempo, que ninguém controla. A sexualidade está explodindo, os hormônios estão estourando. Tudo é muito forte, muito intenso. Incontrolável, mesmo.

Pela nossa angústia, começamos a formatar outras expectativas que também podem interferir, como "esse aí tem cara de engenheiro, esse aqui vai fazer tal coisa...". Se for possível, sugiro um pouco de paciência. Tentar entender o que está acontecendo em vez de sair com uma

resposta muito pronta. Porque eles também não sabem o que está acontecendo, que definições de vida assumirão, já que estão em grande fase de experimentação. Nós, adultos, esquecemos um pouco como foi a adolescência, justamente por ter sido um período muito angustiante, muito difícil, durante o qual tivemos que enfrentar muita coisa.

A sexualidade é uma grande parte disso. Não é só a questão da excitação sexual. O jovem quer amor, quer ser amado, o que é muito mais complicado, para o resto da vida, infelizmente. É sempre mais complicado do que simplesmente dizer: "você vai experimentar o sexo e vai saber como é". Somos seres humanos, podemos até descobrir melhor o que é o sexo ao longo da vida, mas o amor, amar e ser amado, isso depende de uma relação, de uma série de coisas. O que observamos quanto à sexualidade é também uma oscilação entre isolamento e exposição. Os jovens ficam um tempo fechados em casa e vocês pensam: "meu filho não tem nenhum amigo, minha filha não tem nenhuma amiga". Em outros momentos, eles estão superexpostos. Então acontece alguma coisa na vida social ou na escola e eles regridem de novo; ou é o corpo que começa a dar tanta vergonha e tanto medo que ele usa vários casacos, amarra um negócio na cintura, só usa roupa preta. Parece que vive num enterro, e de certa forma, está vivendo, mesmo, está enterrando a infância e não sabe bem o que vai ser, quem ele vai ser, nem o que vai ser dele.

Também é importante o papel do grupo. Eu disse, anteriormente, que os pais se ressentem porque os filhos estão mais ligados fora da família, aos grupos. Se antes, quando menores, eles se submetiam mais às regras da família, depois muitos trocam a submissão à família pela submissão ao grupo. Além de adquirirem pensamentos e sentimentos próprios, eles não podem ficar no seio da família com uma sexualidade jogando-os para o infinito ou para o caos, ou abismo. Eles têm que sair do seio da família; por isso, o grupo passa a ser muito importante.

Mas quando eles entram no grupo, há também um exercício de independência e autonomia que leva um grande tempo para ser conquistado. Alguns deles nunca conseguem ficar independentes do grupo. Mesmo assim, é nele que vão ter mais liberdade, que vão se sentir mais aceitos. O grupo também vai dando uma certa forma a eles, que precisam do grupo para que não fique tudo disforme, tudo na espera. Só que nós, pais, não controlamos os grupos dos filhos. Não sabemos o que está acontecendo, então começamos a suspeitar: "o que será que está acontecendo? Quem são essas pessoas? De onde vem o mal que pode afetar meus filhos?" Tendemos a achar que o problema é o filho do outro e nunca o nosso. E é muito duro quando percebemos que pode ser o nosso filho que está exagerando, indo além.

Em mais de 90% das vezes, essas coisas passam, as famílias esquecem o período de experimentação intensa, em que se perdeu o pé das coisas. Depois, aos poucos, vão ficando mais adultos e retomando uma espécie de normalidade. A adolescência é uma crise permanente. Mas essa crise vai se amainando e as coisas vão ficando mais estáveis, na vida. Na adolescência, eles estão sofrendo porque tudo é oscilação, conflito, sofrimento, desconhecimento e espera. Por isso, acho muito importante os pais terem regras e limites muito claros.

Sei que não sou a primeira psicóloga a falar isso. Nem é preciso estabelecer muitas regras, mas é preciso segui-las. Precisa-se dessa instituição forte. A escola tem que ser um lugar onde alguns rituais e regras são seguidos. Não é preciso que sejam muitas, mas as instituições e os pais têm que ser fortes, até para diminuir um pouco o tamanho da onipotência deles. Para os jovens saberem até onde podem ir. E também para que a angústia deles não aumente, porque um mundo sem regras e sem contorno nos deixa muito angustiados, porque podemos tudo.

Obviamente, no mundo de hoje se pode muito mais do que se podia 20, 30 ou 50 anos atrás. Hoje, você pode experimentar a sexualidade

abertamente. Antigamente, as pessoas faziam muitas experiências sexuais, não começou agora, mas ninguém falava, ninguém contava. Isso era objeto de discriminação. Hoje, é quase objeto de admiração. A coisa se inverteu. Quanto mais experiências – fica com menino, fica com menina, experimenta ali e experimenta aqui –, mais o jovem é admirado. Acho que essa é uma característica muito interessante do mundo de hoje e, ao mesmo tempo, é bastante angustiante. Porque tendemos a formatar tudo para ver se damos conta do que é ilimitado, grande. Antigamente, dividíamos as pessoas em gêneros masculino e feminino, e dava conta do recado. Hoje, essas experimentações foram ganhando nome. Com dois gêneros já era difícil. É difícil ser homem, é difícil ser mulher, ninguém sabe muito bem o que é isso. Mas, agora, há muitos gêneros! Fomos ganhando em liberdade, mas fomos tendo que formatar cada vez mais, colocar uma forma, dar um nome e dizer o que é, e o que não é, até para sossegaros. Novamente, antes que qualquer um de vocês se precipite em dizer "meu filho é aquilo ou não é aquilo", esperem. Não se apressem nisso, também.

Essa é uma característica do mundo atual: tem muita liberdade e, em contrapartida, tem muita formatação. "Sou a Luciana, sou feminista do grupo X, e sou contra tais aspectos...". Tudo vem formatado, e eles começam, também, a se acusar dentro dessas formatações. Eu conversei bastante com os orientadores do Vera, sobre como os jovens da Escola se apresentavam. Eles têm toda essa coisa que já vem com tudo muito amarrado, quem eu sou e de onde eu falo. Mas acho que também isso acaba sendo uma forma de fazer frente a toda essa ultraliberdade atual, que permite ser tanta coisa ao mesmo tempo.

Octavio Paz menciona que outra característica do mundo é que, a partir da modernidade, a realidade entrou em crise. A partir da modernidade, mais gravemente na pós-modernidade – os tempos de hoje – vivemos uma crise de realidade. Água não é água? As coisas não estão sempre, no mundo,

como deveriam estar? Segundo Paz, não. De acordo com o, escritor e poeta, um antigo grego, ou mesmo medieval, acreditava no herói, e o herói existiu. Édipo, para os gregos, existiu, não era só um personagem da peça de Sófocles. O mundo tinha aquelas regras, e o que eles liam era o mundo. Segundo Octavio Paz, a partir da modernidade, a literatura nos trouxe um mundo em crise permanente. Dom Quixote, quem é? Um cara que não sabe quem ele é, nem onde está. E também não sabe quem é o inimigo dele. Então, ele acha que é um nobre, mas é um plebeu, ou é um burguês? Ele acha que está atacando um exército, o exército vira um moinho de vento.

Tudo, a partir da modernidade, vira meio duvidoso. Não temos certeza do que somos. Sobre qualquer notícia que lemos, começamos a duvidar: "mas será que isso é verdade? Nossa realidade é muito frágil, não tem muita substância. A virtualidade, a partir de meados do século passado, principalmente dos anos 1980 para cá, é algo superlegal. Mas o mundo da internet também tem essa característica de fragilidade. Tudo pode ser, no mundo virtual. Eu posso ter várias personalidades, mudo meu corpo, minha aparência. Aliás, os corpos hoje são muito mais mudados para acharmos que eles são iguais a uma imagem. Imagem e realidade se confundem de uma forma muito intensa, principalmente nos últimos tempos.

Nossa própria experiência com o mundo não é propriamente uma experiência, na maior parte das vezes. Não tiramos leite da vaca, o leite já vem na caixinha; não temos contato com a natureza; temos contato com a informação. O mundo chega até nós pela informação, na maior parte das vezes. E pela informação não sabemos direito, porque não construímos aquela experiência.

Segundo vários autores, essa característica do mundo pode fazer com que todos nós nos tornemos mais intensos e violentos. Ganha existência aquilo que grita mais. Quem berrar mais, quem for mais intenso, prova a existência, é de verdade. É por isso que, ao longo do tempo, o jovem

passou a ser aquele que causa. Para existir, tem que causar. Antes, bastava ser para existir; depois, tínhamos que ter para existir. Há pouco tempo, parecer era o suficiente para existir; hoje, nem parecer é o suficiente, basta causar. E tudo, no nosso modo de viver, passa a ser uma coisa que causa. A foto do Facebook causa, a foto do Instagram – nada pode ser uma coisinha simples, corriqueira. Essa intensidade, que todos nós sentimos, cada um à sua maneira, tem uma violência, porque se impõe sobre nós. Quem gritar mais ganha. Isso afeta a todos nós e aos jovens de maneira particular, pois eles passam a fazer coisas cada vez mais absurdas e graves. Eles acham que a violência dará uma prova de existência, e com a impulsividade alta, as coisas podem fugir ao controle.

Quando comecei a estudar as características do mundo atual, chamava muito minha atenção a questão do aumento de suicídios, exponencialmente, de forma absurda. Segundo dados da Organização Mundial da Saúde (OMS), a cada 45 minutos uma pessoa se mata em todo o mundo. É muita coisa. São 850 mil mortes por ano, no mundo, por suicídio. No Brasil, são 11 mil. Mata como a Aids. É muita coisa. Não estou falando isso para assustar vocês, não quero assustar ninguém, nem vim aqui para isso, pelo contrário. Mas foi isso que me mobilizou a tentar entender o que acontece com os jovens. Quando têm entre 15 e 24 anos é que, epidemiologicamente, estão propensos ao suicídio, em especial os meninos, no Brasil. O que causa tais mortes são todos esses conflitos, que mencionei desde o início: a questão da impulsividade, do mundo em que eles têm que ser cada vez mais violentos e intensos para se sentirem existindo. Outro motivo importante, segundo os estudiosos, é que as pessoas foram perdendo os laços sociais. Um mundo muito ligado à comunicação digital, famílias que vão morar sozinhas, longe de outros familiares, pessoas que não se fixam no mundo. E quanto mais frouxos os laços sociais, mais vulneráveis os sujeitos ficam.

Em compensação, as mulheres estão em situação melhor, com fatores de proteção em todas as doenças psíquicas. Como têm filhos, elas expõem

o que sentem, falam delas com mais facilidade, e vão montando novas redes, novas organizações, mesmo quando estão distantes da família. Os homens são mais fechados, em nossa cultura, e têm que estar mais fortes. É uma coisa machista, pois eles têm que se apresentar mais fortes e nem o são, muitas vezes. Falar de emoção, de sentimento, bater papo, isso é coisa de mulher, não é coisa de meninos.

Outro dado sobre os suicídios: a maioria dos casos acontece por impulsividade, e não por depressão. É um ato sobre o qual o sujeito não pensa. Outro dia, acompanhei o caso de uma menina de 9 ou 10 anos, cujo vizinho falou uma coisa de que ela não gostou; ela chegou em casa e tomou água oxigenada, ou coisa assim. Um horror. É um ato impulsivo, a pessoa sente um desespero e não tem uma mediação entre ela e esse sentimento; ela vai lá e faz a primeira coisa que lhe vem à cabeça. Sorte que não havia veneno de rato na casa, porque a pessoa faz a primeira coisa que aparece, é um ato enlouquecido, sem qualquer mediação. Assim acontece com a maior parte dos casos de suicídio; são atos impulsivos. Vem desde a década de 1970, e não se alterou. A tristeza, provavelmente, não vai levar a uma coisa dessas. Ela leva a um fechamento, os jovens ficam tristes, mesmo. Tem épocas em que eles ficam muito tristes e se fecham muito.

Essa preocupação aumentou depois de todos esses suicídios recentes, em escolas de São Paulo. Dá medo de que aconteça esse desastre maior, que é muito difícil de a família enfrentar. Pois gera culpa de que não viu, não sabia e poderia ter feito de uma outra forma. Embora os suicídios assem, a principal causa de mortes entre jovens é por acidente de carro, no mundo inteiro. A OMS recomenda um sistema coletivo de transporte noturno, que faça mais apreensão de carros, e que as leis sejam mais rígidas, para que isso não aconteça. Voltando ao suicídio, quando o sujeito está nesse grau de desespero, ele não vê nada, acha que a vida dele acabou. Mas é um instante de impulsividade. Em geral, se qualquer um aparecer antes, provavelmente, ele nunca mais vai repetir isso. Ele vai ficar

assustado e procurar tratamento, inclusive. Então, quando possível, também ajuda uma prontidão dos pais ou de outros conhecidos de aparecerem no momento certo e tentar evitar. Segundo a OMS, outro elemento de prevenção é cuidar para que os ambientes e objetos do entorno não facilitem o suicídio. Tudo o que impeça o sujeito de cometer um ato imediato é protetor.

Ficar falando/ensinando sobre suicídio não tem tanto efeito protetivo. Pelo contrário, até causa um efeito de contágio, e as pessoas começam a ter ideias. Os programas preventivos que mais funcionam são aqueles que visam construir recursos para os jovens ou para as instituições, ou na relação entre jovens e instituições. O jovem tem que observar a cultura local, ou seja, a cultura daquela família ou daquela cidade ou daquela escola ou daquele país, dependendo da dimensão, do tamanho do programa. Então, esses programas de vinculação do jovem têm que ser construídos pela própria comunidade, com a comunidade. Por isso, nunca recomendo a compra de um programinha pronto, porque ele não vai atender às necessidades mais diretas daquele determinado jovem.

Uma última coisa antes de ouvir suas perguntas: até pouco tempo, a OMS não fazia avaliação dos programas de prevenção, principalmente de prevenção ao suicídio. Não sei por que eles não faziam. Mas, quando começaram a fazer, perceberam que o que dá mais certo é um programa da Inglaterra, feito em escolas, em que ensinam os jovens a nomear aquilo que sentem e se comunicar com outros jovens, ou com os adultos da escola, ou com os pais.

Se você consegue fazer com que uma pessoa entenda o que está acontecendo com ela e que consiga se comunicar razoavelmente, de modo que o outro consiga entender, já é um grande trabalho. Porque é difficilimo fazer isso, infelizmente, mas já é um grande passo. Embora os jovens vivam num mundo de ideias, discutem pouco sobre eles mesmos.

Acredito que, se vocês prestarem atenção, e conseguirem fazer com que esse repertório melhore, em cada um de nós, para perceber o que está acontecendo conosco, a maneira como nos comunicamos com o outro, e trabalharmos para que as atitudes sejam menos impulsivas e tenham alguma mediação, as coisas têm muito mais chances de correrem bem e darem certo.

## Debate

---

### Pergunta 1

Acho que há vários pais aqui, em fase de Fuvest, que dizem: "eles são muito jovens aos 17 para decidir", mas todos nós passamos por isso. Eu vejo muitos colegas da minha filha e ela própria dizendo: "eu quero passar um ano sem fazer nada". E eu digo que essa não é uma opção. Ou se estuda ou se trabalha. O que você acha disso? Eles são mais jovens do que a gente era? Por que essa diferença tão grande?

### Resposta

Eu acho que é uma diferença de geração. Grande parte de nossos filhos tem mais moleza do que tivemos. Com isso, a gente estende, até exageradamente, essa adolescência, a dependência, e não acho que, necessariamente, isso seja bom. Também não quer dizer que seja ruim. Você tem regras na sua casa. Outros pais têm outras regras. Não é tudo bem ficar um ano sem estudar, fazer um ano sabático. Porque cansou de estudar? Até dou risada. Coitadinho, cansou muito de estudar, agora vai ter um ano sabático. Antigamente, isso era para executivos que tinham trabalhado feito malucos e acumulado grana suficiente para poderem se dar o direito de terem um ano sabático. Vamos invertendo as coisas.

O jovem fica muito perdido se nada for exigido dele, se ele não souber o que os pais esperam dele, o que os pais acham que é o melhor para ele. Há coisas que não são para ele decidir. Depois, ele pode brigar a vida inteira com os pais, porque os pais erraram, mas há coisas que não podem ser dadas para eles decidirem porque não têm autonomia, não têm responsabilidade. É muito importante pôr limites. Observo que os jovens experimentam mais, mudam mais de faculdade do que na minha época (nasci nos anos 1960). Não tinha essa coisa de ficar mudando de faculdade; no máximo, fazia duas, FGV e São Francisco. Você se matava de estudar, mas não ficava mudando muito. Hoje, eles mudam muito. Porque são muitas experimentações, e porque também demos moleza. Não é um defeito, mas demos essa chance, porque eles estão se descobrindo. A adolescência dura demais também, o negócio não acaba! O tempo ficou muito estendido. Com 30 anos, parece criança. Eu tenho um filho de 30 anos, não acho que ele parece criança, mas às vezes, sim. Aos 30 anos, eu tinha 3 filhos. É muito diferente. Não dei moleza, ainda por cima.

Tem características que são individuais, e tem o nosso tempo. Um psicanalista uruguaio, Marcelo Viñar, diz que acha que pode falar do pai, da mãe, põe culpa no pai, põe culpa na mãe, mas tem características que são do próprio tempo, que não têm a ver nem com o pai, nem com a mãe. É o tempo que vai fazendo. As pessoas ficaram mais desorganizadas, mais confusas, mais esquisitas, inclusive. É uma característica dos nossos tempos.

## **Pergunta 2**

Quando a gente depara com esses desafios que eles se impõem e que podem flertar com a morte, além da paciência, para não rotular, como você disse, o que devemos fazer? Recrudescer nas regras, ter um comportamento mais didático? Como lidar com esses flertes que eles vão se colocando, ao longo da adolescência?

## Resposta

Acho essa conversa muito importante. Não deixar passar em branco quando você percebe que a coisa saiu do que você acha que é um limite. Acho que deve se ter essa conversa. Assim, "isso é perigoso, eu tenho medo". Acho mais importante você falar um pouco sobre o que você sente do que dizer o que ele deve fazer. Nossas conversas são difíceis de comunicar, porque não falamos quando estamos brigando com o marido: "eu tenho medo de te perder", a gente fala: "você tem que chegar em casa às 7 da noite" – estou exagerando. Damos regras para as pessoas. É a questão da comunicação: não conseguimos entender qual é nossa angústia, nosso medo, então mandamos o outro fazer alguma coisa para nos acalmar. Acho que esse é o pior jeito de conversar.

Agora, se você conseguir entender o medo que você sentiu, se o seu filho entender que você sentiu medo também, medo de que ele se machucasse, medo de que ele machucasse alguém, um amigo, qualquer coisa, não é uma conversa sobre o que você deve fazer. É: "isso está proibido, eu não vou deixar". Não tem nem o que conversar, entende? São limites: "olha, daqui não passa". Há coisas que não são colocadas em conversa. Agora, tentar controlar o outro acho mais complicado, porque eles nos enganam com muita facilidade. Isso de tentar controlar é mais complexo. Agora, regras não são controle. Regra é regra, mesmo.

## Pergunta 3

Você falou que regras são regras. Em casa, fazemos uma reflexão grande a respeito dessas regras, porque eles estão cada vez mais querendo virar adultos mais cedo, e quebrando as regras da casa com mais frequência. Na minha época, na minha casa, se quebrávamos as regras tinha uma pena. A gente debate muito que tipo de sanção, hoje, no mundo moderno; a gente pode impor a esses adolescentes, que entendam, nesse nível de liberdade que a gente tem, que aquilo não é na minha casa, que aquilo é geral, vai ser assim cada vez mais. Passou uma regra, você vai ter que cumprir ou

algo de "ruim" pode acontecer com você. Eu queria ouvir um pouco sobre essa limitação de liberdade num mundo como o nosso.

## Resposta

Às vezes, ficamos com tanta raiva dos filhos, porque fazem umas coisas tão absurdas, que reagimos dando castigos que não conseguimos cumprir, porque também somos impulsivos. Regras são muito importantes, e os castigos devem ser aqueles que conseguimos cumprir, para nunca nos desqualificarmos. "Um mês sem ver televisão": é claro que é impossível um mês sem ver televisão. Mas é importante o pai e a mãe não perderem esse lugar de autoridade. É melhor ser um dia, não sei, porque isso depende muito da idade, da autonomia e do nível de independência de cada filho, então sugiro que sejam regras que vocês consigam cumprir até o final.

Tive uma ONG durante alguns anos e cheguei a trabalhar com mais de mil jovens em situação de vulnerabilidade social. Sempre tinha um ladrão, faz parte, era muita gente. Minha vida acalmou no dia em que eu comecei a implantar as punições da CLT, por exemplo, e não os tratei como coitados, porque são jovens. Claro, não fiz isso de um dia para o outro, demorei. Tive que apanhar bastante, experimentar muito, mas fui implantando as regras; eles trabalhavam e tinham salário por isso, tinham contrato de trabalho, tudo conforme a CLT. À medida que eu fiz o contrato de trabalho valer, as coisas acalmaram de uma forma absurda. Mil jovens que podiam ter posto fogo no mundo, mas estava todo mundo feliz. Eles tinham regras, eles sabiam o que ia acontecer se fizessem algo de errado e até ligavam antes para pedir. E as coisas se acalmaram.

Isso é muito importante, porque os filhos de vocês vão pedir o tempo todo para vocês quebrarem as regras e vão falar que vocês são bobos porque têm regras e que ninguém tem. Na casa do outro não tem regra, por que só aqui? Não. Não sejam rígidos, não tenham regras que vocês não consigam respeitar, mas as obedeçam religiosamente. Vai dar segurança aos filhos de vocês e eles vão saber até onde podem ir.

Essas regras vão mudando à medida que eles crescem. Claro que não pode bater em filho, hoje. Antigamente, as pessoas espancavam. Para nós, psicanalistas, isso está na linha do abuso, é abuso sexual, abuso físico, por maus-tratos, e abuso psicológico, por culpar a criança de tudo o que dá errado.

São os três tipos de abuso traumáticos na vida de uma criança. E são traumáticos porque são muito dolorosos em si, mas o trauma é quando a criança pede ajuda do adulto e o adulto não reconhece que ela sofreu ou que aquilo aconteceu com ela. Aí se configura o trauma, porque ela não tem como ser reconhecida, como ser acolhida na dor dela.

#### **Pergunta 4**

É muito importante o papel da hiperconexão. E vão chegando os primeiros diagnósticos já muito consolidados, do tipo de influência. É uma questão realmente de relógio circadiano. Parece ser bem consolidado, hoje, que os impulsos que você recebe de redes sociais e superconexão não são brincadeira. Vão ser, talvez, do tamanho que foram as consequências de fumar, beber, enfim, de dirigir imprudentemente, coisas que foram sendo tratadas com o tempo, sendo reguladas, de forma que as pessoas começaram a entender as consequências. Eu fico muito preocupado, porque consigo enxergar essas consequências, mas a sensação que tenho é que meus filhos simplesmente não só não conseguem enxergar, mas não querem ver e não querem falar sobre o assunto, preferem ficar tomando pancada no cérebro. Eu lembro que meu pai acordava seis da manhã e fumava um cigarro na cama; é exatamente o que meus filhos fazem com as redes sociais.

#### **Resposta**

É um problema sério, não temos como evitar. Há uma adição às redes sociais, como há uma adição às drogas, ao sexo, a qualquer coisa. Realmente,

a comunicação é muito rápida, muito excitante e distrai. Afora essas características, que eu diria que são as mais benignas nessa situação, e já são bastante difíceis, tem o fato de que a rede funciona que nem massa, como na Revolução Francesa funcionava. As massas chegam, pegam, guilhotinam; são os primeiros grandes movimentos de massa descritos e estudados na sociologia e na psicologia.

Muitas vezes as redes funcionam como as massas. Elas guilhotinam, matam; um botão que você aperta elimina seu adversário, elimina o outro. Você vai ficando cada vez mais no mundo que você acha que é o mundo, porque você evita, evita o diferente de você. A gente não vai ler um blog que não combine com a gente. Isso para falar de adultos, mas, aqui estamos falando de jovens. É uma situação muito preocupante.

Temos que acreditar que, com o tempo, vem um discernimento, a escolha, e que nossos filhos têm que ficar mais fortalecidos e ter outros interesses, além dos interesses da conectividade. Precisamos lhes oferecer outras alternativas e coisas de que eles gostem e que lhes dê bastante prazer, também. Não adianta oferecer alternativa que não dá prazer, que não seja divertida.

Mas a maioria vai perceber a diferença entre a violência do videogame e da vida real, e, aos poucos, vai percebendo que fica muito viciado, que perde muito tempo. Tem que dar um tempo para eles crescerem. Proibir o uso talvez seja o mais complicado, mas o uso machuca.

Acho que você tem toda razão: o que era o álcool, hoje é apertar o botão do WhatsApp e você está causando. E causa de verdade, não é? Causa, ofende, magoa, faz *bullying*. *Bullying*, é óbvio, não é uma coisa de agora, sempre existiu, mas agora tem nome, ficou proibido.

Nossas sociedades, quanto mais civilizadas, mais inibem a agressividade explícita. Mas a agressividade permanece, ela vai como água, se infiltrando em outras formas de nos comunicarmos e vivermos. Eu acho que temos que ajudar nossos filhos a criar recursos para enfrentarem essas

situações difíceis. Porque nós não vamos voltar à Idade da Pedra, que era 1950, há tão pouco tempo, historicamente. Nós não vamos voltar, é daqui para a frente, o homem vai mudando.

### **Pergunta 5**

Podemos falar um pouquinho dos jovens e as drogas?

### **Resposta .**

No ano retrasado, eu escrevi um livro para uma coleção que coordeno: "O Que Fazer", para orientar pais, educadores e sofredores que não sabem o que fazer de modo geral, que somos todos nós, na nossa sociedade. Fui da época da coleção "Primeiros Passos". Pensei que hoje nós não sabemos o que fazer. Escrevi um volume com a colega Maria de Lurdes Zemmel, sobre alcoolismo. Vou falar a partir da experiência de escrever esse livro, além da minha própria experiência com jovens e com meus filhos, que também beberam e também usaram ou usam droga e bebem ainda, provavelmente. Não todos e nem sempre, mas é uma coisa inevitável.

Para vocês terem uma ideia, primatas procuram pequenas substâncias, pequenas plantinhas que dão barato. Só que a maioria dos usos de droga são ritualísticos, nas sociedades estáveis. Então, no ritual X, todo mundo fica louco na tribo; no dia seguinte, acabou, todo mundo vai caçar. Na nossa, não. Nossa sociedade está em permanente mudança, ela não tem ritual nem estabilidade.

E nossos filhos, infelizmente, ficam expostos à droga e ao álcool cada vez mais cedo. Não tenho nada contra droga nenhuma. Tudo o que aprendi ao longo de mais de 30 anos de clínica, é que tudo depende muito mais do sujeito do que da droga. A equação é: sujeito-ambiente-droga. A gente nunca deve colocar o peso só na droga. Mesmo que seja heroína, cocaína. Tem gente que usa e não fica dependente. Porque tem outras condições na vida.

E há pessoas que, talvez por uma questão genética, ainda não sabemos, ou por uma fragilidade psíquica, ou um ambiente muito vulnerável – e até mesmo uma saúde vulnerável – tendem a desenvolver ou o uso abusivo, ou a dependência. Que é o problema, para nós. O uso faz parte da vida; pode ser um uso recreativo, muitas vezes, há até um programa positivo da droga, para buscar experiências, elevações, qualquer coisa religiosa. Eu não sou dessa praia, mas até entendo que haja. A busca por sensações que você nunca teve.

O uso negativo acontece quando não é mais recreativo, quando o sujeito usa para fugir das angústias; ele começa a usar a droga, seja o álcool ou a maconha, como uma medicação. É o sujeito que está em primeiro lugar. Você chega em casa cansado e toma um uísque; muitos dos que tomam um uísque toda noite, depois de dez anos usando álcool, começam a tomar três uísques, e depois de 20 anos estão dependentes do álcool, por exemplo. E dependentes de cigarro, porque o álcool e o tabaco têm uma associação muito íntima. Quanto mais você fuma, mais você bebe, e quanto mais você bebe, mais fuma. Questão de neurotransmissores.

É uma coisa que, às vezes, a pessoa nem percebe. Por que que ela está tão tensa? Que tipo de vida está levando? Ou: que tipo de angústia ela sente, que ela começa a beber todo dia para relaxar? Porque o trabalho mata, essa é a verdade. A grande parte dos meus pacientes está morrendo de trabalho. Eles usam antidepressivos, anti-não-sei-o-quê, porque não estão aguentando a forma de trabalhar na nossa sociedade. É muito violento, algumas relações de trabalho são muito difíceis.

Nas escolas, na vida do jovem, não é diferente. Ele começa porque vê que aquilo funciona, seja para curar alguma angústia, seja para ele se mostrar mais bacana para os amigos – que é, também, uma forma de curar um sentimento de inferioridade, não é? Se ele precisa se mostrar mais forte, bebe mais. Há casos mais graves, em que o jovem está meio psicótico, e a droga entra aí.

E você tem uma situação que é rara, mas acontece, em que o sujeito desenvolveu e fixou o uso abusivo ou a dependência, dependendo do grau,

da intensidade e do prejuízo que aquilo vai causar a ele. Mas nenhum de vocês vai ter um filho que vai deixar de experimentar alguma coisa em algum momento, ou vai tomar um porre, e a experimentação pode durar muitos anos. Isso é o mais angustiante para os pais. Podem ser quatro, cinco anos. Então, começam a trabalhar, vão para a faculdade, têm outras obrigações, arrumam uma namorada e as coisas vão diminuindo, diminuindo. Mas um ou outro vai ficar vulnerável e precisar de uma atenção maior, porque aquilo já está prejudicando a vida dele.

Mas é sempre o sujeito, não adianta falar que cocaína vicia. Tem muita gente que não fica dependente de cocaína. Nem de crack. É que a gente vê esses infelizes lá do centro da cidade, que são alcoolistas, muito de pauperados fisicamente, muito magros, sem comida, sem qualquer tipo de assistência; é claro, qualquer coisa vai debilitar esse sujeito, ele não tem nada a perder, não tem nada na vida, e o organismo dele não faz frente à droga.

É importante falar para os filhos tomarem água quando beberem, para comerem. São pequenos cuidados de saúde. Acho que ler a respeito ajuda muito a desmistificar a questão da droga como a pior coisa do mundo. Não. A pior coisa do mundo é você não ter recursos para enfrentar os problemas internos e externos.

## **Pergunta 6**

A visão do adolescente que você propôs me esclareceu muito. A questão do pertencimento ao grupo. Meu menino, de 15 anos, sempre teve um comportamento aceitável no colégio; agora, está no 9º ano, saiu da turma dos bons alunos e foi para a turma dos meninos mais da pesada. Na escola, colocaram que ele não pode conviver com esse grupo, porque ele também tem essa questão impulsiva de se colocar, de aparecer. Ele me fala: "mãe, você não conhece os meus amigos" – querendo me colocar como se eu mesma não o conhecesse. Não consigo tirá-lo desse grupo; como vou interagir com ele? Estou respeitando a sua escolha.

## Resposta

Chame o grupo para sua casa várias vezes. Como é que diz o ditado dos desenhos animados? Contra o que você não pode lutar, una-se a ele. Aproxime o grupo o máximo que você puder de sua casa, fique de olho, porque, em casa, vemos melhor o que está acontecendo. Não sei se isso resolve sua angústia. Porque ele está crescendo e está se achando muito diferente, quer ter o lugar dele, só dele, e não quer que a mãe se meta. E a gente se mete porque tem medo de que eles façam alguma burrada. Aproxime-se. Se você ficar batendo muito de frente, ele se fecha. Toda vez que a gente vai bater muito de frente, a gente fecha uma porta. Tem que comer pelas beiradas e confiar. Confia que a educação que vocês deram vai dar certo, que é só uma questão de tempo. No momento, parece que não está dando, mas vai dar. A maioria dá certo. Não confiamos em nós mesmos, mas plantamos bases sólidas antes disso. E essa tempestade, essa turbulência, vai passar e você vai ver no adulto que estiver mais estável as bases que você plantou. Na maioria dos casos é assim.

## Pergunta 7

Estamos em uma época de muitos debates acirrados sobre diversos temas. Um deles é a questão do armamento, da liberação do uso de armas, explorado na série *Thirteen Reasons Why*. Me lembro da votação, do plebiscito com relação ao estatuto do desarmamento, em que um argumento muito usado era o de que a arma não mata ninguém, quem mata é quem a usa, também a questão relacionada ao indivíduo. Muitos jovens têm esse interesse, esse fascínio, querem manusear, praticar, experimentar, usar. Como trabalhar com os adolescentes essa percepção a respeito de uma liberação, ou não, do uso de arma?

## Resposta

No século XIX, não tinha um jovem que não tivesse uma cicatriz, porque eles iam para o duelo. E quem tivesse passado pelo duelo, era adulto.

Era uma espécie de ritual da época, e não ter cicatriz era um problema, porque você não foi forte o suficiente para entrar num duelo. Nem todo duelo matava, isso também é verdade, mas a gente vê, ao longo da história, duelar ou ir para a guerra como medidas de força, digamos assim. E há a roleta russa, que é bastante assustadora. Quem não tem arma, não faz roleta russa.

Eu acho que dada essa questão da impulsividade, o fato de você ter uma arma, é muito rápido você usá-la. Por causa da impulsividade. Eu sou contra. A maioria dos suicídios é por enforcamento, no mundo inteiro, no Brasil também. Corda, pedaço de pano, não tem como impedir que as pessoas usem, mas e a arma? Principalmente essas coisas muito trágicas, como a criança que está brincando com a arma e mata o irmão. Isso acontece. Pode não ser tão próximo da gente, mas muitas vezes, acontece perto da gente. Então, não sou a favor.

O melhor jeito é impedir que a gente tenha veneno de rato em casa. É termos certos cuidados, a medicação psiquiátrica, se é uma medicação que causa algum efeito, deve estar em blister e não em comprimido, para dificultar. Pequenas coisas a gente pode fazer. Uma delas é não deixar uma arma perto de um adolescente. Porque ele pode se matar e pode matar alguém. Para ele, porque é muito complicado viver tendo matado, também não é fácil. Carro, também. Você dá um carro, você dá uma moto; você está dando uma arma para o sujeito. Então, também tem que ser muito cuidadoso, porque você vai dando à medida que o outro tem responsabilidade. Felizmente, tem o Uber e outros jeitos de fazer as pessoas não guiarem bêbadas.

Eu sou de uma época em que os pais davam carrões para os filhos e eles guiavam bêbados e se matavam com muita facilidade. Então, carro, arma, moto: é melhor não ter em casa. Que tenha carro, mas só dirija se não estiver bêbado, vá aprendendo.

Antigamente, era uma afronta para um menino não guiar bêbado, ele deixava de ser homem. A masculinidade dele estava em conseguir guiar

completamente bêbado e levar o carro até em casa. Hoje, felizmente, a nossa sociedade mudou, a gente não tem, pelo menos em relação aos carros, esse mesmo machismo, essa prova de força do homem.

Sou contra as armas. Claro, você não vai impedir que um terrorista compre armas e as use; quem quiser, mesmo, vai ter acesso. Compra. Não é a proibição que impede. A proibição é boa para quem não vai atrás porque vai ser difícil arrumar.

### **Pergunta 8**

É muito comum percebermos uma segmentação muito forte de grupo de meninas e grupos de meninos. Às vezes, até, ao tentar romper e criar possibilidades de diálogos mais frequentes, sentimos uma dificuldade com relação a essa vivência mais compartilhada de meninos e meninas, da convivência do dia a dia. Como é que você vê isso, nesses tempos em que a gente está vivendo?

### **Resposta**

Esses clubes da Luluzinha e do Bolinha foram se estendendo de uma forma muito mais intensa. Eu acho que, num mundo em que tudo pode, as pessoas se agarram numas cordas para terem algum contorno, e o contorno fica rígido. Para não se desmanchar, de certa forma. Tenho a impressão que é, também, uma forma de tentar dar um contorno aos sujeitos; eles são jovens e se identificam assim, eu sou mulher, feminista etc., você é meu inimigo, você é homem branco e veio da Rússia, qualquer coisa assim. Falo porque é engraçado, mas é triste ao mesmo tempo, não é?

Primeiramente, é uma tentativa de não se desmanchar, de pertencer a um grupo que está com regras definidas; a gente sabe quem entra, quem não entra, não é? Ao mesmo tempo, é uma forma de agredir e de eliminar o outro. É aí que eu fico mais preocupada. Como é difícil, mesmo para nossos filhos, conseguirem conviver com as diferenças sem terem que eliminar o

outro porque o outro é diferente. Eu iria mais por aí. Menino, menina, um precisa do outro. Sei que é muito difícil essa convivência, hoje em dia.

E não é só entre os nossos meninos e meninas; é na política, em tudo: é um mundo que está sempre eliminando o outro. Em todos os discursos. Tudo bem, o Bolsonaro talvez encare com mais intensidade essa eliminação, porque diz que vai matar ou isso e aquilo. Mas todos os nossos discursos sociais são muito ligados à eliminação do outro. Os jovens repetem reproduzem, acirram, agravam essa fala. Eu acho que teríamos que partir de uma outra forma social, não é uma coisa que a gente consegue controlar tanto.

Freud dizia algo importante: que o trabalho é uma das coisas que mais liga os seres humanos à realidade. Nós, seres humanos, temos uma tendência a fugir da realidade com muita facilidade. A realidade é chata, irritante, dói, e o trabalho, o trabalho livremente escolhido, dizia Freud, não o trabalho escravo, tem essa característica de fazer a gente se ligar à realidade e se desenvolver. E dá prazer, porque, sem prazer, não adianta, não vai funcionar direito.

Então, é conseguir proporcionar atividades dentro da escola ou fora dela, e que eles tenham um objetivo comum, que trabalhem com os pais, entre eles, e que possam ir quebrando um pouco esse muro colocado entre esses grupos. Mas com alguma coisa que eles realmente vejam que faz a diferença, não alguma coisa para inglês ver. Aliás, um dos conselhos para prevenção de suicídio é uma coisa bastante simples: saber que na semana que vem tem algo importante para se fazer. Isso já é prevenção.

Na China, com um índice de suicídio muito alto nas vilas, o técnico de saúde passa toda semana, e isso diminuiu o número de mortes porque ele tem uma consulta na semana seguinte; então, o paciente espera um pouquinho até a semana que vem. Qualquer coisa que puder ligar os filhos à realidade, a coisas concretas, de trabalho, e menos a uma grande discussão ideológica, os ajuda a terem uma noção mais realista da vida. Porque seus filhos, como os meus, são inteligentes, foram educados em boa

escola, têm um repertório muito bom, têm argumentos. Faz parte da escola construir tudo isso para eles, mas acho que, também, pode dar responsabilidade, pode cobrar e integrar a partir de algo que vocês encontrem, e que seja interessante e comum, para se ligarem em coisas reais, em que eles façam a diferença.

### **Pergunta 9**

Escutando você falar, lembrei-me do campeonato interclasse. Há dois times, e gerou-se um clima de competitividade muito intenso entre eles. Com algumas reações, principalmente dos meninos, que estão até assustando. Queria que você falasse um pouco e até saber, da Escola, como amenizar esse clima que se criou em torno de algo que deveria ser mais colaborativo, recreativo.

### **Resposta da Escola**

Eu quero aproveitar porque sou da Escola. O Copa Vera é o nome do aguardadíssimo torneio interequipes; refletimos muito a esse respeito. Eu já estava com vontade de falar na mesma linha de raciocínio de Luciana, sobre o quanto a impulsividade é própria da adolescência, o quanto a gente sabe que algo que é do humano se acentua nesse momento. Temos que pensar na hostilidade, que é um componente humano, também. Ao mesmo tempo, os adultos têm que estar muito atentos e próximos – e aí me refiro, diretamente, a esse campeonato. O quanto isso também nos envolve, o tempo todo, nessa questão, de modo a olharmos para o que o campeonato evoca, em muitos sentidos. Porque a gente depositar peso num time ou no outro, isso também faz parte do nosso mecanismo, não é?

Mas, na verdade, estamos falando daquilo que a troca humana evoca. E eu vou ter que enxergar que a gente troca, às vezes, algo que é de uma ordem hostil, mas que eu também tenho que aprender com o outro. Até onde isso

cabe a nós, dentro da escola, e até onde cabe proibir e dizer "nada disso, a gente vai bancar com vocês, porque assim a gente superprotege vocês do exercício de aprender também para onde eu destino a minha hostilidade". Temos feito uma escolha muito conflitiva para nós, mas que é, cotidianamente, conversada por todos os educadores da Escola, com eles; entendendo que faz parte dos grupos de jovens viver certas experiências até onde elas cabem.

Porque esse evento também é passível de ser interditado. Tem uma série de condições. Em nenhum momento eles fazem isso sem uma mediação nossa. É importante ter aparecido, porque também, para nós, as questões se apresentam de forma intensa. Mas a gente acreditar que vai fazer da escola um espaço completamente puro não é uma verdade, também. É de alta responsabilidade, como é, da mesma forma, a sala de aula, como são os corredores, como também é qualquer outro evento em que eles interagem.

Temos que ter atenção, diálogo, espaço de escuta e de muita conversa, além de pensamento conjunto, sem ir só para esse universo ideológico estratosférico. "Vamos realizar coisas?" É o desejo de vocês, a escola entende que pode, com vocês, dar espaço a esse desejo. Mas o que, de verdade, isso está construindo, entre nós? O tempo todo esse é o exercício. E a gente aposta num exercício. Eles têm uma energia grande e precisam de algum espaço para, na hora que o outro induz a uma coisa que leva à raiva, aprender a desenvolver formas de expressão e de contenção. Tem horas que eu consigo me conter, outras em que não consigo. Se não aprender isso na escola, se não for próprio da escola ter experiências dessa ordem, também é enganoso a gente dizer que está educando, sem também permitir que, juntos, aprendamos como é que a gente vai medindo isso tudo que circula entre nós.

Minha resposta é uma aposta nesses princípios. Não acertamos sempre, mas nem sempre erramos, por isso seguimos fazendo.

## Resposta

Peter Gay, historiador, tem quatro livros sobre o século XIX muito interessantes. O segundo livro chama-se *O cultivo do ódio*, em que ele estuda o ódio no século XIX, na Era Vitoriana, e diz que uma das saídas que a burguesia encontrou para o ódio muito intenso (e nunca vai deixar de ser) foram as Olimpíadas, os jogos. Eram a forma mais benigna de você desviar a agressividade. E ele descreve todo o começo das Olimpíadas e toda a fé que a burguesia tinha de que, com os Jogos Olímpicos e com o esporte, ela pudesse, de certa forma, dar forma para o ódio e para a agressividade.

Infelizmente, mesmo fazendo muito esporte, continuamos nos matando bastante, não é? Estudos dizem que a violência, no sentido do crime e da guerra, vem diminuindo, no mundo. Não é o caso do Brasil, que ainda é um país extremamente violento.

Acho ótimo ter esporte, que eles virem ogros durante o esporte e que eles possam deixar de serem ogros assim que ele termina. E, se sair do controle, corta e não tem esse jogo, dá WO, acabou.

É difícil, nossa civilização foi toda construída em nome da inibição da agressividade. Para vivermos em grupo, inibimos bastante nossa agressividade. Segundo Freud, o problema é que, em vez de agredir o outro, começamos a agredir a nós mesmos. E como somos exigentes, nossos ideais também o são. Isso é uma forma de agressão, também, à medida que a gente não vai conseguir nunca realizar tais ideais. E nossos jovens, eu tenho até pena, eles têm que ser lindos, maravilhosos. Tudo bem, a juventude facilita. Mas eles não se sentem lindos e maravilhosos. Eles têm que fazer tudo muito bem feito. Colocamos neles um grau de exigência que uma hora começa a machucar e eles passam a serem muito agressivos. E não dão conta.

Outro dia, minha colega e eu estávamos falando de um paciente que dizia que, para ir a uma festa de carnaval, ele tinha que chegar completamente bêbado, porque, se ele estivesse minimamente sóbrio, ia se criticar tanto que ele não ia aguentar pular o carnaval de rua.

Volta e meia, a gente está lidando com essa situação, com uma exigência muito agressiva. Para ele mesmo, é assim: "eu só aguento me expor se estiver completamente louco, se eu parar, eu vou me autocriticar tanto que não vou conseguir entrar na festa". É isso que Freud chamava de uma agressividade que se volta contra o próprio sujeito. Porque essa crítica passa a ficar o tempo todo dentro da gente. Às vezes, é melhor criticar o outro, em nome do indivíduo; para ele, é melhor ser agressivo com o outro do que ser agressivo com você mesmo.



# Crescimento e sofrimento psíquico

*Christian Dunker*

Esta é a terceira vez que eu venho ao Vera. A primeira vez, a convite do "OPS", grupo ligado aos pais. A segunda, a convite dos professores, principalmente dos professores de Redação e Literatura. Quando eu recebi email da Verônica, aluna: "Nós somos do grêmio...", pensei: "Não posso perder!" Isso não é comum, Isso é, realmente, um fato que diz de jovens que estão falando, participando, presentes na escola, tornando-a, cada vez mais, uma experiência de comunidade, e cada vez menos, quero crer, um lugar vertical, institucional, aonde a gente tem medo de ir, aonde a gente só vai quando deu uma encrenca. "Estão chamando na escola".

A escola tinha quer ser um irradiador de cultura, um centro de enfrentamento de nossas questões, não só daquelas mais imediatas, familiares, ligadas àquele filho, àquele processo de aprendizagem. A escola, provavelmente, está mudando de lugar social. Não sabemos exatamente para onde ela vai, mas sabemos que vai se transformar em outra coisa, já está se transformando em outra coisa. Dentre as várias metamorfoses em curso na escola, vou chamar atenção de uma que diz respeito ao nosso estado atual. E atual, eu digo assim, hoje, no que diz respeito à saúde mental.

---

Christian Dunker é graduado em Psicologia, mestre e doutor pela USP, com especialização em Psicanálise. Coordenou o primeiro curso particular de pós-graduação em Psicologia credenciado no País. Publicou os livros *Lacan e a clínica da interpretação* (Hacker, 1996) e *O cálculo neurótico do gozo* (Escuta, 2002). Com formação paralela em Filosofia e Ciências Sociais, escreve sobre psicanálise, teoria social e crítica da cultura para revistas, jornais e sites, no Brasil e no exterior. Tem pós-doutorado concluído na Manchester Metropolitan University (Inglaterra); ganhou diversos prêmios por sua pesquisa inovadora em Teoria da Linguagem; traduziu e convidou vários autores dessa área de conhecimento ao Brasil. Em 2004, tornou-se professor titular do Instituto de Psicologia da USP (departamento de Psicologia Clínica).

Gosto de lembrar um dado emergente da Organização Mundial da Saúde, a qual está, no fundo, alterando um pouco sua política global nessa matéria, e que vem de uma constatação numérica simples.

Vamos imaginar uma reunião de todos os especialistas, todas as pessoas que têm formação específica para cuidar dos outros no contexto da saúde mental. Um encontro ao qual fossem todos os psicólogos, psicanalistas, psiquiatras, *social workers*, todas as pessoas formadas em enfermagem psiquiátrica, que têm treinamento formal para lidar com sintomas, com sofrimento psíquico. Vamos pegar todas as pessoas do mundo que fazem isso e reuni-las naquele país considerado como o modelo mundial para saúde mental, a Inglaterra, porque tem uma tradição de medicina familiar, de cobertura. Enfim, está se transformando, mas é o lugar onde há mais investimento, onde você tem mais capilaridade do sistema de saúde mental.

Todas as pessoas formadas naquele país, e elas não vão atender nem 30% da demanda! Trinta por cento das pessoas que precisam, por indicação direta, por indicação aproximativa, que requerem algum tipo de cuidado. Vejam que estou mudando a palavra: de tratamento para cuidado. Ou seja, a constatação é que não vai dar. Posso dar aula de psicologia o tempo todo, para expandir as faculdades. Não vai mudar uma palha no problema que estamos enfrentando. Isso levou a uma mudança, por exemplo, no Brasil, ainda não implementada. Vai ser muito difícil mudar o tratamento, o acolhimento do sofrimento mental, prerrogativa de todas as pessoas que trabalham com saúde. O primeiro passo é fazer isso.

Quando você vai a um pronto-socorro, quando você vai a uma UBS, uma UPA, você deveria poder ser acolhido, tratado, encaminhado, em relação ao seu sofrimento psíquico. Mas, mesmo assim, não vai ser suficiente, ou seja, é preciso uma mudança, incluir a saúde mental no nosso cotidiano. É preciso estabelecer redes, práticas, oferecer lugares, enfrentar o fato de

que essa é uma tarefa de todos nós. Não é mais um assunto: "Está dando problema, vamos procurar um psicólogo." Tudo bem, isso também acontece, vai continuar acontecendo. Mas não é por aí. Não é essa a primeira abordagem, o primeiro passo a dar.

Nesse contexto, achei muito interessante esse deslocamento de palavras. "Vamos falar de depressão e ansiedade", que são dois sintomas, dois diagnósticos. Mas a chamada para nosso encontro virou "Crescimento e sofrimento psíquico na adolescência." Uma coisa é falarmos em depressão e ansiedade, outra coisa é falarmos em sofrimento. Queria abordar exatamente esse deslocamento. Por trás dele tem uma tese e um conceito sendo desenvolvidos, disseminados; outros pesquisadores também estão trabalhando nisso, que é o conceito de sofrimento. Antes dos sintomas de uma depressão, de fazer uma ideiação do suicida, de fazer um transtorno de pânico, o que acontece? Como está essa pessoa?

Em tese, essa pessoa está em sofrimento, primeiro ponto. Mas nem todo sofrimento evolui para sintomas. Sofrimento mal tratado, mal encaminhado, mal reconhecido, com uma grande chance de ele ter que dizer aquilo que ele contém – que, no fundo, é uma espécie de grama de verdade. Quando sofremos, é porque existe algum conflito. Muito crescimento advém do sofrimento, mas o sofrimento, por si só, não faz ninguém crescer. O sofrimento não salva, não liberta, não redime nem purifica ninguém. A questão, justamente, – e é essa intervenção que cabe a todos nós –, é o que acontece com uma comunidade, uma instituição, quando ela deixa, por exemplo, de reconhecer formações de sofrimento significativas? Quando isso se dá, aumentamos muito essa probabilidade de que, em vez de sofrer, passemos para um segundo nível, o dos sintomas.

O pai da medicina, Hipócrates, num livro chamado *Enfermidades*, fez uma observação muito importante e atual. "Você, que quer ser médico, siga três mandamentos: primeiro, cure o que pode ser curado; segundo,

mitigue o sofrimento que pode ser mitigado, ou seja, diminua o sofrimento; terceiro – talvez mais esquecido –, não tente curar aquilo que não pode ser curado."

Nossa época confunde essas três coisas. Em primeiro lugar, ela tenta nos dizer que tudo pode ser curado, tudo tem uma resposta, um encaminhamento. A vida, se bem administrada, vai ocorrer sempre dentro de uma zona de conforto, de um estado de auto-organização, e as crises e conflitos que acontecem dentro disso são percebidos como erro, desvio de rota. Então, dizia o conselho de Hipócrates: precisamos refletir sobre um tipo de sofrimento que precisa ser aceito; é muito importante que ele seja aceito.

Isso vale, por exemplo, para nossa condição de mortalidade, que as pessoas acabam. Isso não é legal, *not good news*, vai terminar mal essa história. É importante não nos imaginarmos, portanto, numa vida infinita. Muito bom para aumentar a qualidade de sua jornada, importante para imaginar que não passamos por momentos cruciais da vida sem sofrimentos.

Por exemplo, todos os momentos em que estamos numa espécie de mudança de fase, seja quando aprendemos a andar ou a falar, seja quando passamos pela puberdade, seja quando entramos na adolescência, ou quando decidimos o que fazer com nosso trabalho, quando casamos, quando descasamos. São situações em que devemos estar advertidos de que isso faz parte. Não tente viver essas situações sem sofrer. E vemos isso acontecendo, vemos os pacientes chegando do velório, tristes, chorando, e alguém diz: "Espere aí, tome esse negócio aqui que vai passar.". Ouvi de uma senhora: "Mas eu quero chorar a perda dessa pessoa que é tão importante para mim!". Faz parte dessa experiência de despedida, dar tchau, dizer adeus. Vejam só o que ela teve que dizer! "Me deixe sofrer esse negócio." Porque isso aumenta a qualidade de minha experiência.

Esse é um critério que usamos quando vamos discutir saúde mental, especialmente em relação aos afetos, que hoje são o primeiro termômetro que temos para falar em sofrimento.

Há os afetos alegres, dizia Spinoza, e os afetos tristes. A tristeza, mas também o ódio, o ciúme, a inveja. O que é critério para pensarmos no que seria um horizonte de saúde? A capacidade de viver em toda intensidade qualquer afeto, inclusive os ruins. Ou seja, suspender essa partição entre afetos que temos que promover e outros temos que evitar ou sufocar. O critério é: você consegue viver profundamente sua tristeza? Se você consegue fazer isso, vai conseguir viver profundamente sua alegria. Você consegue viver assim, escavar em toda inteireza aquela paixão? Bem, então você vai conseguir viver o fim daquela paixão, a decepção com aquela paixão.

É isso que torna, mais ou menos, a vida algo que vale a pena, algo que nos tira de uma espécie de relato básico que temos ouvido nos consultórios, mas também em pesquisas qualificadas e, principalmente, a partir da conjunção entre um novo modo de trabalhar. Trabalhar por projeto, sem um vínculo de longo prazo, trabalhar muitos fins de semana, feriados, porque acabou a jornada específica de trabalho. Há uma alteração muito forte no que significa trabalhar da minha geração para a de vocês, alunos. Mas também há uma alteração muito importante de nossos modos de sofrimentos, que tem a ver com a entrada da linguagem digital. Outra maneira de falar, de estar presente, de sonhar, de escrever.

Entre a geração de Verônica e a minha, talvez, vivemos o primeiro grande giro de nativos digitais. Agora, vamos entender o que significou aquilo. Estávamos criando filhos pela primeira vez expostos a tablets, smartphones e similares. Nós mesmos, expostos a videogames, experiências novas.

Alteração forte na maneira de trabalhar, alteração significativa na nossa linguagem, nos modos, nos usos dos prazeres, de como aprendemos a

encontrar satisfação nas coisas. Alteração substancial, no duplo sentido da palavra substância, modulações de paisagens mentais produzidas por drogas legais, ilegais, medicalização massiva, medicalização da infância, explosão de diagnósticos. Isso aconteceu de 20 anos para cá.

Se analisarmos a quantidade de quadros clínicos que constavam no DSM, o código civil das doenças mentais, são coisa de 100, 200 novos quadros! Nenhuma área da medicina viveu isso em época alguma. Não se descobrem 200 doenças em 20 anos. Ou seja, tem um problema em como estamos nomeando nosso sofrimento psíquico. Há uma anomalia. Não sabemos direito o que isso significa, mas que foi algo estranho, foi! O surgimento de novas drogas, a descoberta de antidepressivos. Prozac é anos 1980, pouco tempo atrás!

Esses três elementos – nossa relação com o uso do corpo, o uso dos prazeres; nossa relação com o trabalho; nossa relação com a linguagem – se alteraram muito. Isso gera, então, impacto, efeito nos nossos modos de sofrimento. Mas não estávamos exatamente preparados para isso. Agora, está havendo um balanço do que aconteceu e estamos tentando reverter alguns efeitos ruins ou, pelo menos, tendo a ciência de algumas dificuldades que vieram com essas transformações.

Vou voltar ao ponto de que é preciso fazer alguma coisa. Podemos fazer alguma coisa com o sofrimento que detém, diminui, aplaca, mitiga, como dizia Hipócrates, o sofrimento. Mas o que, exatamente? Genericamente, escutamos dos alunos, dos pais e dos professores que precisamos conversar mais, nos escutar mais, estar mais juntos. Mas como fazemos isso?

Uma pesquisa recente mostrou que, contando a partir da Segunda Guerra Mundial, entre uma geração e a subsequente, os *baby boomers*, elas sentem um ponto e meio a mais de solidão que a geração seguinte. Vejam: esse é um dado contraintuitivo, porque sentimos nossa vida cada vez mais socializada. É cada vez mais fácil falar com os outros, encontrar

os outros. As redes sociais... Como explicar que, ao mesmo tempo, isso está acontecendo e nos sentimos mais solitários? Cada vez mais.

Uma hipótese é a seguinte: a linguagem digital operou uma mudança entre a vida pública e a vida privada. O que vivíamos na rua, o jeito de ser na rua, o jeito de ser com os outros e o jeito de ser em casa, com a família, com a vida partilhada, com cozinhar junto, contar histórias. Principalmente para aqueles com um percurso mais largo de vida, as coisas foram ficando parecidas. A vida em família começou a incluir o trabalho, o trabalho começou a incluir a vida em família; o público começou a se misturar com o privado, e vice-versa; as pessoas falando, expondo, colocando seu universo privado. E muita gente diz que tem um problema e precisaríamos voltar a produzir zonas de separação melhores. Não sei, acho que não. Acho que o problema está mais ao lado... Parece que nos perdemos nessa intrusão do público sobre o privado, e vice-versa. Isso tem a ver com as escolas, também. Quer dizer, questões privadas ("porque o meu filho..."), antes, eram claramente questões que cuidávamos em família; hoje, elas se tornaram questões da escola, dividimos a demanda, achamos que a escola tem que cuidar.

Mal ou bem, cada escola vai ter sua política, mas isso é um sintoma, um signo dessa mistura, dessa aproximação. Muito legal! A presença cada vez mais participativa dos pais na criação dos filhos tem a ver com esse processo. Bom, estamos juntos, mais juntos. O que perdemos – pensando no dado da pesquisa, de que, apesar de tudo, estamos nos sentindo mais solitários?

Num quadro do Magritte, duas pessoas estão muito próximas, mas elas não têm rostos ou estão com o rosto encoberto. Um quadro que fala, talvez, da situação de perda da intimidade. Expomos nossa privacidade e, às vezes, de forma obscena (*nudes* e coisa assim). Mas privacidade não é intimidade, porque privacidade tem a ver com revelar sua vida

interior, seus gostos, enquanto intimidade tem a ver com dividir incertezas, vulnerabilidades, coisas que você não sabe direito, que o fazem partilhar com o outro aquilo que seriam os limites de onde você consegue se reconhecer. Que você diz: até aqui vou eu, lá, começa o outro.

Isso acontece como um efeito dessa transformação no modo de trabalhar, de experimentar satisfações, de falar, de usar a linguagem. É uma espécie de corrosão da intimidade, da possibilidade de dividir, por exemplo, percursos incertos. O que aparece no lugar é contratualismo, justiça, judicialização de quase tudo, que é a lógica do contrato. Eu, indivíduo, livre. Você, outro indivíduo, livre, tem a esfera privada, pública, fazemos um acordo, um combinado, um contrato. Então, daqui você não passa, de lá eu não venho. A lógica do contrato é muito importante, pois organiza a vida pública e a privada. Mas se começamos a usar a lógica do contrato para tudo, quem morre é a intimidade, porque ela é sua ligação com o outro que não é contratual, que está sintetizada numa imagem de que gosto muito que é: vamos ao restaurante e eu não estou interessado em saber quem vai pagar a conta. Você tem intimidade com alguém quando isso pode acontecer. Perguntem-se: quando agimos assim? Às vezes, com algumas pessoas, de vez em quando. Isso é muita indeterminação. Pode terminar mal. Dizia Montaigne: "Intimidade gera desrespeito". Você quer intimidade? Vai ter desrespeito, porque a pessoa vai pisar no seu pé, vai dizer uma coisa que você não queria, ela não vai se comportar adequadamente.

Um diagnóstico, uma leitura inicial: há um déficit muito grande de intimidade entre as pessoas, excesso de contratualização, sentimento de que estamos sozinhos. Até sinto a presença do outro. Não sinto que tenho um rosto para o outro, sinto que sou substituível, e isso ao mesmo tempo em que estou dizendo na rede social que tenho sorvetes maravilhosos, animais fofíssimos, viagens incríveis, coisas que seriam só minhas. Quanto mais invisto nesse tipo de singularidade, mais ocorre um fenômeno associado ao déficit de intimidade, que é um sentimento de vazio, de que

terminei todas as tarefas que tinha. "Que legal! Não estou devendo mais à coordenadora do curso. Consegui terminar. Ótimo!" A vida em estrutura de lista. Quanto mais temos uma vida em estrutura de lista, mais chance para o vazio, de déficit de intimidade.

Mas como vamos fazer frente à complexidade do cotidiano? Abolindo essas regras que otimizam nossas relações? Temos que encontrar um jeito. Porque até agora não se conseguiu articular uma maneira de lidar com o sofrimento sem passar por três condições que o organismo articula. A primeira condição do sofrimento é a seguinte: ele responde aos atos de reconhecimento. Se olho para seu sofrimento e digo: "Engula o choro que amanhã tem prova", seu sofrimento é um; se olho para você e digo: "Meu Deus do céu, eu não aguento, porque você está chorando, por que sabe o que acontece quando você está chorando na véspera da prova de Química? Eu sofro! Eu sofro porque você está sofrendo! Então, pelo amor de São Dimas, pare de sofrer, senão vou sofrer também!", E um outro que gosta de mim vai olhar para mim e dizer: "Você está sofrendo por causa do seu filho?". Vou dizer: "estou", e ela, que gosta de mim, responde: "Então agora estou sofrendo porque você está sofrendo, porque seu filho está sofrendo." E seu filho ou sua filha olha para você e diz: "Estou sofrendo porque estou vendo minha mãe sofrendo porque eu estou sofrendo. Não quero isso." Ou seja, sofrimento é contagioso; sintomas, não.

A chance de você pegar uma depressão de sua mãe existe, mas é mais devagar, mais complicado. A chance de você pegar uma ideia obsessiva também existe, mas é mais improvável. A chance de você pegar sofrimento daquele com quem você vive, gosta, se identifica, é altíssima! Aliás, é quase necessário. Se você não pega, há um problema com você. Você está perdendo a capacidade de ser afetado pelo outro. É por isso que, por um lado, dizemos: "Olha, precisamos estar mais próximos, ouvir os outros." Mas no segundo capítulo, terceiro parágrafo, você diz: "Pera aí, isso

vai me desorganizar! Se eu começar a entrar aqui nessa bagunça, essa bagunça vai grudar em mim."

Atitude equivocada número 1: quando vamos escutar o outro, dar soluções. "Faça assim, faça assado. Pare de pensar, volte a trabalhar...". Enfim, dar soluções que, muitas vezes, são uma forma de tentar parar a conversa. Porque essa conversa muito longa me faz sentir impotente, porque minha atitude diante do sofrimento é a de que ele é um déficit para mim. Se meu filho está sofrendo, é porque eu fiz alguma coisa errada. Se aquela pessoa de quem gosto, legitimamente amo, está sofrendo, é porque não a amei o suficiente, fiz ou deixei de fazer alguma coisa que devia ter feito. E essa atitude ascendente não é boa para o tratamento do sofrimento.

O tratamento pré-clínico do sofrimento, aquilo que podemos fazer antes de precisar de um psicólogo, ou psiquiatra, ou terapeuta, ou coisa que o valha, é, em primeiro lugar: como é que vamos reconhecer? Dizer "você está deprimido" é uma forma de reconhecer, mas é uma forma, poupa um pouco o trabalho. Porque quando digo: "Puxa, depressão, problema grave, estou preocupado!". Mas o problema é de quem, mesmo? Chama Chris, chama o cara da depressão. Não entendo desse negócio aí, manda lá para ele porque olha só que nome incrível que ele tem! Não é bom, não é a melhor forma de enfrentar isso!

Em primeiro lugar, dizer que alguém está com depressão é similar, às vezes, a dizer "essa pessoa está com febre." Febre pode ser tuberculose, sífilis, lepra, pode ser qualquer coisa. É um sinal muito indefinido, do ponto de vista clínico. Você pode dizer que há vários tipos de depressão. Várias depressões como respostas esperadas para uma situação de perda. Há pessoas que precisam do luto por mais tempo. O luto vai devagar, você pode dizer: "isso é uma depressão". Não! É um luto mais comprido, um luto pelo qual a pessoa vai passar mais devagar. Tem aquele que diz: "não quero pensar em quem eu perdi", e faz uma depressão de outro

tipo, "não quero saber da perda." Vou mudar a chave de perda de entes queridos para todos os tipos de perda: perda de ideais, de forma do corpo quando você passa a puberdade e vai para a adolescência, e o trajeto da adolescência é difícil de entender para quem está adulto. Para aquela pessoa com um luto acontecendo, porque aquele corpo que eu tinha foi embora e eu tenho outro que é um desgovernado! Eu nem sei como funciona, que botão aperto pra ele parar. Espero que a pessoa se despeça bem do corpo que foi, acolha o que está chegando, mas é um trajeto para o qual é esperado que você tenha um momento de recolhimento, um momento de elaboração de luto. Não está conseguindo fazer? Muitas vezes, porque se impede ou se condena, ou se diz: "isso não pode estar acontecendo". Aí virá uma depressão clínica. Mas, veja, uma decorre da outra. É como se os estados depressivos fossem naturais. Precisamos ficar deprimidos em algumas situações. O que é o patológico? Engrenar na coisa e ficar naquilo. Uma vida assim, não. Tristeza não é depressão. Qual a diferença? É o que estou tentando passar para vocês.

Há outros tipos de depressão. Há depressões gravíssimas, que você não vai enfrentar com escuta, não vai adiantar muito o acolhimento básico. O que estou questionando é o uso massivo de palavras que têm peso diagnóstico para não enfrentar o sofrimento, para não reconhecer o sofrimento na particularidade que é daquela pessoa, daquele momento. E, portanto, entrar em contato com o aspecto contagioso da depressão, aspecto em que a depressão é uma experiência de sofrimento.

O que complica mais? Estava dizendo que a solidão é algo que vem crescendo mais e mais. A solidão acompanhada de uma interpretação que a gente tem sobre o sofrimento mental, que é uma interpretação que diz: "Sua vida psíquica, o que você sente, o que acontece com seus afetos, tudo isso é individual, é sua culpa.". Onde vocês vão encontrar isso? Na vida do trabalho. Mudou a fábrica de Hong Kong para a China, mudou o *budget*, mudaram os investimentos. É perder o emprego. Qual é a culpa? Sua!

Exclusivamente sua. O que você tem a ver com a China, com o mercado do nióbio? Nada! Mas a gente olha para essa experiência e diz: "É que talvez eu não tenha investido o suficiente na minha empregabilidade.". Sua culpa! Só sua culpa! Individualmente, sua culpa. Essa narrativa está dada e faz com que a depressão seja hoje a segunda causa mundial de afastamento do trabalho. E vai ser a primeira em dez anos, porque o depressivo é uma espécie de perfil ideal para falarmos daquele que não produz, daquele que não consome direito e daquele que olha para a vida pensando exclusivamente: "onde foi que eu errei? Estou me observando, eu podia ter feito alguma coisa melhor. Estou sozinho."

O mesmo se poderia dizer para ansiedade, para síndromes ansiosas. O ano de 1807 é considerado fundador para a psiquiatria, quando Philippe Pinel escreveu o *Tratado médico filosófico das manias*. Como ele descrevia as manias? É um estado em que a pessoa está sempre de bem com a vida. Ela acorda saltitante todo dia, faz academia, trabalha sem parar, pode escrever um livro em um fim de semana, tem ideias brilhantes, contagia quem está em volta! O que o Pinel fazia com alguém assim? Punha no manicômio. Se você tem um problema, vai para a casinha, porque você tem que pensar. O que nós fazemos com essa mesma pessoa? É o meu gerente de marketing! É o que eu estava precisando! É o meu aluno, que vai publicar cinco *papers*, porque antes de eu pensar, ele já foi e voltou. Que incrível! Aquilo que há 112 anos era o primeiro livro, hoje se torna um tipo de normalopatia. É uma normalidade que está tão nublada entre nossos ideais que não vemos que ali há um sintoma declarado ou uma forma de sofrimento, tipicamente ligada com a ansiedade, tipicamente ligada com ideais que eu tenho que cumprir, me adequar, ser uma pessoa que responde ao que o mundo espera de mim.

Sim, todos nós temos que fazer frente a esse desafio, mas com outro desafio, que é ser a pessoa que espero de mim, que coloco para mim. Na verdade, o que você quer para si é uma nota mais alta de geografia e

outra de história, porque, no fim, você vai querer entrar numa faculdade etc. etc. Ou seja, temos uma experiência de sofrimento. Como é que vamos reconhecê-la? Como uma experiência individual? Então, *losers or winners*. É sempre individualizado. Sempre o triunfo único daquela pessoa, ou a culpa única daquela pessoa. Ou vamos partilhar? Ou vamos ter intimidade? Ou vamos distribuir ganhos e perdas? São políticas diferentes. Nós vamos empurrar o sofrimento para um especialista ou vamos ter que fazer uma coisa que custa muito caro subjetiva e objetivamente, que é ouvir os outros. Ouvir toma tempo e tem a ver com uma segunda característica do sofrimento, que é o fato de que o sofrimento se estrutura como uma narrativa.

Os médicos que atendemos dizem que está difícil, porque o plano de saúde diz que é preciso entregar tantas fichas, e aí recebo aquele paciente, e o que ele começa a me dizer? Que brigou com a namorada, que não está bem, que aconteceu uma coisa e ele quer falar, e narrativizar seu sofrimento demora tempo. Demora tempo para encontrar as palavras; você diz uma vez e não era bem isso que queria dizer. Demora tempo para descobrir o que você está sentindo. Chama-se alexitimia, sintoma descrito nos anos 1960 por alguém que estudou o mundo do trabalho. Ele olhou para um tipo de vida que era mais ou menos assim: vai para o trabalho todo dia na mesma hora, enfrenta uma coisa meio mecânica, meio automática, que você não tem que pensar muito, mas que fica estressado. Então você chega em casa e só quer fazer uma coisa: ligar a televisão e abrir uma lata de cerveja.

O tempo vai passando, e o que vai acontecer com essa vida? Segundo esses estudos, provavelmente, você vai ter um adoecimento psicossomático e esse sintoma chamado alexitimia, que vem de léxico, palavra que se refere ao vocabulário, à linguagem, às palavras, e de timos, sentimentos. Então, a impossibilidade, a dificuldade de saber o que você está sentindo. Isso quer dizer o quê?

Sinto um afeto complexo como: minha amiga está namorando aquele ex, com quem um dia eu quis ficar, ele não quis nada comigo, mas foi com ela. Conteí isso para minha amiga, e minha amiga está me traindo ou não? Extremamente complexo o que estou sentindo. É um tipo de ciúme invertido, com inveja na rebatida e ódio pra caramba! Para entender o que estou sentindo, preciso contar uma história comprida para o outro e para mim. E contar uma história precisa ser com detalhes, para você poder saber exatamente o que está sentindo. Agora, imagine uma subjetividade em que não há espaço para contar uma história comprida, em que dizemos logo qual é o problema que temos que resolver. Como ela vai sentir essa mesma situação?

Ela pode dizer: "Eu estou me sentindo desconfortável.". Ela vai sensorializar os afetos, em vez de sentir inveja, ciúme misturado com ódio, ela só diz "eu sinto uma coisa estranha, e sinto isso no meu corpo.". É clássico: 70% das dores de barriga até os 12 anos são isso. Na puberdade, crianças sentindo coisas que não têm nome, não tem história. Ninguém está falando para elas "isso chama aquilo", não está partilhando. Então, o que você tem? Dor de barriga. E não é mentira, não é falso, não é que ela está inventando uma coisa que não tem. Ela sente através da dor de barriga, é seu jeito de sentir. Em vez de contar uma história, aquela história comprida, eu tenho esse mal-estar,

essa coisa bastante perigosa se maltratada, não escutada, não reconhecida, não transitivada. Uma coisa que leva a soluções do tipo "preciso fazer algo". Conhecem o tipo? A hora em que sinto isso, "preciso fazer alguma coisa", tipo ir ao shopping e comprar, ou então preciso fazer alguma coisa, tipo consumir, jogar, qualquer coisa. Coisas boas, inclusive. Estudar, por exemplo. Péssimo! Péssimo, se você, naquela hora em que precisa contar uma história sobre seu sofrimento, substituir isso por um "vamos nos ocupar com alguma coisa.".

Péssimo! E aí enfrentamos uma coisa superlegal, que veio para reinventar nossa vida, que é excelente, e se chama vida digital, rede social. Todo mundo mete o pau. Vejo que isso reinventou a sexualidade na terceira idade, fez pessoas se reencontrarem, namoros, acontece de tudo! A rede social é ótima! Não é ótima quando, em vez de contar uma história, você pega e se ocupa com Candycrush ou com o Minecraft. Aí não é legal, mas não culpe o Minecraft, ele é ótimo! Nós é que estamos produzindo uma situação de laço social em que contar uma história, falar do meu sofrimento, é uma encrenca. E uma encrenca não só transgeracional, não é só queixa antiga, se acentuou.

— Filho, como foi na escola?

— Bem...

— Mas eu queria ouvir os detalhes. Caiu álgebra ou não na prova?

— Não.

— Escute, filho, ontem estava todo mundo aqui discutindo, você vai me contar como é que foi?

— Vou... Hum...

E o pai de um lado, a mãe do outro começam a se desesperar porque veem sinais e leem coisas na escola, no jornal e o Chris Dunker aparece lá, fala coisas, e aí preciso falar que ele não está partilhando comigo o que sente. Um problema! Porque ele não está partilhando com você e, muitas vezes, não está partilhando com o amigo, a amiga, com aquela pessoa que ele começa a temer que vai usar aquilo contra ele ou ela no momento seguinte. Lidamos com o sofrimento escutando os outros, é óbvio. O sofrimento depende de como o reconhecemos, psiquiátrico ou não psiquiátrico, moral... Tem gente que diz: "Vou reconhecer seu sofrimento como problema moral", então você tem mais fé do que cura. Não estou defendendo nenhuma chave, estou dizendo que o sofrimento depende de como o reconhecemos. Escolha o que for melhor, teste todas, até dar certo.

O problema é que esse pai e essa mãe que dizem: "meu filho não fala comigo", quando você pergunta: "Mas vocês têm falado do seu sofrimento com ele, nos termos, no tempo, na condição que ele consegue escutá-los?". Como assim, eu falar das minhas coisas? Sou adulto, protejo. Ele tem um problema, eu escuto. Você não fala que está com problema, que sua mãe encheu a paciência de novo. Você não conta. Costumamos protegê-los e usamos essa artimanha de "como é que eu vou dizer coisas que vão me colocar como alguém vulnerável?". O que estou ensinando? Não seja vulnerável. O que estou ensinando? Do ponto de vista como estou, conto a história do meu sofrimento? Nada! Estou ensinando a ficar quieto, a nomeá-lo de uma maneira bruta. Estou ensinando que só falamos dos lados legais da vida ou brigamos, que é uma outra versão da coisa, também. Não tem lá uma grande história nisso. Como é que narrativizamos, como é que reconhecemos, como transitivizamos? Transitivity tem a ver com essa dimensão contagiosa do sofrimento, de que quando vamos acolher o sofrimento do outro, ele vem para nós. Não sabemos mais se aquilo que estou sentindo é o que eu estou sentindo ou se estou sentindo aquilo porque o outro está sentindo.

Essa indeterminação pode acarretar estados muito ansiosos, gerar situações de conflito, briga familiar e entre casais. Geralmente, elas são caso de excesso de transitivity. Tecnicamente, transitivity é quando o agente da ação se confunde com o paciente. Então, eu vou lá, xingo o outro, mas o que eu sinto? Que ele que me xingou. Você está de fora, você fala: "mas esse cara está falando um monte de barbaridade, está zoando com o outro". Mas ele sente que ele foi zoadado.

Vocês não queriam intimidade? Isso é intimidade. Mas a coisa se enovelou, se mistura e leva a gente a estados com um custo objetivo e um custo subjetivo. Tem um custo que não estamos colocando nas nossas vidas. Insistimos em "vamos fazer academia, vamos fazer regime, vamos cuidar da nossa saúde", duas, três, quatro vezes por semana. O que vocês

fazem para o cuidado de si? Cuidado de si, nesse sentido, narrativizar o que você está sentindo, compartilhar, explorar, quer dizer, o cuidado com o outro, uma prática muito antiga. O cuidado de si, prática também muito antiga. A interpretação dos sonhos, que Freud usou para fundar a Psicanálise, muito antes da Psicanálise, era uma prática de cuidado de si.

A meditação, para os antigos, era um exercício para você ver as coisas de longe e de perto. Por isso, os filósofos antigos diziam: "Quem quer que seja a fazer filosofia, tem que observar as estrelas. Todo dia!" Quando você olha as estrelas, que tamanho tem você? Que tamanho são seus problemas, perto de um negócio...? Muda sua perspectiva. Assim como, depois de olhar as estrelas, vai polir lentes, trabalhar com as mãos. Porque você então vai olhar de perto aquilo que não quer olhar. Vai olhar sua conta bancária, seu exame de triglicérides... Por que você não quer? Porque você prefere a posição intermediária, e esta é fixa. Estou aqui, não tenho que olhar para o céu, nem para os grandes problemas.

Eu poderia ficar enumerando aqui práticas, mas é só para vocês terem uma ideia de como criamos uma cultura que cuida muito do corpo; não tem nada errado com isso. Cuida muito da educação, do desenvolvimento, dos saberes, de potências. E o cuidado consigo? Porque esse é um ponto crucial no destino do sofrimento. Geralmente, o erro de principiante: você vê uma pessoa sofrendo, quer ir lá, quer fazer alguma coisa, dizer algo para ela parar de sofrer, dar um conselho, por exemplo, uma sugestão, às vezes abrir a carteira. Legal, todas elas são boas. Mas a atitude fundamental para lidar com o sofrimento não é substituí-lo por outra coisa, mas ajudar aquela pessoa a cuidar de si.

É isso o que fazemos na análise. O que eu vou fazer ouvindo uma pessoa que vem meia hora por semana, duas vezes por semana, falar das suas coisas? Nada, se eu não conseguir fazê-la sair dali pensando em algo que leve a algum cuidado consigo. Nada vai mudar, nenhuma transformação

real vai acontecer. Mas posso dizer como é que faço para ajudar aquela pessoa a levar adiante, a cuidar de si, e essa é atitude básica que estou querendo transmitir a vocês. Quando falarmos em sofrimento e crescimento, precisamos ter isso em mente.

O que nós estamos dizendo para os nossos adolescentes, crianças, sobre quais são as narrativas que devem governar nossas vidas? Estamos dizendo coisas como "agarre-se a seus objetivos, lute pelo que você quer, tenha foco, muito foco!" Se você se concentra, tem foco, sabe o que vai acontecer? Vai acontecer o que vocês estão vendo. Os objetivos são importantes, mas uma vida feita de objetivos, em forma de lista, não pode dar certo. Os objetivos precisam se situar numa espécie de dialética com os meios, com o processo. Teve um bom resultado? Legal, isso é importante, não está fora do baralho. Nosso universo cultural é de competição, então tem uma comparação, sim, mas qual o peso que se dá para os fins, para os resultados, e como isso se relaciona com o processo? Você fez a sua parte, fez o melhor que pode. Posso escolher gramáticas de reconhecimento aqui e lá. Posso dizer "passou de ano ou não", posso dizer "você fez o seu melhor e me contou isso, e eu acredito porque vi e participei."

Muita gente teve uma onda de déficit de atenção e hiperatividade. Isso está passando. Em alguns casos, isso procede, apesar de essa doença ter sido inventada em laboratório. Quem fez isso deu uma entrevista antes de morrer, confessando. Uma parte significativa dos casos de déficit de atenção são de excesso de atenção, casos em que você queima a pessoa ensinando a ela do primeiro dia ao último que é preciso foco, concentração, túnel. Só isso, não se desconcentre.

Eu poderia ficar contando as narrativas possíveis para enfrentar o sofrimento. Por isso, adapte-se, use a face que você precisa para aquela situação, seja flexível, mude de ânimo, humor, roupa cabelo etc., para ser flexível com a situação. No fim, você olha no espelho e vê o quê? Um vazio.

Temos que construir os próprios caminhos. Desejamos para nossos filhos que eles sejam autônomos, independentes e capazes de fazer seus próprios caminhos. Então, vá fazer seu próprio caminho! Mas não é bem assim. Algumas narrativas têm um grão de verdade, mas se você as aplica sem um trabalho específico, elas matam a pessoa. Quem é que aguenta levar um caminho desses nas costas?

Uma narrativa muito, muito forte, no momento de excesso de competição, comparação, métrica, resultado. E escutamos muito isso nos consultórios.

- Como é que foi na festa?
- Ufa, consegui!
- Como assim, consegui?
- Saí ilesa, ninguém veio com *bullying* para cima de mim, ninguém me encheu a paciência, ninguém me atacou, não sofri nenhum assédio, estou bem, minha vida está bem porque ninguém pôs o farol em cima de mim.

Vidas sobreviventes. Vidas, vamos dizer assim, que estão em estado de esconderijo, um estado de "se eu não for posto na berlinda, melhor".

## Debate

---

### Pergunta 1

Posso falar que foi muito, muito bom ouvir tudo. Você falou bastante de como o sofrimento psíquico pode ser algo contagioso. Então, gostaria de perguntar, colocando num contexto escolar, que é o que a gente vive todos os dias. Por exemplo, se você tem um amigo ou amiga passando por um

grande problema, um período de sofrimento psíquico, para não dar nenhum nome aos bois errados.

Por exemplo, digamos que a pessoa vem com um diagnóstico de depressão, foi no psicólogo, no psiquiatra, "estou deprimido". E você recebe essa notícia. Como não protagonizar o sofrimento do outro, sendo você amigo, sendo você o pai? Como não entrar nesse ciclo vicioso de "eu sofro porque você sofre", e a pessoa sofre de volta e se fecha, porque não quer ver você sofrendo? Como não protagonizar o sofrimento alheio?

## Resposta

Eu diria que depende um pouco de qual história você tem com essa pessoa. Quer dizer, um amigo muito próximo vai demandar uma coisa; alguém muito longe vai demandar outra; existe um terceiro caso, muito interessante, em que o fato de você perceber isso no outro cria uma proximidade, um laço, uma oportunidade de dizer: "Pô, você está bem?", querendo ouvir, porque uma forma mais simples é fazer essa pergunta querendo passar para a próxima coisa. Então, em primeiro lugar, é abrir para uma indagação, uma interrogação, uma dúvida. Uma coisa que nos fecha muito é justamente a ideia de que o sofrimento, tudo o que levou a esse negócio que o psicólogo, o psiquiatra chamou de depressão, ficou suprimido. Agora, ela lhe diz: "Tenho um diagnóstico depressivo" e você responde: "Bom, se ela está dizendo, quem sou eu?". E nos intimidamos de perguntar o que significa isso.

Esse é o primeiro mandamento que temos na clínica. Dou aula para o 4º ano na Psicologia, e a ideia que temos do que faz um psicólogo é a de que ele entende as coisas. Você fala e ele entende. O truque é que ele não entende. Ele é um profissional do "não entendimento", por isso que ele fica falando: "Não, mas me fale mais disso. Mas eu não entendi aquilo...". Como é que uma coisa se junta com a outra? É como se fôssemos organizar uma pequena viagem, uma pequena pesquisa, uma pequena investigação. Ela depende de se fazer quatro coisas. A primeira é cultivarmos um negócio,

às vezes, um pouco raro: a hospitalidade. Você está com um diagnóstico de depressão, então abro minha casa para você: "Venha! Tenho lugar para você, me conte como é isso!". No sentido de que eu sei que isso pode pesar, mas eu aguento, quero me aproximar, abro uma porta, uma janela, quando eu consigo e posso. Senão, você se prejudica também. E, no fundo, você está aprendendo com aquilo chamado depressividade. Em todas as formas de sofrimento, em todos os tipos de sintomas, é como se houvesse uma verdade que foi esquecida. Por isso estou falando em pesquisa. Uma verdade ou uma palavra que não pode ser dita, uma lembrança que não pode ser feita, um desejo que não pode ser nomeado. Com o que você vai entrar primeiro? Com a hospitalidade.

Segundo h: investigação, hospital. Fale o que é, quando piora, porque eu não sei. Acho que tenho isso, também. Terceiro: falamos de Hipócrates, do hospício. Aguentamos o tanto de loucura do outro até o tanto de loucura que nós mesmos fomos capazes de olhar em nós. Por isso, têm uma atitude de afastamento. No fundo, são aqueles que temem muito, que têm pouca intimidade com a sua loucura. Mas sem heroísmo, porque muita gente diz "vou ser empático, vou me meter na vida do outro", e você sai se arrastando, enquanto o outro diz "dei uma melhorada". Só que você ficou em pandarecos, moído! Não, é um aprendizado para os dois. Até onde posso ir, até onde consigo ir e até onde o outro me deixa ir? Isso é um tipo de viagem, de aventura.

E o quarto "h", de hospedeiro. O que falamos a esse respeito para os outros? Como estamos agora? Você está me contando sobre sua amiga, fez o papel de transmitir isso para os outros. Muito importante! Os outros estão entendendo essa narrativa, se reconhecendo, dizendo "poxa, essa pergunta fala de você, fala da gente, fala de quem a gente foi, de quem a gente tem que ser". Quer dizer, isso trata, faz com que o sofrimento se torne uma experiência produtiva. E não quer dizer que ela deixou de ser sofrimento, mas produziu algo entre nós, estreitou laços, descobrimos coisas, inventamos palavras. Outro jeito é "fica você na sua, que eu fico na minha". E o que produzimos com isso? Produzimos mais sintomas.

## Pergunta 2

Depois de tudo o que você falou sobre a importância das relações, dá um medo das relações, muito, aliás! E você fala de relações próximas, íntimas, apesar de que nem todos têm essa facilidade de atingir essas relações, necessariamente. Mas, e se eu não tiver?

## Resposta

Parece que é algo que vem com a pessoa; tem gente que sabe fazer, outros não. Porque isso que estou chamando de cuidado com os outros, de cuidado consigo mesmo, de compartilhar, do ponto de vista da escola, isso tem a ver com cuidar da comunidade. É um pouco o que estamos tentando fazer hoje. Estamos juntos, é uma atividade, mas ninguém vai precisar de nota aqui. Estamos juntos tentando cuidar, enfrentar isso, e é fazendo que aprendemos a fazer. Muito do nosso respeito excessivo pelo sofrimento alheio é porque viramos uma cultura de especialistas. Acha que vamos encostar no outro: "eu posso ter feito mal para ele". Se ele não gostou, vai me contar e vou em cima e vamos aprender juntos. Essa ideia está cada vez mais rarefeita, mas é possível. Você vê escolas, grupos, momentos em que isso acontece mais.

Vamos considerar uma classe. Tem uma pessoa que você sabe que você pode procurar na hora do aperto. Faz toda diferença, e, às vezes, não valorizamos essa pessoa. Ela está lá, cumpre aquela função – às vezes, são professores. Existe professor que sabe fazer isso. Acho um crime quando começamos a desautorizar os professores, dizendo: "Vocês não sabem como cuidar dos outros. Quem sabe é o psiquiatra, o psicólogo, o psicanalista." E ele diz: "Está bem, então não me meto!". Péssimo! Exatamente o contrário do que estou querendo dizer. Nem todo mundo tem essa facilidade, tem gosto, mas se olhamos com essa atenção, vamos descobrir aquele cara que dá um apito, que quando fala, está dizendo "gente, parou, passou de um limite aqui, tudo bem zoar, legal, mas essa pessoa não está gostando". Não tem o cara que fala isso naquela hora, na festa, todo mundo

enchendo o saco do cara, e a pessoa fala? Ninguém autorizou, ela não teve eleição de grêmio para fazer aquilo, mas precisamos localizar, porque esses são nossos recursos naturais para enfrentar o sofrimento psíquico, não estamos num deserto. "Não sei fazer nada, então alguém tem que fazer por mim." Quando vocês me chamaram, sabiam o que estavam fazendo. Vocês tinham uma leitura, estão lendo a realidade, estão vendo YouTube, falando com os professores. Isso já é parte da conversa, aquele momento em que chego com meu amigo e falo é só mais um capítulo disso tudo.

### **Pergunta**

Fala-se muito de inserir na prática, no dia a dia, o cuidado com a saúde mental. Sempre ouço isso, em qualquer debate desse tipo. Mas o que é isso, na prática? O que é cuidar da sua saúde mental no dia a dia? Nunca consegui entender muito claramente.

### **Resposta**

Concordo que isso parece etéreo. Como é que se faz isso? Tentei dar alguns exemplos, mas há uma habilidade que consideramos "habilidade-mãe" para as outras, a habilidade de escutar. Escutar não é ouvir. A escuta começa com saber que vozes, que afetos estão falando em você. Escutar o outro. Eu digo isso e você: "Mas isso é banal, faço o tempo todo." Não é! Estava falando com Verônica justamente sobre como a maior parte das nossas conversas não entra na escuta, que tem a ver justamente com partilha de indeterminação, incerteza, sofrimento. Eu diria que isso é a origem.

Para quem tem como perspectiva estudar fora do Brasil, principalmente nos Estados Unidos, Oxford ou Cambridge, universidades de ponta, vocês vão ouvir uma conversa mais ou menos assim: "aqui a gente não quer saber de nota", qualquer um que entre nessa parada já tem notas altíssimas; o problema é como fazer depois da nota, o que você tem para entregar depois da nota. Mais ou menos como quando se diz: "se você se preocupa

com quanto custa a manutenção de um iate, você não pode ter um iate". Se você se preocupa com a nota para entrar em Oxford, vá fazer outra faculdade. O que eles querem é um *soft skills*, empatia, capacidade de trabalho em grupo, criatividade. Todas elas dependem da escuta. Se você não for capaz de escutar o outro... Escuta pede empatia, alta reflexividade ética, e esta pede criatividade. Escuta pede alto domínio social de habilidades linguísticas; a escuta é a matriz das *soft skills*, das habilidades socioemocionais. Como é que cuidamos, na prática? Não é como você vai a uma academia, faz exercícios e fica melhor. É quanto e quando você está realmente escutando a si para poder escutar o outro. Qualquer coisa que você faz na sua vida pode estar associada a isso. Quando você lê um livro para valer, quando vê um filme a sério, quando troca uma ideia de verdade com seu amigo, sua amiga. Sei que pode parecer um pouco aproximativo, mas as pessoas percebem quando falamos autenticamente com o outro. "É só isso? Vou fazer!" Experimente, que você vai ver como é difícil fazer, como é difícil manter isso em sua vida, escutar os outros, não de passar pelos outros, funcionalizar, trocar com os outros. Não tem nada a ver com troca. Trocar é bom, mas escutar é outra coisa.

### Pergunta

Você deu alguns lampejos durante sua fala, mas gostaria de ouvi-lo desenvolver um pouco melhor essa ideia que se tem percebido, não só na vida familiar, mas também na escola, de pessoas com dificuldade de estarem coletivamente. Isso que a gente chama de medo ou fobia social.

### Resposta

De fato, esse é um dos sintomas ascendentes. Posso dar alguns traços de coisas associadas a isso. Por exemplo, crianças que desde pequenas são seriamente desestimuladas a se sujar, que não são incentivadas a brincar com areia, com barro, a se colocar em situações em que elas não estão com

certo recuo em relação ao outro. É um tipo de sintoma que, muitas vezes, acontece com subjetividades, com crianças que, às vezes, são estimuladas, às vezes até uma resposta que chamamos de resposta de esquivia diante do conflito.

Há um conflito de vontades, você quer uma coisa, eu quero outra, que é a base da educação. "Vai tomar banho", "não", "quero comer chocolate antes", "pare com o videogame". Nesse conflito, são sujeitos que dizem: "Em vez de me transformar, vou operar fazendo mudanças na realidade", de tal maneira que não enfrento propriamente o conflito, eu mudo a chave. Uma das coisas surgidas com as redes sociais e a linguagem digital: diante da possibilidade de um ambiente tóxico, que a gente mais ou menos viveu o ano passado, ano retrasado, o que você faz? Sai do Facebook, do WhatsApp, daquele grupo e vai aprendendo a pensar que o melhor a fazer é sair, diante do conflito.

No final, você vai ter aquela pessoa para a qual a situação de estar junto com o outro se torna ansiógena, porque não sei mais como lidar quando tenho que me colocar diante de um conflito. Às vezes, recebemos na clínica uma queixa muito curiosa. "Não consigo fazer apresentações em público; na hora do balanço da empresa, não consigo falar." Por quê? É uma situação parecida com a que está acontecendo aqui. Você faz a pergunta, e tenho que responder alguma coisa. Seria péssimo se eu dissesse: "Puxa, sua pergunta me ferrou! Vou pensar, depois lhe digo alguma coisa." O vínculo de fala cria uma temporalidade para o conflito que a escrita não tem. Recebi uma mensagem que não gostei, não respondo, ou não respondo agora, vou responder depois, vou tirar do Whatsapp quem me mandou. Controlo a realidade, não controlo minha transformação diante do conflito. Ou o sintoma, que seria oposto: partir para a agressividade. Aí não tem conflito, porque tem força. Se tenho força, vou exercê-la sobre o outro. São sintomas de mesma estrutura. A cultura japonesa tem produzido alguns sintomas muito curiosos que têm a ver com isso. Por exemplo, crianças que produzem algo chamado mutismo seletivo: não falo mais

com estranhos, com colegas, com professor, não falo com adultos, só falo com a mãe e o pai. De repente, eu não falo mais porque a situação de fala é mais conflitiva. Eu escrevo, não é que aquela pessoa tem um problema muscular ou um fono-articulatório. É que a situação de fala é um palco para conflitos.

### **Pergunta 5**

Vejo muita gente que realmente só expõe as coisas felizes, mas tenho visto muita gente que fala, expõe muito suas tristezas, em posts de Facebook, em grupo com 10 mil, 20 mil pessoas. A pessoa escreve o que está sentindo, você vai falar com ela e ela "não, está tudo bem, só queria desabafar". Às vezes, a gente, por ter esse vazio, quer alguma atenção. Queria saber de que maneira isso alimenta a ansiedade, a depressão, porque eu sei que alimenta. Já me vi fazendo isso e não sei como entender.

### **Resposta**

É um desafio! Você pegou que tem uma coisa meio diferente nisso. Um dos motivos pelos quais o Instagram não disponibiliza mais o número de curtidas é para tentar reduzir a competição por cliques; no fundo, por um tipo de reconhecimento. Lembra que comecei falando "olha, o sofrimento é covariante com sofrimento, depende de como você o reconhece". O que a gente tem nessa situação específica é uma espécie de ambiguidade: até certo ponto, a impossibilidade, a dificuldade de enfrentar uma partilha de afeto, de sofrimento, pode ser compensada com o uso de uma rede social. Ou seja, até certo ponto. Eu diria que é um começo de conversa, quando alguém se abre, se coloca. Depois de um certo ponto, o que temos é algo extremamente perigoso, complicado, que se chama dramatização do seu sofrimento. Não é que a pessoa está mentindo, ela está sofrendo, mas a forma de falar do sofrimento altera o que está acontecendo com ela. O que ela começa a fazer? A produzir histórias sobre si, que pegam seu

sofrimento e o deformam para produzir uma espécie de avatar, de desdobramento, de duplo de si. E isso não trata o sofrimento, isso piora, porque produz mais dissociação, mais hiato entre você e o outro. Porque, na verdade, você acha que está falando com ela porque ela está se abrindo no seu sofrimento, e você está falando, vamos dizer, com o avatar dela, o duplo dela. Compreensível, mas quando começamos a sancionar isso como uma dramatização, é possível que piore, que o outro se torne um pouco dependente demais disso, porque o que você vai oferecer em geral nesse suporte, nesse tipo de apresentação, é um reconhecimento de baixa qualidade. Não porque não seja genuíno – mas o que você pode dizer por lá? "Sinto pena, tenho compaixão, senti algo parecido também". Isso dá uma história, não? Qual a característica do Instagram? Ele não é discursivo, ele é uma coisa mais para imagem e para mensagens mais curtas. Não é para uma conversa. Então, se discute bastante que é fácil a gente passar de um primeiro nível, em que a rede social é uma forma de você enfrentar o sofrimento, para o momento em que ela se transforma num indutor de mais e de novas formas de sofrer.

### **Pergunta 6**

Você acha que existe algum tipo de idealização, nos últimos anos, da depressão, no mesmo formato com que, no século XIX, idealizavam a tuberculose como um símbolo de profundidade? Acabei de ler um livro de uma psicanalista sobre isso, *A doença como metáfora*, de Susan Sontag. Você acha que a depressão é a grande metáfora do século XXI e a gente usa essa doença como uma representação de caráter das pessoas?

### **Resposta**

Excelente pergunta, e a resposta é não! Não, porque o que acontecia com o sofrimento do jovem Werther, que gerou uma onda de suicídio? Assim como o amor, os romances, os filmes, as peças de teatro nos ensinam a

sofrer. Quando Goethe montou aquela história, nova para a época, muita gente disse: "É isso o que eu tenho", o que Goethe está pondo em palavras é um jeito de eu fazer com que esse meu sofrimento encontre palavras e seja reconhecido por todos nós. É um efeito conhecido como "*me too*". Antes do atual *me too* existiram outros.

Tem um caso clássico da anorexia em Hong Kong, uma ex-colônia britânica, com um enigma: por que Hong Kong tem tão poucos casos de anorexia, enquanto o resto do mundo já a estava discutindo, nos anos 1980, como uma epidemia mundial? Mas em Hong Kong não tem. Até que a princesa Diana deu uma entrevista: "Você pode achar que sou uma princesa, que vivo no palácio de Buckingham, que a minha vida é feliz, só que tenho uma declaração a fazer: sofro de anorexia! Eu fui a um psicólogo e descobri que a minha anorexia era um jeito de pedir". Muito bonito o que ela falou. Um jeito de pedir para os outros uma coisa que ela nem sabia que estava pedindo. Não era questão de falar o que você está pedindo com sua anorexia. Não sei, tenho que descobrir, mas era um pedido. Alguns meses depois dessa entrevista, uma entrevista célebre, houve uma epidemia de anorexia em Hong Kong, colônia britânica, que tinha a princesa como um ídolo para as mulheres. Quando elas escutam a princesa dizendo "tenho isso etc. etc." e se chama sofrimento. Elas dizem: "Eu também quero!" Eu também quero o quê? Esse sofrimento? Não! Sai para lá! Também quero o reconhecimento que pode ser dado para essa forma de sofrer. Por que com a depressão não é esse o caso? Porque a depressão está no oposto da idealização que a gente tem para nosso funcionamento normalopático. A depressão é um estado em que os nossos ideais se colocam. Para produzir um ideal, você cria ao mesmo tempo uma sombra. Que seria uma espécie de anti-ideal. Então, nosso ideal é maníaco. Qual é a sombra da mania? A depressão.

Ela se torna uma forma muito ruim de sofrimento, porque é individualizada, é associada com o fracasso. É associada criminosamente com "ela nada ensina"; se você está deprimido, você é só mais um; todo mundo está

assim, todo mundo, no fundo, é meio deprimido, está tomando pílulas. Há uma espécie de onda histórica entre as formas de sofrimentos. A cada 50 anos, uma epidemia de anorexia. Vocês repararam que estamos falando menos em anorexia, ultimamente? Quem já viu outras turmas, sabe que isso já foi infernal porque o que acontece é o "*me too*". Quando todo mundo "*me too*", você perde o efeito de reconhecimento, não singulariza mais, que era o que você conseguia com o efeito Werther. Estou ali contando uma história que ninguém tem, que é para poucos e tem essa dimensão. Sai anorexia e entra o quê? *Cutting*. Anorexia é um quadro prevalente em meninas; elas deixam de ter isso e, misteriosamente, aparece um negócio que é se cortar, escarificação ou *cutting*. Provavelmente, daqui a algum tempo vamos ter uma curva e entra outra, e dali a pouco volta a anorexia. O que acontece é que a depressão conseguiu se encaixar de tal maneira que foi uma epidemia que durou uns 20 anos. Um dado que acho incrível, porque realmente fala de coisas na junção do cérebro e da linguagem: os antidepressivos funcionam menos hoje do que funcionavam 30 anos atrás. O mesmo antidepressivo, o mesmo método, a mesma forma de prova. Como se explica isso? Porque a depressão não é falta de serotonina. Falta mesmo, mas não é só falta de serotonina nos seus neurotransmissores. É uma combinação entre as duas coisas.

### Pergunta 7

Entendi que você tem uma versão bastante positivada dessa contaminação do sofrimento. Tentou-se negatizar a culpa, dizendo que é ruim quando uma pessoa está sofrendo, porque a gente está sofrendo. Então, por exemplo, o pai sofre porque o filho está sofrendo, então, me fez lembrar essa sensação de culpa. Culpa é esse sofrimento que o pai, me parece, a gente como pai, mãe principalmente, tem quando vê o filho sofrendo. Tudo o que acontece com o filho é nossa culpa. A culpa não é um sofrimento inútil, nesse sentido? Ele não seria um sofrimento com que a gente não deveria ficar se contaminando?

## Resposta

A culpa seria, assim, um afeto que pode ser mais ou menos dominante. É como se fosse a paisagem por trás da história. Você pode contar aquela história com paisagem culpa; você pode contar aquela mesma história que virou outra com paisagem inveja; você pode contar com paisagem ódio. É um modulador da sua história, como se fosse uma trilha sonora. A culpa é um afeto, como todos os afetos, importante para a situação em que ela é mobilizada. Por exemplo, uma pessoa sem culpa vai ter dificuldade para se inibir, para "não faça certas coisas". Muito bom, mas a culpa é um afeto pouco transformativo, ela não muda muito as pessoas. Isso é um grande equívoco do nosso momento, em que a gente racionaliza por descobrir culpas, distribuir punições, e daí vai mudar. Não vai mudar. A vergonha é muito mais transformativa que a culpa.

Do afeto para a narrativa. Quando você disse que estou positivando o sofrimento, não queria passar essa ideia. Vou insistir: o sofrimento não salva ninguém, não cura ninguém. Estou falando mais de como o partilhamos, como o colocamos em palavras, como dividimos, escutamos. Há um aspecto particularmente difícil na relação entre pais e filhos, que é uma confusão que fazemos entre culpa, reponsabilidade e implicação. Geralmente, mobilizamos a culpa para se desresponsabilizar ou para responsabilizar o outro. Ela funciona como instância que observa, julga e pune. Quando você começa a circular em torno desse afeto e todas as suas histórias têm trilha sonora de culpa, a marcha para a depressão é muito provável. Não disse que a culpa é um afeto pouco transformativo? Ela é um afeto inibidor. Você está se inibindo, dali a pouco a culpa provavelmente vai se transformar em ódio, explode de raiva do outro porque o outro aponta para sua impotência. Não consigo fazer o que eu queria, não consigo ser a supermãe que eu queria ser, não estou performando como deveria, a escola está dizendo isso. O que faço com isso tudo? Me culpo. E quanto mais você vai se punindo, não é que a culpa nos convida a fazer isso. A culpa é um afeto individualizante, um afeto que leva para você sozinho. A culpa é sua ou é do outro. Culpa coletiva já é outro capítulo.

Ela também não é um afeto ruim, em doses baixas, que não substituam responsabilidade e implicação com processo. Estou implicado, estou com você. O que frequentemente acontece em pais muito culpados é que eles transformam isso em raiva, a situação fica hostil e eles se retiram. Então o garoto se sente sozinho, desamparado, continua errático. Você volta com o martelo, dá outra pancada, se sente mal, porque você não gosta de fazer isso. O outro se sente mal também porque fala "estou decepcionando". Aí você sente aquele vazio e diz: "Sai". O garoto fica sozinho, não consegue estudar, piora. Pouco depois você volta. Culpa é assim, um circuito óbvio, conhecido por todos, mas que requer que, se você quer mudar isso, vai ter que dar outro destino. Que tal mudar a paisagem? Em vez de culpa, invente outra, mude a paisagem. Isso ajuda com tudo. Às vezes, não é suficiente, mas convida para outra história, porque a culpa vai tornando você impotente, vai inibindo, vai fazendo o que ela faz: inibe e você não faz nada.



# Família – Drogas – Adolescência

*Maria de Lurdes (Lurdinha) Zemel*

Vamos falar primeiro da droga, que eu acho que é a situação mais interessante hoje. Interessa mais talvez a todos nós, ou pelo menos aos jovens. Então, vamos começar a falar sobre ela. Altieres, um estudioso dessa questão, disse o seguinte na tese dele *Reinserções, inserções e deserções sociais*: a droga é um dispositivo organizador, e a palavra serve para muitas pessoas e de muitas formas. O que isso quer dizer? Quando falo "bandido bom é bandido morto", entende-se o que eu estou falando, certo? Isso quer dizer que a droga é sempre associada a uma coisa ruim: "quem tá ligado à droga é sem-vergonha"; "quem usa droga é psicopata"; "é uma maçã podre que tem que ser tirada do grupo". Mentira. Pode-se usar droga de forma adequada, qualquer droga. Os adultos bebem, não bebem? Podemos falar das drogas lícitas; as drogas ilícitas também podem ser usadas adequadamente; então, droga não é porcaria.

Talvez essa seja uma questão que tenhamos que pensar muito antes de falar. Tem que ter muito cuidado ao falar, especialmente para os jovens, para credibilizar nossa palavra. Vou mostrar a vocês uma tirinha bastante interessante: essa mãe observava que o filho dela ficava o tempo todo olhando a TV, não saía de frente da TV. O que ela fez? Jogou a TV no lixo. O que o moleque fez? Passou a olhar para o micro-ondas. O que isso tem

---

Lurdinha Zemel é terapeuta familiar e psicanalista da Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo (SBPSP); membro fundadora da Associação Brasileira Multidisciplinar de Estudos de Álcool e Drogas (Abramd); membro da Associação de Psicanálise de Casal e Família; e coautora do livro *Liberdade é poder decidir* (FTD, 2000), sobre o uso de drogas.

a ver com nosso assunto? Com isso, quero dizer que se nosso foco for a droga, estamos perdidos. Tirar a droga é o mesmo que tirar a TV. Vai se encontrar um substituto para ela. Acho essa tirinha muito inteligente. Nosso foco, como pais e educadores, tem que ser a pessoa, nosso filho, nosso aluno. Não adianta tirar a droga – ou vai aparecer outra droga, ou um micro-ondas, para o carinha se distrair. [Isso é importante] para nós, que estamos estudando esse assunto. Como pais, principalmente, porque precisamos saber sobre nossos filhos. Como educadores, para fazer uma diferenciação e lidar com os próprios preconceitos. E como jovens, para lidar com nossa própria onipotência e não fazer muita besteira.

Estamos falando aqui das drogas psicoativas, ou seja, daquelas que atuam no sistema nervoso central. Psicoativas ou psicotrópicas, elas causam dependência. Todas elas causam dependência.

Maconha, morfina, heroína, tabaco, anfetaminas causam dependência. "A maconha é erva e não causa dependência." Causa, sim. Também não tem mais essa divisão de dependência física e psíquica. Posso dizer a vocês: a chamada dependência física que, por exemplo, o álcool e a heroína causam (na heroína é terrível, dá câimbras internas, dolorosíssimas), é muito fácil tirar o cara dessa dependência; o difícil é tratar da dependência psíquica. O que é a dependência psíquica? É aquilo que faz com que a gente tenha vontade de usar, de voltar a usar. Por quê? Porque a situação é boa, porque ela nos serve de alguma forma. Então, sim, ficamos dependentes da maconha. Esse papo de que "eu paro a hora que eu quiser" é papo. Se conseguisse mesmo, parava. Estou cansada de ouvir isso, anos após anos, dos meus pacientes. E nunca param! Porque eventualmente não conseguem, e, se pudessem admitir que não conseguem, talvez pudessem ser até apoiados. Às vezes, não se consegue mesmo, é difícil. É difícil parar de usar cigarro; aliás, esse é um dos vícios sérios. É muito difícil parar de usar álcool. Esse papo de: "Mas eu tomo só vinho, só vinho bom". Vinho bom também causa dependência.

As drogas são classificadas em três grandes grupos: as depressoras do sistema nervoso central; as perturbadoras do sistema nervoso central; e as estimulantes do sistema nervoso central. As depressoras – por exemplo, o álcool – são as que usamos e ficamos razoavelmente moles. Inicialmente, quando usamos álcool, ficamos um pouco alegres e, depois, moles. A morfina, depressora do sistema nervoso central, tem uma história muito interessante: se você toma morfina numa cirurgia e ela está dentro da anestesia, você não fica dependente. Ela dá uma sensação muito boa, pós-cirúrgica, que o médico precisa dizer: "Olha, você tomou morfina, vai sair se sentindo muito bem. Não é para se levantar da cama, não é nem para falar!". Porque você sai achando que é uma "supermulher", que pode levantar, que não fez cirurgia coisa nenhuma. Eu tive até coceira de abstinência. Tinha feito uma cirurgia razoavelmente grande. Se você toma morfina num campo de batalha, você acabou de ter uma amputação de perna e tomou morfina, ela na hora corta sua dor, mas você fica dependente, porque ela tem outra função.

Ou seja, a situação emocional também influi na neurológica.

Agora, vamos falar das famílias. Pierre Benghozi nos diz: "Adolescência não é uma doença, é uma passagem num processo de transformação. Essa reorganização psíquica e individual é a ocasião de colocar o continente familiar em tensão.". Ele quer dizer o seguinte: acontece alguma coisa com alguém, o chamado adolescente e esse grupo familiar, que ele chama de malha familiar, se tensiona para se reorganizar. Se existe uma crise na adolescência, a malha do continente grupal familiar resiste. Se existe uma adolescência em crise, a malha é rompida parcialmente. Se existe uma adolescência catastrófica, existe um rompimento da malha familiar.

Ele classifica o que vai acontecendo com a família a partir do que vai acontecendo com o adolescente. A produção dos sintomas da adolescência produz uma remalhagem dos continentes familiares.

É preciso que deixemos os filhos terem um lugar na sexualidade deles, é preciso que os filhos sejam, necessariamente, melhores que nós em todos os sentidos. Intelectuais, físicos, em tudo eles precisam se tornar melhores que nós. Eles têm que ter um lugar na vida e, cada geração, suponho, deveria ser melhor que a geração anterior. Isso é difícil para os pais. Se os pais usam drogas, tudo bem, é uma opção usar drogas, mas essa é uma questão de intimidade dos pais e é uma questão de intimidade dos filhos. Se o filho tem 40 anos, é outra coisa, mas filho adolescente não é para usar droga com pai. Esse papo de: "Não, ele vai começar comigo. Tenho que levar no puteiro para introduzir.". Não. Acabou o tempo disso. Ninguém mais é coronel. Não precisa. Deixem se virarem sozinhos. No máximo, ensinem que precisam usar camisinha, levem ao ginecologista para tomar pílula. Essas coisas, sim, mas fora isso não tem que ensinar mais nada. Deem dinheiro para comprar camisinha e pronto.

As famílias podem ser ou conter fatores de proteção ou fatores de riscos para o uso de drogas de seus filhos. Os fatores de proteção ou de risco podem servir tanto para uma coisa como para outra. É preciso olhar isso com alguma flexibilidade.

Fatores familiares de proteção: pais que acompanham as atividades do filho, efetivamente. Cada um vai acompanhar como pode e como consegue. Cada um tem um método para acompanhar.

Estabelecimento de regras de conduta claras para os filhos. Às vezes, penso que estou falando claro, mas é preciso que meu filho entenda a regra de conduta. "Chegue cedo." O que é cedo? Cedo, para mim, pode ser oito horas da noite; para ele, pode ser duas horas da manhã. Então, é preciso estabelecer as regras de forma clara.

Envolvimento afetivo com a vida do filho.

Respeito pelos ritos familiares. Essa é uma questão superimportante! Hoje, dispendemos muito pouco tempo com os ritos familiares. Há famílias

que têm ritos religiosos, ritos familiares, jantar juntos, almoçar juntos, ou no fim de semana, pelo menos, ou tomar café da manhã na padaria. Ou ver a Netflix juntos. Não importa qual seja o rito familiar, é importante e é preciso que se tenha algum. Sabe-se que, muitas vezes, se substitui o rito de usar droga quando não se tem um rito familiar. Essa é uma informação que os jovens nos trazem, então é preciso que as famílias preservem. É chato, às vezes, e os ritos têm que ser mudados conforme os filhos vão crescendo e a família vai evoluindo. Mas é importante ter ritos familiares.

O estabelecimento claro da hierarquia familiar. Quem é pai é pai; quem é filho é filho. Quem manda em casa são os pais, eles dão as ordens. Por mais malucos que eles sejam, existe uma hierarquia. Assim como quem organiza as coisas na escola é a direção, o grupo de professores e a coordenação, os alunos podem discutir no grêmio, levar as ideias a serem consideradas. Tem uma coisa muito complicada hoje que é a gente receber uma família, e uma criança dá um chute na canela na mãe, que olha para mim e diz: "Não sei o que faço com ela. Agora ela está assim!". Não posso dizer "Eu daria um safanãozinho", porque não existe isso de dar um chute na canela da mãe e você não saber o que fazer! Daria uma boa seguradinha no fulaninho. Ela fica olhando: "A psicóloga tem a receita?". Não, a psicóloga não tem a receita. A psicóloga não pode dizer: "Dá uma segurada no fulaninho, senão, depois, ele vai bater na sua cara.".

O que são fatores familiares de risco? Pais que fazem uso abusivo de drogas. Acho que os pais podem fazer uso adequado de drogas e não precisam se esconder em relação a isso, contanto que isso seja uma coisa da intimidade deles. Mas o uso abusivo de drogas é uma situação de risco. Pais que sofrem de doenças mentais. Esse é um fator de risco para o uso de drogas pelos filhos. Os pais que sofrem de doenças mentais não têm culpa de sofrerem dessas doenças. Eventualmente, pais que sofrem, que admitem que têm doenças mentais e se cuidam não têm tanto problema. Tenho vários pais com doenças mentais que se cuidam.

Pais excessivamente autoritários ou muito exigentes. Ou permissivos. O pai excessivamente autoritário é o mesmo que o pai permissivo. Para mim, aquele que não deixa nada, que não pode nada, que tem que tirar dez em tudo é o mesmo que pode tudo. É só o outro lado da mesma moeda. Cuidado com o exageradamente autoritário.

Famílias que mantêm uma cultura aditiva. Uma cultura aditiva é uma cultura que vem dentro da família e quer dizer o seguinte: dentro da minha casa tudo é resolvido pela substituição de alguma coisa. Se começa a haver um conflito, como "Vamos sair para ir ao cinema?" ou "Vamos comer um macarrão?", "Não é melhor a gente...", ocorre um desvio. "Mãe, estou com uma dificuldade com o meu..."; resposta "Toma um Tylenol que logo passa." Quer dizer, passo a substituir. Nunca discuto o problema e dou uma solução, como se o problema tivesse uma solução rápida. Eu tinha uma paciente que odiava que a mãe dela falasse "Tome um copo d'água." E era tomar um copo d'água! Só tomar um copo de água. Não parecia nocivo, mas significava o seguinte: "Não vou conversar com você, tome um copo d'água.". A mãe dela falava "Tome um copo d'água" se ela dissesse "Estou querendo me jogar da janela" ou "Que vestido devo vestir: o amarelo ou o vermelho?". "Ah, primeiro tome um copo d'água." Ela queria matar a mãe a cada vez que ela falava isso. Essa é uma cultura aditiva, significa uma desconsideração pelo problema e uma tentativa de resolução falsa. Supõe-se que a droga também seja uma tentativa de resolução falsa. A droga resolve temporariamente nossa questão.

Gostaria de encerrar com uma frase de Winnicott: "Adolescência implica crescimento, e esse crescimento leva tempo. Enquanto o crescimento se encontra em processo, a responsabilidade tem que ser assumida pelas figuras parentais".

## Debate

---

### Pergunta 1

Eu queria saber o que você orienta para que a gente lide com a questão da legalidade dessas drogas. Por exemplo: seu filho está comprando droga, está comprando maconha, isso é ilegal. Como é que você lida com isso? Como é que se conversa com o jovem sobre isso? Porque ele está, de certa forma, se colocando num certo risco.

### Resposta

Acho que não se deve permitir que se use droga em casa. Tem que ter alguma interdição para uso de droga ilícita. Não que eu ache que a droga lícita é melhor que a ilícita. Sabemos que o álcool é a primeira droga da vida deles. Penso que é necessário fazer alguma interdição do uso de droga. Uma ordem familiar faz muito bem, por sinal. Não sei se te respondi, se era isso que você queria saber.

### Pergunta

Não, porque a gente ouviu você falando: "A gente sabe que vocês usam, vocês estão usando.". Como é que os pais vão agir perante isso? Porque, de qualquer forma, acho que eles estão se colocando em risco no momento em que estão comprando. E permitir, para mim, é uma questão muito complicada. Como é que vou permitir um negócio que eu sei que não é legalizado? Quando você começou a palestra, falando: "Vocês usam, todo mundo usa", mas de que forma?

### Resposta

Qual é o seu foco? Para mim, seu foco tem que ser: "Como é que está o meu filho?". Se eventualmente sei que meu filho está usando e se a vida dele

está organizada, se ele está indo bem na escola, e se ele se relaciona, minha orientação é que você não intervenha nesse uso. Não mande para o psicólogo, não mande se tratar, porque uma intervenção precoce, às vezes, é iatrogênica, causa mais danos. Se seu filho não está bem na vida, mesmo que ele esteja usando muito pouco, então é preciso uma intervenção. O foco sempre é a vida do seu filho, entendeu? Não a droga que ele está usando. É isso que eu quis dizer.

A quantidade de droga ou a droga que ele está usando não é o foco. O foco é a vida do seu filho. Essa é a questão. Acho que, em casa, tem que ter alguma interdição, mas não dá para os pais virarem cães policiais, fiscalizarem tudo, porém, a palavra dos pais tem que valer. Então, do ponto de vista legal, também não é para permitir usar droga ilícita dentro de casa.

## **Pergunta 2**

Eu vou dar uma visão de um adolescente do que foi essa pergunta e vou um pouco [além], talvez, até contrariar o que você disse.

## **Resposta**

Eu sei que você é o presidente do grêmio.

## **Pergunta**

Vejo uma relação saudável dos pais com seus filhos, dos adolescentes com uso de drogas, uma relação saudável, uma relação de confiança. Para mim, vai muito de filho para filho, de pai para pai. Você criar essa relação de confiança com seu filho e, daí começar a estabelecer as regras. Então, sem uma definição de "não deve usar em casa", "deve só usar em casa", ou "deve só usar na rua". Porque usar na rua, no fundo, também é um perigo. E você ter este espaço de confiança dentro de casa também é uma maravilha. É mais ou menos isso, quando o adolescente está usando drogas, e o

pai estabelece uma confiança em você, e você estabelece regras, até para poder usar na sua própria casa, é um negócio muito bom, porque se quebra a confiança, pode quebrar esse laço de estabelecer essas regras. Mas tentar depositar confiança no seu filho é muito bom, dá uma sensação boa.

### **Resposta**

Se o seu pai for capaz disso, tudo certo. Estou dizendo do ponto de vista geral e, do ponto de vista legal, não é para se permitir, porque seu pai estaria cometendo uma transgressão também. Se seu pai for capaz de fazer uma combinação com você, se for uma coisa particular, tudo certo. Mas, de maneira geral, penso que ele estaria cometendo uma transgressão. É ilegal usar droga e isso vale para todos. Seria o mesmo que você falar: "Roubar um pouquinho pode?". Não, não pode. Não pode roubar nem um pouquinho nem muito. Roubar da escola pode? Não, não pode. É uma coisa equivalente. Então, roubar só borracha do amigo pode? Não. O dinheiro? Não, não pode. Não pode nem roubar a borracha, nem o dinheiro. Do meu ponto de vista, é ilegal roubar de qualquer maneira.

### **Pergunta 3**

Oi! Eu fiquei só com uma dúvida. Acho que já foi parcialmente respondida pelas outras questões formuladas, mas seria sobre a abordagem do uso adequado e o uso abusivo de drogas. Fazendo essa analogia ao exemplo que foi dado agora, do pequeno furto para o grande furto, fiquei um pouco em dúvida do que seria realmente um uso adequado. Entendo que, em algumas situações de tratamento, pode ser como um efeito minimizador do dano, uma estratégia de recuperação de algo já problematizado. Não quero passar uma posição ingênua de que o jovem não tem acesso nem interesse pela droga, mas fiquei um pouco confuso com esse "uso adequado", porque a linha é muito tênue entre um uso adequado e um uso abusivo. E mesmo com a dica, que eu acho que foi muito importante, de "como vai a

vida do seu filho", como um termômetro para avaliar se a relação dele com a droga é adequada ou abusiva, eu, particularmente, não sei se confiaria só nisso. Posso estar sendo um pouco purista ou ingênuo, mas, como pai, meu desejo é que meu filho não faça uso adequado da droga, mas que ele não tenha contato com ela.

## Resposta

Quando falamos em uso adequado, eu também quero dizer do ponto de vista do prejuízo. Assim como tem o uso adequado do álcool, e o álcool é uma droga psicoativa e psicotrópica, você pode fazer um uso adequado de cocaína, sem ter um prejuízo para seu cérebro. Você pode fazer e tem gente que faz uso adequado de cocaína. Tem gente que usa cocaína eventualmente, sem prejuízos.

Agora, o que são as formas de uso? Por exemplo: o modo de usar uma droga também tem uma importância para conseguir se livrar dela e para se prevenir ou não. Se você usar cocaína cheirada é muito diferente de você usar cocaína injetável. Quem usa qualquer droga injetável tem pior prognóstico do que quem usa uma droga inalável. Não sei se vocês viram o último filme do Almodóvar. Viram? Que ele usava heroína cheirada. Usar heroína cheirada é, inclusive, uma opção, na Europa, para quem está saindo do uso de heroína injetável. Muitas pessoas não gostam, porque a heroína ou a cocaína injetável tem efeito, baque, mais rápido. Para quem suporta pouco a frustração, essa pessoa tem um prognóstico muito pior. É muito mais difícil de tratar e recuperar uma pessoa que usa droga injetável. Quem usa droga cheirada tem um prognóstico muito melhor. É um filme muito bonito. Ele tinha dores horríveis e cheirava heroína para atenuar as dores, inclusive. Esse é o uso adequado. Também se faz isso até para substituição de uma droga por outra, como redução de danos. Uma forma de tratamento mesmo. Mas, quando falamos de uso adequado, queremos dizer da possibilidade de usar determinadas drogas na vida. E de observar muitas pessoas que usam determinadas drogas e que têm a vida organizada. Adultos, claro.

#### **Pergunta 4**

Vou me utilizar de álcool porque acho que é a mais comum. Tenho 18 anos e não bebo. Mas ouço frequentemente a pergunta: "Você tem 18 anos e ainda não entrou em coma alcoólico?"

#### **Resposta**

Ainda não entrou em coma alcoólico?

#### **Pergunta**

Ou quando você vai a uma festa e vê muita gente bebendo. Você não acha que é necessário colocar o adolescente não tanto como um ser inofensivo, mas como alguém que também influencia? Que influencia a começar a usar droga? Você não acha que é preciso falar um pouco mais também do adolescente, em vez de só da família, como uma parte influenciadora?

#### **Resposta**

O que você está querendo falar sobre a pressão do grupo em cima daquele indivíduo que não bebe, é isso?

#### **Pergunta**

Isso. É uma questão social também. É uma pressão do grupo. Tipo: tem uma pessoa que não bebe e um grupo fala: "Ah, vai, bebe, bebe, bebe!". Na hora, na pressão, vai lá e bebe. Necessidade de pertencimento.

#### **Resposta**

Ah, de pertencimento ao grupo. Sim. Então, mas eu acho que são os rituais de entrada, não é? Acho que, de verdade, tem tudo isso. É verdade, quase se é obrigado a fazer determinadas coisas. Já atendi muitos jovens contando

que aprenderam a terminologia a respeito de determinadas drogas e descreviam as coisas todas. Diziam que usavam porque sofriam pressão pelo não uso e contavam que "usavam sem usar". Isso em relação a tudo: à droga, ao sexo, a uma série de coisas. Há uma pressão muito forte do grupo que usa. A pressão não é do traficante para vender, é do grupo de jovens mesmo. Que bom que você não usa! Cada um faz sua escolha, não é? É a sua escolha. Você está cuidando de você, está fazendo o que pensa, é um direito seu. Assim como você vai escolher outras coisas na sua vida. Eu diria: ninguém é melhor ou pior pelas coisas que faz. Você pode fazer desse jeito, o outro pode fazer de outro. Você pode se relacionar com ele, e ele tem que se relacionar com você aceitando-o. Acho que essa é a questão. As pessoas não podem aceitar o diferente, mesmo que o diferente seja esse que não usa ou o que usa. Você pode se relacionar com seu amigo que usa e pronto. Paciência! Mas tem uma pressão social para o uso de todas as drogas. Em determinadas épocas, alguma droga específica.

### **Pergunta 5**

Como educadora, os jovens procuram os professores o tempo todo para contar aquilo que eles fazem nos finais de semana, aquilo que fazem e deixam de fazer com a família. Eles acabam contando para nós, professores, sobre o uso de drogas, né? Não estou falando aqui de álcool, nem de cigarro, porque a gente sabe que é uma droga permitida em casa. Porque se os pais fumam cigarro, bebem em festas de 15 anos, eles compram bebidas, não é? Não são dessas drogas que estamos falando. Como o educador deve falar com o jovem? O que o jovem espera do educador quando conta para seu professor essas situações? E a família? A escola tem que comunicar à família sobre essa situação? Porque ali tem uma questão de confiança. A gente faz o possível, quer que os jovens nos procurem cada vez mais e falem. Eles contam muita coisa! A intenção do jovem é que a professora, que o educador alerte a família, comunique a família, dê um olhar. Como educadora, o que a gente faz?

## Resposta

Depende da idade do jovem e do contrato que você fez com o jovem e de sua função como educadora. Penso que os jovens têm que ter um lugar na escola onde possam falar dessas coisas em sigilo e com confiança, porque eles não têm outro lugar. A escola é um lugar precioso para isso. Eu diria que a escola teria que, inclusive, promover rodas de conversa sobre isso. Vocês teriam que aguentar um rojão pesado, de sigilo, diante dos pais, e os pais teriam que saber disso, que vocês não iriam contar. Dos mais velhos, se fosse um aluno muito complicado, teria que ter um contrato com eles da seguinte forma: se houver risco de vida, vou me comunicar com seu pai. E teria que estar bem definido o que seria esse risco de vida, explicitado para eles também. É o mesmo contrato que temos no consultório. Se existe risco de vida, comunicamos. Se não, não. Então eu diria que a escola tem que ter um limite naquilo que pode suportar também. Acho que a escola pode promover rodas de conversa. Com os mais novos, acho que o contrato tem que ser outro.

## Pergunta

Você fala de mais novo, com que idade? Qual a faixa etária?

## Resposta

Meu neto tem 11 anos e me conta coisas também. Ele me conta coisas interessantíssimas! "Vó, você sabe que as meninas estão passando por momentos interessantes, estão entrando na puberdade, têm calores, a fulana veio de shorts e estava frio porque ela estava com calor e daí ela passou a ter frio, e ,daí, vó, ela estava muito contente e, daí, ela começou a chorar." Ele me explicando o que era puberdade! "E elas começam a falar de droga, vó. Eu sei um pouco mais porque você me explica." Então, suponho que com 12 a coisa vai piorar, com 13 mais ainda. "Porque o fulano, vó, foi pego atrás de tal lugar beijando na boca!" Onze anos! Eu não arrego o olho porque

sou avó dele e sei que eu não devo arregalar o olho. Eu conto para minha filha: "Olha, a coisa está ficando meio séria.". Mas, com 11 anos, já está escondido atrás do lugarzinho lá para beijar na boca! Acho um pouco cedo. Não sei se é porque é meu neto, mas eu diria que com os mais novos tem que ter um outro contrato. Tem que saber o que falar e tem que saber o que vai comunicar. Acho que não é para dedurar ninguém. Tem que tomar o cuidado de entender uma situação grupal. Cada um que fala tem que estar representando um grupo, não tem que personificar a fala. Acho que esse é um cuidado impressionante que uma escola tem que ter. Não tem que ser: "Ah, o fulaninho, o presidente do grêmio falou, o Francisco falou não sei o quê.". Cada um deles tem que estar representando um grupo. A coisa tem que ser entendida sempre como grupal. Isso é um cuidado muito grande que uma escola tem que ter. Eu sei, tem crianças que alucinam, daí você tem que ter outro cuidado particular, e o grupo não tem nem que saber disso. Essa é uma outra questão, mas com os mais novos é outra situação. Se um menino mais novo está "muito adiantado" para o grupo dele, tem que chamar esse menino, seus pais, tem que avisar. Em relação à própria situação da droga. Agora, acho inadmissível que se vendam drogas dentro da escola. Isso é inadmissível! A mesma coisa dentro da família. Que se use droga dentro da escola... Não sei como é que aqui, no Vera Cruz... mas essa lei tem que ser explicitada previamente. Não pode usar nem vender drogas dentro da escola. Não pode beber dentro da escola. Acho que as leis da escola também têm que ser claras em relação a isso.

## Pergunta 6

Tenho uma pergunta mais capciosa do que a da professora. Como o pai que usa maconha se comporta? Como é que a gente junta três informações que você deu? O adulto está dentro da sua casa e, em teoria, está infringindo uma lei, está utilizando adequadamente ou socialmente uma droga e está dizendo para o filho que ele não pode usar? Qual é a recomendação? Porque, se esse pai fuma escondido, ele está quebrando uma regra de confiança básica de falar para o filho: "Você não pode

mentir para mim.". Se o pai fuma dentro de casa, está quebrando sua recomendação de não dizer para o filho que ele não pode fumar dentro de casa. Como é que fica isso?

### **Resposta**

Você é adulto. Há uma diferença entre aquilo que o adulto e o que o jovem faz. Acho que, se você é adulto e usa maconha adequadamente, é uma coisa muito diferente do que seu filho, que é jovem, usar. Se você trabalha, se sua vida está organizada. Agora, se você é um adulto que só fuma maconha e sua vida está desorganizada, você não tem moral para falar mesmo. Agora, se você fuma maconha eventualmente, fume na sua intimidade e coloque uma regra para seu filho.

### **Pergunta 7**

Acho que, um tanto pelo recorte que propusemos, o foco em famílias, adolescentes e drogas, fomos circulando por aí com esse enfoque. Família é uma referência muito constante, muito importante para pormos em discussão as temáticas adolescentes, mas queria ouvir justamente sobre o adolescer. Também convido os meninos a se pensarem para além do que é o universo familiar, especialmente aqui no Ensino Médio. É papel do Ensino Médio, e também de quem estuda e pensa esses temas, educar os alunos para ampliarem a leitura de mundo. Queria ouvi-la um pouco a respeito do que acho bastante fundamental nessa discussão, que é, para além do universo familiar, das trocas entre os amigos e de quem convive lado a lado, mas também um ingrediente muito importante para pormos na conversa: como estamos lendo as representações de prazer, de desprazer, de consumo, de performance. Acho que tudo isso faz parte da constituição subjetiva e das posições que vamos assumindo e que o caldo social mais amplo também nos provoca. Queria ouvi-la um pouco a esse respeito também. Como colocar isso também como algo que não

é "Ah, tá no mundo". Apesar de nosso recorte ser papai, mamãe, eu, você e meus amigos, e não estou excluindo isso, pois acho que tem um enorme valor e é a proposição de hoje. Também não queria ir embora sem ouvi-la sobre esse pedaço, que também é um trabalho nosso com as juventudes, se pensar no mundo e com as representações que o mundo traz para tudo isso.

## **Resposta**

O que se sabe é que todas as situações sociais e as situações políticas influenciam o uso de drogas, todas. Nos anos 1980, recebíamos aqui o psiquiatra francês Claude Olievenstein, e ele dizia que tínhamos uma grande sorte, porque não tínhamos ainda o uso de drogas dentro do nosso Congresso. E não tínhamos mesmo. A partir daí, nós não só temos o uso de droga dentro do Congresso, do Senado, temos uma situação muito promíscua na nossa política. Temos a questão do roubo instituído na nossa política, e temos o dismantelamento dos conselhos que cuidam dessas questões todas. A sociedade civil tem pouco lugar para discutir essas questões. Temos, montados, conselhos paralelos para cuidar disso. Então, o que esperamos? Temos um desemprego absurdo! Existe uma situação social e de desesperança para nossos jovens, não só os de classe média alta. Existe desemprego e uma perspectiva muito ruim do trabalho. Para nossos jovens, em geral, é mais fácil você ganhar no tráfico. Vale mais a lei do tráfico do que a lei social geral. Tudo isso influi, efetivamente, no uso e no abuso de drogas. Acho que o nosso consumo vai aumentar cada vez mais, nossa promiscuidade vai aumentar e nossa desesperança também. Temos que seguir um caminho paralelo em relação a isso, e manter as instituições que cuidam disso.

A escola é uma instituição que cuida disso. Nossa ética tem que ser mantida muito firmemente para podermos vencer essa situação toda, mas, sem dúvida, a oferta de drogas vai aumentar. E, de verdade, nossa desesperança vai ser somada a isso para que usemos mais droga efetivamente.

Temos que nos manter muito firmes para não entrarmos nessa conversa. A situação social sempre influenciou, e agora vivemos uma situação muito difícil com nosso Congresso contaminado, vamos dizer assim. Isso é o que Olievenstein dizia nos anos 1980. Hoje, temos que lidar com essa situação. Existe uma desestrutura nos pequenos organismos como a família. As famílias têm que estar trabalhando muito mais para conseguirem manter suas coisas. Existe uma desestrutura nos grandes grupos sociais mesmo. O que podemos fazer? O que resta? Para mim, tem uma coisa que resta, que acho que serve para os jovens, que é o conhecimento. O conhecimento ninguém tira de nossa cabeça. Nossa curiosidade também ninguém tira. Essa é nossa grande arma! Estudar, manter o conhecimento e manter nossa cultura. Isso ninguém tira da nossa vida.

### **Pergunta 8**

A questão que acho muito pertinente: adolescência, família, sociedade. Dos dois lados, existe uma amostra de adolescentes. Tanto do lado que estou aqui, hoje, conversando, como do outro lado desse estereótipo de quem serve a droga. Porque a droga sai de algum lugar. Como é que você vê essa questão da adolescência dos dois lados? De um suposto lado que é lá que estão as drogas e, nesse trânsito, até onde ela chega, nesse lado, que você colocou hoje aqui, das famílias e tal. Porque todos os lados têm famílias. Era essa minha pergunta. Todos os lados têm adolescentes, todos os lados têm uma sociedade que não se vê, que não se coloca também.

### **Resposta**

E o outro lado seria qual? O do tráfico?

### **Pergunta**

Acho que a gente está se referindo aqui talvez como o tráfico. O uso das drogas, até demonizando um pouco assim e não colocando essa prática

como pessoas também. E pessoas que também sofrem psicologicamente com todo esse processo. A gente está olhando um lado da história, enquanto há dois lados que têm adolescentes igualmente, pessoas igualmente. E só estamos vendo o lado que a própria sociedade bota como sofredor da situação.

### **Resposta**

Então dos usuários, não os usuários ocasionais, mas os usuários problemáticos, como sofredores da questão?

### **Pergunta**

Acho que a gente rotula o tráfico quando também são pessoas que, às vezes, são levadas nessa rede de comercialização a essa atividade. Por uma questão de violência, às vezes, desse lado de cá, temos o que atinge essas famílias. Mas as outras famílias também são indivíduos, adolescentes.

### **Pergunta**

Eu posso tentar complementar? Acho que quando estamos falando de adolescente, de jovem, estamos falando de juventudes diferentes. Quando ele traz essa perspectiva, estamos falando de diferentes organizações de famílias, diferentes tipos de juventudes e diferentes realidades. Então, por exemplo, quando uma pessoa levantou aqui sobre o perigo de comprar a droga, o risco que um adolescente que estuda aqui, que mora aqui na região se coloca ao comprar a droga, é diferente de um adolescente de outro espaço, o risco de vida efetivo. E já que estamos falando de adolescência, família e drogas, como considerar as diferentes adolescências, as diferentes juventudes, as diferentes organizações familiares? Pensando nisso e nessa ponte que se estabelece com as drogas.

## Resposta

Tem muitas diferenças, efetivamente. Quer dizer, lá estão pessoas também que têm organizações, leis próprias (leis sérias) e que também têm família, sem dúvida. E que vivem disso. É como você disse: são negócios, e negócios rentáveis. São "negócios" respeitáveis. Podem não ser respeitados por nós, mas são respeitáveis, têm leis muito sérias e próprias e são negócios. Talvez alguns me demonizem por dizer isso, mas é verdade. São negócios e tem coisas muito interessantes nesses negócios. Tem pensamentos, e eu diria que existe um respeito nesses negócios. Ninguém vai ou vem atrás de você para, necessariamente, oferecer droga. Você vai buscar a droga. É uma responsabilidade sua também quando ultrapassa esse limite. Você saiu do seu meio e vai para o outro grupo, ultrapassa esse limite. Não é o outro grupo que vem aqui caçar. Agora, o que define essa busca do jovem, a permanência do jovem nesse estado é sua vulnerabilidade. Essa vulnerabilidade precisa ser estudada e pode ser vista de muitas maneiras: pode ser individual, familiar, social, pode ser pela falta da lei. Essa vulnerabilidade pode ser também focada do ponto de vista preventivo, desde muito cedo, na vida dele. A escola também pode trabalhar com essa vulnerabilidade desde a infância. Famílias que têm leis muito claras. O que as escolas me contam, e o que as famílias também contam é que, nas crianças que estão muito envolvidas com a questão das drogas, as famílias observam problemas desde muito cedo. Nada acontece de repente, nenhum problema surge do nada. Tem uma situação que acompanha aquela criança. Não é assim, de repente, a droga apareceu na minha vida, e eu me viciiei. Não é assim, relou, engravidou. É preciso ter, efetivamente, uma transa para engravidar. É preciso ter um namoro com a droga também. Você tem uma proximidade com a droga e um caminho que você faz até chegar a, efetivamente, se ligar e permanecer dentro daquilo.

## Pergunta 9

Boa noite! Fiquei um pouco intrigado com relação a essa questão do uso adequado de drogas porque, ao longo das coisas que tenho visto e nos

meios em que circulei, a gente já via muito, né? Tenho quase 50 anos, minha geração teve muito contato com droga, mas, entre o uso adequado e o inadequado, há uma linha muito difícil de você passar. Dentro do que tenho visto, a maioria acaba descambando para o uso inadequado. Mesmo achando que o uso é adequado, acaba indo para um lado que vai ter o prejuízo familiar, social, financeiro, carreira que não vai para frente. Enfim, a vida que para. Mas pela sua experiência, me parece que isso é uma coisa possível. Minha dúvida é: realmente isso é uma má impressão, uma impressão errada?

## Resposta

Do meu ponto de vista, é. Sou um pouquinho mais velha que você, tenho 70 anos. Na minha geração, também se usou muita droga, muita maconha e muito LSD, mas, na minha geração, era o seguinte: a gente usava droga como um ritual, um pouco diferente de como se usa hoje. Era o que nos protegia. Poucos de nós ficamos dependentes, muito poucos. Eu não uso e poucos de nós permanecemos usando. Aliás, muitos de nós usamos naquela época. Não vou dizer se usei ou não, porque não estou aqui para fazer propaganda de nada. Mas não uso nada hoje, nem bebo. Se bebo, tenho vontade de comer doce, não quero engordar. Ficando velha, esses são os prejuízos. Bem que eu gosto de um vinho, mas não bebo hoje. Então, usávamos ritualisticamente, fumávamos, enrolávamos o cigarro juntos, ouvíamos música juntos. O ritual do uso protege o uso. Hoje, as pessoas dão um tapinha para entrar na aula, cheiram uma carreira no escritório, para ir a uma reunião. Isso é um mau uso, mesmo que seja pouco. Quando existe um ritual, e quando existe um uso compartilhado ritualístico, esse uso pode ser adequado e não nocivo. Independentemente da quantidade. Conheço muitas pessoas que fazem uso adequado e conheço muitas, como você disse também, que supõem que fazem uso adequado.

Nessa associação, criada em contraponto a outra associação, defendemos o uso medicinal da maconha. Não defendemos a liberação da

maconha, defendemos seu uso medicinal. Não sei se vocês conhecem isso. Há experiências muito interessantes a respeito do uso medicinal da maconha, já liberadas aqui, que podem ser usadas em crianças que têm convulsões exageradas. Mas não a liberação da maconha. É preciso que isso fique bem claro. Acho que liberar droga ainda é uma questão bastante complicada para nós, brasileiros. Acho que isso está longe para nós. Somos um país muito grande, somos muito pouco educados, é muito difícil isso aqui.

### **Pergunta 10**

Obrigada pela oportunidade de estar aqui escutando a todos. Também estou bem intrigada com essa mesma questão que você colocou. Outro dia, estava em uma palestra e também escutando um vídeo do [Drauzio] Varella falando sobre as drogas, mais ou menos na linha que você está colocando. Só que a própria droga, o uso, mesmo eventual, acaba propiciando um novo uso, mesmo que por ritual dentro de um grupo, forçado ou não. Essa frequência vai criando uma dependência química. A química, que você colocou que não é tão problemática, parece mesmo com drogas pesadíssimas, não é? Agora, há vários compostos de drogas sintéticas, cujos efeitos nem sabemos exatamente quais são, mesmo que o amigo tenha usado. Como é que você vê esse uso? Mesmo sendo eventual em um grupo ritual, nessa questão de dependência química, que vai aumentando, fora do controle do próprio cidadão, que para muitos é muito difícil se livrar disso. Tem todo um contexto do cidadão, do que ele passa, da biografia dele, onde ele está e como está. Mas como é esse uso tênue, eventual, se a própria bioquímica celular, vamos dizer assim, vai contribuindo para uma frequência maior? Não consegui entender ou captar exatamente essa possibilidade de uso tão fácil, dessa linha tênue ou não. Fiquei também bastante intrigada com essa sua colocação.

### Pergunta 11

Bom, eu vou fazer um complemento. Vou tentar não me estender muito, mas acho que é bom tratar o tema sem tabu, de forma direta. Acho que você faz isso, mas me deixou confuso, porque acho que, em alguns momentos, dá a impressão de certa banalização do tema. Quando você fala do uso adequado de crack para um craqueiro, ou em tratamento, é uma coisa que faz sentido para mim. Mas estamos aqui para entender como conversar sobre o tema com nossos filhos. É um tema supercomplexo! Em duas horas, não dá para esgotarmos o assunto, obviamente, mas dá para sair com alguns *insights*, não é? Esse ponto do uso adequado de cocaína, por exemplo, de crack, realmente me deixa muito confuso. Como vou tratar disso com meu filho? Pensando que você falou há pouco da vulnerabilidade, e é óbvio que é uma fase vulnerável, em que a constituição não está completa, não há uma solidez. Quer dizer, qual é a linguagem, qual é o termo que devemos usar nesse contexto de algo que, pelo que a gente lê ou fica sabendo, gera dependência, um vício químico? Em muitos casos, vira uma bola de neve que depois não tem retorno. Minha pergunta, objetivamente, é: como tratar disso a partir desse conceito de uso adequado?

### Pergunta 12

Boa noite! Eu só queria indicar dois livros que talvez ajudem a ampliar esses problemas: *Zero, zero, zero* e *A desordem mundial*. A droga não é só uma coisa local, regional, territorial. Ela é ampla, macro, e se insere, infelizmente, na estrutura de poderes. Só essas duas indicações de livros. E a sugestão de que os aqui presentes comecem a pensar projetos internos na própria escola, com mais tempo de participação. E que tragam os problemas, não é? Façam a famosa roda de conversa, a ágape. Discutindo todos esses problemas.

### Pergunta 13

Eu vou ser rápido. Já ouvi psiquiatras dizerem que, se uma pessoa utilizar drogas, mesmo que uma ou duas vezes – não existe um limite –, e se essa pessoa for predisposta geneticamente a ter alguma doença mental, esse uso, mesmo que uma, duas ou só três vezes, pode desencadear essa doença mental. É verdade?

### Resposta

É verdade. Aí é a questão do foco na pessoa. Pode ser maconha, que pode acionar um surto psicótico. Agora, a questão que mobilizou tanto vocês sobre o uso adequado, o que você vai dizer a seu filho, e a diferenciação que estava fazendo entre o jovem e o adulto o tempo todo. Não vou abdicar dessa ideia, desculpem! Acho que mobilizei uma coisa muito grande em vocês ao falar do uso adequado, mas sugiro que vocês estudem, que pensem nisso. Não sou a única especialista na questão. Existem especialistas que pensam diferente. Não é a repetição do uso que nos faz ficar viciados. Um único uso que faça despertar um surto psicótico, isso é verdade – já tive paciente que usava um cigarro de maconha por semana e era extremamente dependente, porque ele só pensava nisso na vida. E tive paciente que usava muita droga e não era dependente. Por que estou dizendo isso? Porque o foco é a pessoa. Não é a quantidade de droga, nem a droga que se usa.

O paciente que usava um cigarro de maconha por semana não fazia outra coisa a não ser usar esse cigarro de maconha. Ele sabia das entressafras da maconha em São Paulo. Sabia quando chegava a maconha, quando ia subir o preço, e era disso que ele vivia a vida inteira, a semana, todos os dias dele. Era um cigarro só, e ele era extremamente dependente. Ele só fazia isso. Agora, sim, se pode usar uma droga e qualquer droga adequadamente. Não o seu filho adolescente. Falei isso várias vezes. Se vocês entenderam errado, desculpem. Falei de você, adulto. Alguém disse em algum momento: "Eu preferia que meu filho não usasse droga alguma."

Eu também. Preferiria que meu filho não usasse droga. Se meu filho fosse adolescente, também preferiria que ele não usasse droga nenhuma. Não estou banalizando o uso de drogas, nem estou dizendo que é para os adolescentes usarem eventualmente. Também preferiria que meu filho não usasse droga nenhuma. Todas as drogas causam dependência psíquica, sim, e acho que não é o uso repetitivo da droga que faz a pessoa ficar dependente, é a nossa vida, nosso problema psíquico e nossos problemas sociais e afetivos. Nossos problemas familiares é que fazem com que fiquemos dependentes. É um grande engano supor que seja só o químico. O químico existe, sim, e eu disse que essas são drogas psicoativas ou psicótropas que atuam no nosso sistema nervoso central. É preciso que nosso sistema nervoso central esteja amadurecido; com 15, 16, 17 anos ele não está amadurecido. Sei que vocês usam, mas ele não está amadurecido. Não deveriam nem usar. Falei isso também. É que vocês ficaram presos na situação do uso eventual e acharam que eu estava banalizando. Não, não estou banalizando o uso. Acho sério o uso. Vocês não bebem? O álcool é a pior droga que existe! É a que mais causa danos. Sessenta por cento dos acidentes de carro são por conta do álcool. Vocês banalizam o uso do álcool. Então, prestem atenção! Olhem um pouco para a própria vida. O álcool é uma droga seríssima e é banaliza porque é lícita. É preciso cuidar do uso do álcool seriamente. O álcool é psicoativo grave, atua no sistema nervoso central, dá barato, sim. É uma droga psicoativa. Acho que é muito séria a questão da droga, tanto que estudo isso há 40 anos! E não sei muita coisa ainda. Mas que tem uso adequado, tem! Trabalho com isso há 40 anos e não sou uma defensora do uso da droga, absolutamente.



# Drogas na contemporaneidade

*Dartiu Xavier da Silveira*

Muito obrigado ao Vera Cruz pelo convite. Já estive aqui anteriormente há muitos anos, mais de uma vez. Foi muito interessante a experiência de trazer um pouquinho do que penso sobre um assunto que tenho pesquisado e aprendido. Vou falar um pouco sobre drogas de maneira geral, mas dentro de um enfoque um pouco particular, que, depois, podemos explorar a partir das questões postas no debate.

Primeiramente, falo do ponto de vista da Medicina, porque sou médico. Porém, é importante lembrarmos que o tema das drogas, que são substâncias psicoativas, é objeto de estudo de várias áreas do conhecimento, não só da Psiquiatria, mas da Psicologia, da Antropologia, da Sociologia, do Direito, da Filosofia, e sabemos que uma visão muito unilateral é uma visão muito parcial e, às vezes, isso mais complica do que nos ajuda a lidarmos com esses problemas.

Só para dar um exemplo, tenho uma formação médica, me especializei em Psiquiatria, mas fiz uma formação em Psicologia Analítica, porque sentia muita falta desse instrumental da Psicologia; e no âmbito das drogas, embora não tenha feito nenhum curso formal, tive que estudar muita coisa referente à Sociologia, ao Direito, e assim por diante.

---

Dartiu Xavier da Silveira é formado pela Escola Paulista de Medicina e mestre e doutor em Psiquiatria pela Universidade Federal de São Paulo (Unifesp); foi consultor do Ministério da Saúde e da Secretaria Nacional de Drogas, do Ministério da Justiça. É pesquisador colaborador na Universidade da Califórnia, presidente da Sociedade Brasileira de Psicologia Analítica e da Associação Brasileira Multidisciplinar de Estudo sobre Álcool e Drogas; atua como médico psiquiatra em consultório particular e como professor associado do Departamento de Psiquiatria da Unifesp.

É importante pensarmos que as drogas sempre estiveram presentes na história da humanidade, ou seja, o consumo de plantas psicoativas remonta aos nossos ancestrais. Há estudos arqueológicos que mostram, por exemplo, uma região andina na Pré-História, com indícios de uso de utensílios para obter cocaína a partir das folhas de coca. Ou seja, o tema polêmico das drogas na atualidade não é uma coisa nova, sempre acompanhou o homem, e o homem sempre teve essa curiosidade de procurar estados alterados de consciência por meio de substâncias psicoativas.

Conhece-se também o *bhang* na Índia. *Bhang* é feito à base de maconha também, de *cannabis*, e há milênios existe esse uso ritual do *bhang* na Índia. Não estamos falando de um problema da atualidade; trata-se de um problema que é velho conhecido da humanidade.

Embora seja uma constante na história de humanidade, o uso de substâncias vai adquirir contornos, significados, características específicas de acordo com a comunidade ou o agrupamento em questão. Há muitas particularidades em cada substância. Por exemplo, o álcool, droga psicoativa lícita – lícita no Ocidente, mas, por exemplo, nos países muçulmanos do norte da África, é uma droga ilícita. Portanto, o fato de uma droga ser lícita ou ilícita já condiciona uma série de comportamentos em torno de seu consumo.

Tomemos o que está acontecendo mais recentemente com a maconha. Mais da metade dos estados americanos já autorizaram, legalizaram o uso da maconha, inclusive para uso recreacional. O Canadá já fez isso também. Trata-se de um impacto muito grande na maneira das pessoas se relacionarem com a droga. O álcool também tem o exemplo da Lei Seca Americana, quando, aqui no Ocidente, vimos o que aconteceu com 14 anos de proibicionismo do álcool: um desastre, não ajudou as pessoas, mas estimulou padrões de consumo muito exagerados, bizarros. Então,

aprendemos que o proibicionismo não é algo que funciona em termos de política pública na área de drogas.

A respeito dessas características que as drogas assumem de acordo com o momento cultural e com a comunidade em questão, gosto do exemplo da Coca-Cola, bebida lançada no início do século 20, nos Estados Unidos. Nessa época, a Coca-Cola tinha cocaína na sua fórmula. É um refrigerante vendido quase com um apelo de uso médico, para alívio do cansaço. Não deixa de ser curioso se vender um refrigerante com apelo medicamentoso.

No início do século 20, o laboratório Behring lançou cloridrato de cocaína na Europa, prescrito como remédio para uma série de doenças, sobretudo, para pessoas que se sentiam muito fracas, com pouca disposição, pouco ânimo. Mais ainda: cocaína vendida como bala para as crianças com dor de dente, prometendo uma cura instantânea, por apenas 15 centavos. As crianças podiam chupar a bala de cocaína e ficavam felizes, sem dor de dente. Ou seja, para a gente ter uma noção de como cada momento tem suas peculiaridades.

O laboratório francês lançou no Brasil, lá pela década de 1930, os cigarros indígenas à base de maconha, que também tinham um apelo medicamentoso: bons para asma, para catarro e para insônia. Na mesma época, começou nos Estados Unidos uma luta antidrogas, que incluía a maconha. "Jovens e pessoas de todas as idades, cuidado! Essa substância pode ser dada a você por um estranho amigável. Ela contém a droga mortal *marijuana*, um poderoso narcótico, na qual residem assassinato, insanidade e morte." É a mesma substância, na mesma época, só que em países diferentes. Os Estados Unidos estavam pondo mais cocaína na Coca Cola nessa época.

Isso posto, falemos da classificação das drogas, porque chamamos de droga genericamente qualquer substância psicoativa, passível de provocar um estado alterado de consciência. Algumas delas são passíveis

de abuso, outras não. Jean Delay é um francês que fez a primeira classificação farmacológica das drogas, em três grandes grupos: as drogas depressoras do sistema nervoso; as drogas estimulantes do sistema nervoso; e as drogas perturbadoras do sistema nervoso, no sentido de que nem estimulam, nem deprimem, apenas modificam o funcionamento do sistema nervoso.

Alguns exemplos: no primeiro grande grupo, de depressores, temos primeiramente o álcool, um depressor do sistema nervoso central. O álcool nem precisa muito de apresentação, é tão familiar a todos nós! No segundo grupo, o ópio e derivados, temos a papoula do Oriente e a cápsula, de onde, com uma incisão, sai a seiva que é o princípio ativo do ópio. Como os opioides ou opiáceos, além do ópio tirado da papoula, há a morfina, a codeína e a heroína. Morfina e codeína são medicamentos valiosos, usados na indústria farmacêutica. Mas é interessante conhecer sua história. No final do século 19, existia um deslocamento dos europeus – primeiro os ingleses, depois os franceses – para a região da Indochina, o Oriente extremo. Lá os europeus tiveram contato e começaram a usar o ópio. Interessante é que naquela região existia um uso milenar de ópio, mas muito contextualizado. Por exemplo, o avô fumava ópio e passava para os netos toda a cultura oral da família dele, da civilização à qual pertenciam; ou seja, era um momento familiar, muito sério, regado a ópio. Os europeus que chegavam começaram a usar ópio com outra pegada, querendo ter um barato, sem essa ritualização. O que aconteceu? Eles começaram a usar uma quantidade cada vez maior e muitos se tornaram dependentes de ópio, algo muito raro lá. Os europeus levaram o ópio para a Europa, e ele virou uma epidemia no final do século 19. O laboratório Behring, o mesmo que lançou a cocaína depois, pensou: "Vamos lançar um remédio para curar os dependentes de ópio!". E sintetizaram a morfina a partir do ópio. Dez anos depois, o número de dependentes de morfina era muito maior que o de dependentes de ópio, ou seja, o remédio era pior que a doença.

A Behring, então, resolveu lançar outro remédio, a heroína, sintetizada em laboratório para tratar os dependentes de morfina e de ópio. No início do século 20, o número de dependentes de heroína era incrivelmente superior aos de morfina e ópio. Até brincamos: "Nossa, os dependentes químicos, na época, deviam estar muito ansiosos pelo próximo lançamento do laboratório" – que deveria ser algo mais forte ainda e mais intenso, em termos de efeito. O que aconteceu mostra um conhecimento que se tem hoje, de que é muito perigoso tratar uma dependência química com uma substância que também causa dependência. O risco é você trocar uma dependência por outra ou por uma dependência ainda mais grave que a anterior. Hoje, a heroína deixou de ser um medicamento pelo risco de dependência em seu uso, é basicamente usada como droga ilícita, sobretudo no hemisfério Norte.

No terceiro grupo de depressores do sistema nervoso central, temos os sedativos e hipnóticos. Hipnóticos são indutores de sono e, até a década de 1960, havia os barbitúricos, que hoje em dia são medicações mais neurológicas para doenças muito específicas. Como não existiam os calmantes, na época os barbitúricos faziam esse papel. O problema dos barbitúricos é que a dose efetiva é muito próxima da dose letal. Acontecia muito das pessoas morrerem "acidentalmente" porque tomavam remédio para dormir e erravam a dose, ou, às vezes, era como uma tentativa de suicídio mesmo. Houve o famoso caso de Marilyn Monroe, que morreu por excesso de barbitúricos.

Na década de 1960, começaram a fabricar os benzodiazepínicos – Diazepam, Valium, Rivotril, e assim por diante –, com a grande vantagem de terem uma dose efetiva muito inferior à dose letal. Então, para você morrer pelo uso dessas substâncias, precisa ser intencional, não acidental, porque a quantidade deve ser muito grande.

O quarto grupo de depressores são solventes orgânicos, ou também voláteis, porque eles evaporam à temperatura ambiente. É o caso de

lança-perfume, éter, benzeno, acetona, tiner, e assim por diante. Em geral, seu uso é muito frequente entre adolescentes e crianças. Eles espalham essa substância numa superfície lisa, colocam um saco plástico e cheiram até chegarem a um estado bem alterado de consciência.

Os estimulantes são outro grupo de substâncias, e as anfetaminas talvez sejam as principais. Elas foram usadas muito amplamente, e ainda são, mas muito menos, para regimes de emagrecimento. Então, até mais ou menos 20 anos atrás, o uso era bastante irresponsável, e os médicos eram responsabilizados por isso. Eles prescreviam a torto e a direito as anfetaminas para emagrecimento, com muitos casos de dependência. Depois, houve todo um esforço para orientar os médicos a não prescreverem as anfetaminas com tanta liberalidade.

Surgiram medicamentos novos, sem esses riscos. A metanfetamina chama atenção porque é a única forma de anfetamina que pode ser fumada; é chamada também de "ice" porque parece uma pedra de gelo, e é possível você usá-la como fumaça. O MDMA, o ecstasy, é um tipo de anfetamina também diferente, vulgarmente chamada de "bala", ou então em pó, que gera o MDMA puro. Aqui, as balas, consumidas amplamente nas baladas, se constituem basicamente de MDMA. Uma observação: teoricamente, devia ser MDMA, mas um estudo feito aqui em São Paulo, alguns anos atrás, com diversas balas das festas de São Paulo, dosou o que havia ali e 60% delas não tinham MDMA, mas outras substâncias. Esse é um dos problemas do proibicionismo: você compra gato por lebre. A pessoa está certa de que está consumindo determinada substância, mas está consumindo outra.

Na Europa, eles pensaram num mecanismo para controlar isso. Você vai a uma balada na Espanha, Holanda ou Inglaterra e tem um serviço na porta que raspa sua bala e faz um teste ali mesmo para dizer se ela é pura. Se for um produto tóxico, eles imediatamente pegam e fotografam

aquela bala e começam a passar um recado em todas as telas da balada: "Não consumam tal substância! É extremamente perigoso". Ou seja, há todo um trabalho de prevenção que reduziu muitos casos de overdose, de toxicidade.

Aqui, há cerca de oito anos tentamos começar isso, mas fomos impedidos porque disseram que estávamos fazendo apologia do uso de drogas. Fui até intimidado numa balada. Estava fazendo trabalho de prevenção, chegou um policial e me disse: "O senhor está preso por tráfico". Respondi: "Não, estou fazendo prevenção, mostrando para as pessoas qual substância elas podem usar e quais não". "Bom, então você está fazendo apologia do uso", ele insistiu. Eu disse: "Não, você não entendeu, as pessoas vão usar de qualquer forma, estou apenas alertando para que não usem algo que vai ser muito maléfico para a saúde delas". E o policial: "Olha, é bom o senhor ir embora senão vou plantar uma droga no seu bolso e prendê-lo como médico traficante". Ele ainda foi irônico: "Isso vai dar primeira página de Estadão: médico e traficante". Portanto, não há possibilidade de fazer esse tipo de trabalho já tão disseminado na Europa. Nos Estados Unidos, isso também está começando.

Outro estimulante do sistema nervoso central é a cocaína, que a temos em duas formas: o cloridrato de cocaína, que é o pó, o sal, e o crack, quando você retira esse radical cloridrato e fica só a cocaína em forma de cristal, que é o crack. A diferença do crack é que ele é fumável e não tem radical salino, é mais puro, e o cloridrato de cocaína é aspirado ou injetado.

Um terceiro grupo de estimulantes são a nicotina e a cafeína, que costumamos esquecer porque elas são amplamente utilizadas, fazem parte do nosso cotidiano, mas sobre cujos problemas relacionados a elas precisamos saber. Sabe-se amplamente que a nicotina é das drogas que causam mais dependência, e sobre a cafeína existe a descrição de vários casos de dependência a ela também.

Finalmente, o terceiro grande grupo, que chamamos de perturbadores do sistema nervoso central. Seu representante é a *cannabis*, a maconha, ou haxixe. A diferença da maconha para o haxixe é que a primeira é feita da folha da planta, e o haxixe, da seiva da planta. Existe também o *skunk*, feito da flor da planta. As quantidades de princípio ativo variam um pouco, portanto. A mais forte é a feita da flor, o *skunk*.

O segundo subgrupo de perturbadores é imenso, com uma gama enorme de substâncias, que chamamos genericamente de alucinógenos. Alucinógenos, pelo nome, provocariam alucinações, mas nem todos eles causam exatamente alucinações. Dentre os alucinógenos, talvez o mais famoso seja o LSD25, o ácido lisérgico. O 25 é o nome químico, dietilamina. Ele foi descoberto na Suíça, na década de 1940, num laboratório, por engano. Havia um pesquisador e químico, Hofmann, que estava pesquisando esporões de centeio, onde cresciam fungos. Ele acidentalmente ingeriu o LSD, saiu do laboratório, foi para casa, mas começou a ter alucinações na rua, a ver elefante na Suíça. Ele achou muito louco o que estava acontecendo com ele, não entendeu nada, depois pensou: "Isso deve ter a ver com meu experimento.". Voltou no dia seguinte ao laboratório e, propositalmente, fez novo teste para confirmar. A partir daí, Hofmann começou a estudar os alucinógenos, a vida inteira, até poucos anos atrás. Morreu há uns cinco anos, bem velhinho.

A mescalina é outro alucinógeno, cujo nome vem dos índios mescalenos, da região do sul dos Estados Unidos ou do México, que tinham um ritual em que consumiam um cogumelo que provocava alucinações. Na verdade, parece um cogumelo, mas é um cacto. Ele tem um princípio ativo que provoca alucinações. É curioso, porque esses rituais são protegidos pela lei americana. Então, por exemplo, existe a Igreja Nativa Americana, onde todos os fiéis são autorizados a usar essa substância dentro do ritual religioso.

A psilocibina é outro alucinógeno, derivado dos cogumelos mesmo; são mais frequentes e, em geral, são cogumelos que crescem em esterco de vaca ou de cavalo, muito frequentes no Brasil e no mundo inteiro. Trata-se do cogumelo dos livros de história infantil, que todo mundo já viu nos livros, mas é um cogumelo com um alucinógeno muito intenso, forte, com a peculiaridade de nascer em todos os lugares do mundo, naquelas regiões da Índia onde faz até 50 graus e na Sibéria, ou seja, cresce em qualquer temperatura.

Há vários outros: *salvia divinorum* (não é sálvia de cozinha, é um parente), existe muito no Brasil, mais no Nordeste. Ele também tem efeito alucinógeno muito intenso, mas a diferença dele é que, em geral, uma substância alucinógena dura de seis a oito horas. E a sálvia é muito intensa, mas dura pouco, de duas a quatro horas. Há pessoas que relatam surtos psicóticos pelo uso desse alucinógeno.

A ipomeia é uma flor que está em muitos jardins de São Paulo; muitos de vocês devem ter essa planta em casa, inclusive. A semente dela também tem um poder alucinogênico. Aliás, tenho uma história pessoal de quando era adolescente. Minha mãe tinha essa planta em casa. Ela, que era médica, me disse: "Você sabia que essa planta tem um alucinógeno?". Fiquei muito interessado: "Como que é isso, em que parte da planta?". Mas ela só contou a história e deve ter se arrependido no meio, então não me falou que era na semente da planta.

A ibogaína é um alucinógeno africano muito conhecido no Brasil, utilizada em rituais religiosos na região da África Central, do Gabão, como passagem para a vida adulta. Os adolescentes tomavam esse alucinógeno e ficavam alguns dias com um estado alterado de consciência. Depois, a partir daquilo, eram considerados adultos, dentro de um trabalho religioso do feiticeiro ali. Na década de 1950, havia um americano dependente de heroína e que viajava o mundo experimentando as drogas mais estranhas.

Era um dependente químico grave. Na África, ele resolveu experimentar ibogaína; participou do ritual, achou-o muito estranho, mas uma experiência muita intensa. Saiu do ritual e nunca mais usou heroína na vida. Ele mesmo falou: "O que aconteceu comigo? Eu usava heroína compulsivamente, me injetava sempre, participei dessa experiência e não quero mais usar heroína; alguma coisa aconteceu.". Então, começaram a estudar o efeito da ibogaína, por causa da qual algumas pessoas abandonavam sua dependência grave. Mas, no final da década 1960, o presidente Nixon lançou aquela campanha "diga não às drogas". E a guerra às drogas proibiu, inclusive, a pesquisa; não se poderia mais pesquisar essas substâncias, que deveriam ser proscritas. Foi um tremendo atraso, e só depois do ano 2000, depois de 30 anos de guerra às drogas, se viu que isso era uma besteira, que isso não ajudava em nada. As pesquisas voltaram para que se pudesse estudar o potencial terapêutico dessas substâncias ilegais.

Dentre os alucinógenos, temos também a ayahuasca, da América do Sul. A ayahuasca é feita da cocção de duas plantas: um cipó e uma folha, para produzir uma bebida. A ayahuasca tem uso milenar na região amazônica e, mais recentemente, nos últimos 20, 30 anos, ela começou a chegar nos grandes centros, pelos grupos religiosos. União do Vegetal, Santo Daime etc. são os grupos que chamamos ayahuasqueiros. Há esse contexto de utilização em rituais religiosos, como a mescalina tem nos Estados Unidos e no México, mas também há pesquisas mais recentes sobre o potencial uso terapêutico dela para algumas doenças como depressão ou até tratamento de dependência química.

Falamos dos três grandes grupos farmacológicos: os estimulantes, os depressores e os perturbadores do sistema nervoso central. Só que uma substância pode ser estimulante, depressora ou perturbadora, mas o efeito final no organismo não depende só da farmacologia; vai depender de outras coisas, por exemplo, da quantidade de substância utilizada. Um bom exemplo disso é o álcool. Mencionei que o álcool era um depressor

do sistema nervoso central, mas a maioria de nós consome o álcool como estimulante, porque, em baixa dosagem, ele tem esse efeito mais desinibidor. Mas, se você aumenta muito a dosagem, se passa de sua dosagem habitual, você começa a ficar sonolento e, passa pelo efeito depressor. Outra coisa que modula o efeito de uma substância é a forma e a via de utilização. Quer dizer, uma substância psicoativa pode ser usada de diversas formas: ela pode ser ingerida, injetada, aspirada, e assim por diante. Isso muda muito o efeito final.

Por exemplo, os usuários de cocaína aspirada, o pó de cocaína, e os usuários de crack, que fumam cocaína, descrevem sensações completamente diferentes. Outra coisa muito importante que vai modular o efeito final de uma substância é a circunstância ambiental, que a gente chama de *setting*. Dou sempre um exemplo: imagine um indivíduo que vai fumar um cigarro de maconha com um grupo de amigos em casa e tem as sensações dele. Imagine o mesmo indivíduo fumando o mesmo cigarro de maconha em frente a uma delegacia. A chance de ele ficar meio paranoico ou de ter uma experiência extremamente negativa vai ser enorme. O indivíduo é o mesmo, o cigarro é o mesmo, o que muda é o ambiente; o ambiente é essencial na experiência, no efeito final.

E, finalmente, as características de personalidade, que a gente chama de fatores patoplásticos, ou seja, a droga não cria um comportamento do nada, ela apenas revela o que temos dentro de nós. Ouvimos muito frequentemente, por exemplo, um cônjuge de alguém dependente de álcool, ou mães de dependentes de álcool, que veem a pessoa completamente embriagada, dizendo um monte de absurdos: "Não é ele falando, é o álcool falando". Grande engano! Não, é ele mesmo, só que ele se sentiu autorizado a falar porque ele liberou a censura pelo uso do álcool. É o mesmo que dizer: "O indivíduo fumou maconha e se tornou um assassino e matou alguém.". Isso não existe. Se você não tiver aquela questão dentro de você, se não for uma pessoa intrinsecamente violenta,

não há droga que vá criar um comportamento violento em quem não tem aquela pré-disposição.

Alguns anos atrás, um jornal na Bahia publicou um pastor fazendo todo um discurso de que os jovens estavam fumando maconha e virando viados. Ou seja, a partir da experiência com maconha eles se tornaram homossexuais. Também isso não existe. A única coisa que pode acontecer é que o indivíduo se sente mais à vontade sob efeito de maconha e libera algo que estava reprimido dentro dele. Então, quando falamos de uma substância psicoativa, de uma droga, precisamos pensar que existem diversos possíveis padrões de consumo, não podemos pensar num indivíduo que passa às sete horas da manhã num boteco e pede uma pinga pura e compará-lo com a vovó que toma uma taça de vinho no Natal. São situações extremas, e, entre esses extremos, há múltiplas formas e padrões diferentes de consumo de uma substância.

Sempre pensamos numa tríade. Há as drogas, sim, substâncias psicoativas com suas características farmacológicas. Há o contexto ambiental; podemos pensar no microambiente ou no macroambiente. Como microambiente, talvez o melhor exemplo seja a própria família. Independentemente de todos os conceitos e concepções, a maneira como a família lida com a droga ou vê a droga, ou pensa a droga, vai influenciar muito, para o bem e para o mal, o comportamento do jovem. Podemos pensar também no macroambiente. A escola já é um pouco mais macro que a família, e a cultura em que estamos inseridos, o país onde moramos – se é um país proibicionista, um país islâmico, um país muito liberal –, tudo isso também vai influenciar os comportamentos.

Em terceiro lugar, o indivíduo, com duas vertentes: biológica, ou seja, existem algumas características biológicas que favorecem ou dificultam o indivíduo a usar de uma forma inadequada uma substância; e existem muitas características psicológicas, que fazem com que o uso experimental

de uma substância possa dar errado. Em geral, o uso recreacional, e isso é válido para álcool e drogas ilícitas também, se ele é recreacional mesmo, ele tem que estar restrito a situações recreacionais. O problema é quando o indivíduo começa a usar aquilo como remédio, ou seja, se eu começo a beber porque briguei com minha mulher, porque meu chefe está me perturbando, porque estou ganhando pouco dinheiro, estou com dívidas. Isso não é um bom motivo para eu usar álcool, não é recreacional, isso é um fator de risco para o alcoolismo em geral. Quem desemboca no alcoolismo é quem usou álcool de uma forma errada, com a finalidade errada, e começou abusar. Isso é válido também para substâncias ilícitas.

O que a gente chama dependência de droga? Um estado psíquico, algumas vezes físico, resultante da interação entre um organismo vivo e uma substância, caracterizado por motivações de comportamento e outras reações que sempre acarretam o impulso de utilizar a substância de modo contínuo ou periódico, com a finalidade de experimentar seus efeitos psíquicos e, algumas vezes, de evitar o desconforto da privação. Ela é muito ampla, muito abrangente, pega uma série de situações diferentes, mas o que eu gostaria de destacar é a questão do impulso de utilizar a substância. Impulso de utilizar a substância não é o desejo, a vontade de usar uma substância, isso é uso recreacional. Dependência é quando está além da vontade própria, ou seja, não quero usar, mas há o impulso maior que essa vontade, e é isso que caracteriza a dependência.

Dou aula na faculdade de Medicina e falo para meus alunos: "O que vai acontecer se vocês me encontrarem no centro da cidade, no Baixo Augusta, sábado à noite, completamente bêbado, caindo no chão, vomitando? Vocês vão olhar para mim: 'nossa!, mas que pessoa mais descontrolada! A que ponto ele chegou, coitado! É especialista na área, e olha o que ele faz da vida dele!'" . Sempre brinco: "Isso é sinal de alcoolismo?". Vários acham que sim, e falo: "Não, não é sinal de alcoolismo.". Por que não é sinal de alcoolismo? Porque eu posso ter dito para mim

mesmo: "Sábado, eu vou pro Baixo Augusta e vou tomar todas!". Ou seja, estava no meu *script* isso; não tem nada de alcoolismo, nesse dia me propus a beber exageradamente e pagar o preço da ressaca, das coisas negativas que poderiam advir disso. Agora, uma situação que denota o alcoolismo, por exemplo, é aquela em que eu tivesse que vir fazer esta palestra e atrasar dez minutos. Atrasei porque, quando estava vindo para cá, passei num bar, tomei uma cerveja, cheguei, dei a palestra. Uma cerveja não alterou nada, ninguém percebeu que tomei a cerveja, mas não estava no *script*. Não era para eu ter tomado a cerveja, não tinha me programado, mas eu não resisti a esse impulso, tomei uma cerveja. Isso é um alerta para o alcoolismo. Não é o efeito final que vai dizer: "Olha, esse indivíduo perdeu o controle, é um dependente.". É muito mais esse comportamento de incapacidade de controle.

Na sequência, mostrarei vários aspectos da dependência. Um aspecto mais comportamental, esse impulso ao consumo, que vai levar a diversos padrões patológicos de consumo, e um efeito mais fisiológico, que tem a ver com os efeitos físicos no organismo de cada substância.

Mas a Organização Mundial de Saúde define alguns critérios. Para considerar alguém dependente de uma substância, ele tem que preencher três desses critérios: primeiro, esse desejo, compulsão, ou seja, esse impulso de difícil controle. Segundo, uma dificuldade de controlar o consumo, seja em termos de frequência, seja em termos de quantidade – saí para tomar uma caipirinha e já estou na terceira caipirinha, sem conseguir me conter. Terceiro, abandono de prazeres e interesses alternativos. Uso recreacional é: vou sair com uns amigos, falar besteira, rir com os amigos, fazer uma coisa que eu gosto, vou dançar, vou sei lá onde, e tem bebida junto, tem alguma substância psicoativa junto, isto é, mantenho-a dentro do meu repertório de prazer. Agora, quando eu abandono os outros prazeres em favor da substância, isso é sinal de dependência: eu não quero sair com ninguém, eu quero ficar bebendo sozinho – isso é muito típico

de alcoolismo: você abrir mão de outros interesses em geral, diversão. É muito frequente abrir mão de sexo, deixa-se de ter prazer, isso porque a pessoa só pensa no prazer que a droga proporciona. Quarto, persistência no uso, a despeito de evidências das consequências nocivas. Talvez o exemplo mais típico disso é de gente que fuma tabaco, vai ao médico com uma tosse e está com enfisema. O médico fala "O senhor precisa parar de fumar hoje, caso contrário vai morrer de enfisema", e a pessoa não consegue parar, ou seja, é algo que o indivíduo não consegue dizer não. Quinto, apresentar estado de abstinência fisiológico, síndrome de abstinência; quando o indivíduo para de usar a substância e começam os efeitos, as reações do organismo pela falta dela. O exemplo mais clássico disso é o *delirium tremes* do alcoólatra. Alguns alcoólatras têm esse quadro de muitos tremores, alucinações, veem uma série de coisas que não existem, ou seja, é o organismo reagindo à falta do álcool. E sexto, a tolerância, finalmente. Tolerância é quando você precisa aumentar a quantidade para obter o mesmo efeito. Se antes eu ficava muito bem tomando uma caipirinha, agora, para ficar com aquela mesma alteração de consciência, preciso de duas ou três caipirinhas.

Ao apresentar três desses critérios, pode-se ser considerado, do ponto de vista médico, um dependente. Mas o que está por trás de tudo isso, de todos esses comportamentos, de todas as características? É a incapacidade de controle do uso, é a tal história da minha cerveja a caminho daqui. A incapacidade de controlar é o cerne da dependência, porque, enquanto eu tiver controle do uso, estou protegido de uma dependência.

Existem diversos padrões de consumo de droga. Consideramos basicamente dois grandes grupos: usuários ocasionais e dependentes. Só que entre esses dois extremos há todo um degradê, e é muito difícil dizer em que momento o indivíduo passa de um uso recreacional, ocasional, para uma dependência. É como imaginar degradê de branco até vermelho. É muito fácil identificar o branco e o vermelho, mas em que momento você

vai dizer "agora é mais vermelho do que branco"? Nem sempre esses limites são muito claros.

Há um estudo muito importante da Universidade de Baltimore, de Jimmy Anthony, um epidemiologista. Ele fez uma série de pesquisas para tentar responder à seguinte pergunta: quais são as diferenças entre as substâncias, ou seja, qual é o risco de eu me tornar dependente a partir do momento que eu experimento uma droga? O álcool, 15 %. De 100 pessoas que consomem álcool, 15 vão desenvolver alcoolismo, taxa bastante alta. A maconha, apesar de ser uma droga ilícita e bastante diabolizada, proporciona quase metade do risco do álcool, ou seja, de cada 100 pessoas que consomem maconha só 9 vão se tornar dependentes. Só 9 comparativamente ao álcool, mas é claro que 9 também é bastante. E mesmo em relação à cocaína, que tem uma péssima reputação, o risco de dependência é 17%. Se pegarmos a diferença, significa que 83% que usam cocaína não são dependentes. Não estou fazendo apologia ao uso, trata-se apenas de um dado estatístico para mostrar que as coisas não são exatamente como ditas.

Outro estudo muito interessante de 2010, do Imperial College, de Londres, estabelece os riscos relacionados ao uso de drogas. É um estudo muito abrangente, interessante, que avalia diversos tipos de riscos: risco aos usuários, risco a outras pessoas, a quem está próximo, risco do ponto de vista físico, psicológico e social, ou seja, abrange toda uma gama diferente de riscos. Numa escala de 0 a 100, os riscos, sendo que em azul é o risco para o usuário e em vermelho risco para quem está próximo do usuário.<sup>1</sup>

O campeão é o álcool! O álcool pontuou 72 nessa escala de 0 a 100. Em segundo lugar, a cocaína, com 27, quase um terço da pontuação de risco que foi atribuída ao álcool. Maconha pontua 20, quase um quarto do risco atribuído ao álcool. E o próximo, o ecstasy, a bala das baladas, risco 9,

---

1. Referência a uma apresentação em PowerPoint que acompanhou a palestra. [Nota da edição]

baixíssimo. As últimas, ecstasy, LSD, cogumelos, eu até brincava, parecem drogas de criança, porque o risco é tão baixo comparativamente ao álcool, mas são substâncias proibidas. Esse estudo provocou uma série de discussões, em toda a regulação de drogas na Inglaterra e, depois, em outros países do mundo. Ou seja, como é que temos uma legislação tão severa com algumas substâncias e tão leniente com outras substâncias? O fato de uma droga ser lícita ou ilícita não tem nada a ver nem com o risco de dependência, como mostraram os estudos epidemiológicos, nem com os riscos relacionados. Temos uma legislação muito ao gosto de sei lá o quê, de interesses econômicos, suponho.

Os psicodélicos. Psicodélico é, etimologicamente, o que revela a mente. O efeito psicodélico de uma substância é algo que vai revelar algo que está escondido em mim. Essas experiências psicodélicas começaram, sobretudo, com os alucinógenos na década de 1950 e alcançaram muita expressão naquela época de movimento *hippie*, de contracultura. Aí veio a guerra às drogas, que proibiu todo o movimento de psicodelia, e só se retomou isso no século 21. Daí, retomou-se também, como eu mencionei, o interesse, inclusive científico, em ver o potencial terapêutico de algumas dessas substâncias.

Trinta anos atrás, montei um serviço de tratamento de dependentes dentro da universidade, que funciona até hoje, o Proad. Dependentes de crack chegavam e falavam: "Vocês dão uma série de alternativas: psicoterapia, medicação, grupo disso, daquilo, e não funciona nada! Quando vem aquela vontade de usar o crack, a gente não segura e vai. Mas a gente percebe que se a gente usa maconha, a gente consegue segurar.". Um paciente chegou dizendo isso. Um paciente atrás do outro, contando a mesma história, e resolvemos apostar nisso. Se a maconha ajuda a não fumarem crack, menos mal. Eu até pensei: "Meu Deus, vou autorizar uso de maconha para meu paciente! Espera aí, e se ele virar dependente de maconha também? O médico não pode ter essa atitude.". Mas era

tudo tão gritante, todo mundo contando a mesma história, que fizemos um experimento durante um ano, com um grupo de pacientes. Obviamente não é um papel médico dar maconha a ninguém, mas eu disse o seguinte: "Se você sente que vai perder o controle e que a maconha o segura, quando for perder o controle, fume um cigarro de maconha."

Bem, acompanhamos um grupo de 50 pacientes durante um ano; depois de três meses, 68% tinham largado o crack. Não esperávamos um sucesso tão grande! Pensamos: "Mas eles vão voltar para o crack, então continuaremos acompanhando o resto do ano para ver se isso se mantinha.". E realmente se manteve, ninguém voltou para o crack desses 68%. Mais curiosamente, depois de seis meses nenhum deles estava usando mais maconha. Eles mesmos falaram: "Olha, maconha foi bom para segurar a compulsão pelo uso de crack, mas depois que eu não uso mais crack, a maconha me deixa meio chapado, meio lento, está atrapalhando minha vida.". Lembro que o pessoal da guerra às drogas falava muito que a maconha era a porta de entrada das dependências graves. Eu dizia: "Gente, esse estudo está mostrando que é uma porta de saída também.". Porta é porta, você pode entrar, pode sair, não é mesmo? Esse foi nosso primeiro estudo nessa área.

O outro foi com a ayahuasca, em 2005. Por que abrimos uma linha de pesquisa no nosso serviço da ayahuasca em 2000? Porque começaram a chegar relatos de pessoas, alcoólatras pesados a vida inteira, que entravam no Santo Daime, na União do Vegetal, e largavam o álcool sem mais nem menos. Gente que bebeu 40 anos. Começamos a pensar "O que que está acontecendo? Que raio de substância é essa com o poder de acabar com o alcoolismo, do nada?". Começamos a pensar no potencial terapêutico da ayahuasca. Era uma substância só conhecida no ponto de vista xamânico, do uso ritual religioso, mas do ponto de vista de efeitos no organismo não sabíamos. Fomos estudar o grupo mais vulnerável, de adolescentes que usavam a ayahuasca. Queríamos saber quem eram

esses adolescentes, que características eles tinham, e esse estudo mostrou coisas muito interessantes. Havia adolescentes que usavam ayahuasca desde a infância, já iam com os pais nos centros, nos rituais – obviamente, eles dão uma quantidade menor para as crianças. Depois, na adolescência, passavam a frequentar os rituais com regularidade. Fizemos uma série de entrevistas psiquiátricas, avaliações neuropsicológicas, neurocognitivas. Eles tiveram uma performance muito melhor que o grupo de referência, que não usava ayahuasca. Eles eram adolescente brilhantes, tinham um desempenho intelectual excelente, tinham menos depressão e menos ansiedade do que o grupo-controle; os meninos tinham menos transtorno de atenção do que o grupo-controle, as meninas adolescentes tinham menos distúrbios de imagem corporal, que têm muito a ver com transtorno alimentar, esse negócio de se achar gorda e estar supermagra, mas continuar se achando gorda. As meninas que tomavam ayahuasca não tinham isso. Ou seja, tudo apontou para uma questão: se esses jovens adolescentes que consomem ayahuasca regularmente têm um desempenho tão bom, a toxicidade relacionada à ayahuasca não existe, é uma das substâncias que podemos considerar segura. E pudemos partir para a investigação de potencial terapêutico.

Outro estudo foi com o uso de maconha para pacientes com câncer em tratamento quimioterápico. Vários pacientes que têm câncer e estão em quimioterapia não suportam os efeitos colaterais, náuseas e vômitos, e nem sempre isso é manejável com medicações. Foi justamente nesses pacientes que experimentamos a maconha. Fumando maconha ou tomando maconha em comprimidos, esses pacientes conseguiam evitar os vômitos e concluir o tratamento de câncer.

Outro estudo foi feito com modelo animal. Vimos a ayahuasca nos ratos, em que locais do cérebro atuavam, se havia alteração dessas catecolaminas, como dopamina e adrenalina.

Em outro estudo da maconha para o tratamento do câncer, reparou-se que, em alguns tipos da doença, ele regredia, e isso estava associado ao uso de maconha. A maconha fazia regressões de alguns tipos de tumor. Publicou-se esse estudo num jornal alemão sobre câncer, sobre neuro-oncologia, sobre o efeito antitumoral nesses gliomas, um tipo de tumor cerebral que cresce muito rapidamente.

Em outro estudo com a ayahuasca, pegamos 18 voluntários, colocamos numa sala, administramos ayahuasca para eles e colocamos uma touca para eletroencefalograma. Durante oito horas, fizemos o registro eletroencefalográfico para verificar as ondas cerebrais deles durante todo o experimento. Claro, uma série de dados enorme, oito horas de coleta, 18 pacientes. Meu orientando dessa tese está fazendo pós-doutorado, foi para a Inglaterra como estatístico para ajudar a fazer essa análise, de tão complexos os dados. E qual é a conclusão desse estudo?

Ele mostrou um padrão cerebral muito peculiar, não parecido com nada, a não ser uma coisa: era exatamente o padrão descrito no registro elétrico do cérebro de pessoas em estado de meditação, ou seja, quando a pessoa está em meditação, ela modifica as ondas cerebrais, exatamente como víamos nos nossos usuários de ayahuasca, como se fosse esta induzisse quimicamente a uma meditação.

Outro estudo foi com a ibogaína, o tal alucinógeno africano que fazia as pessoas largarem dependências graves, como a da heroína. Começou-se a usá-la de uma forma, vamos dizer assim, não oficial, não autorizada pela Anvisa. Muitas pessoas começaram a usar ibogaína no Brasil, importavam e tomavam para tratamento de dependências. Como isso começou a virar moda, mas não havia estudo a respeito, resolvemos recrutar todos os pacientes que tinham passado por esse processo. Eram 75 pacientes dependentes químicos, a maioria dependente de cocaína que tomou ibogaína. O resultado também foi surpreendente: 61% largaram a dependência a

partir dessa experiência. A ibogaína tem uma coisa muito peculiar na experiência de desintoxicação; os indivíduos que tomam a ibogaína, segundo a descrição deles, durante oito horas, revivem a própria vida, como se passasse na frente deles o filme de suas vidas, inclusive com todas as situações difíceis e traumáticas. Além disso, observamos algo muito peculiar. Esses 61% do tratamento da ibogaína deram certo por quê? Eles tomaram ibogaína e foram fazer psicoterapia. Os pacientes que não foram para a psicoterapia recaíram, ou seja, a ibogaína não é uma droga mágica, é uma droga que facilitou um acesso ao inconsciente deles. Em terapia, a coisa andou, ou seja, a ibogaína não é mágica, é só um facilitador do processo psicoterápico.

Outro estudo de modelo animal com THC, o princípio ativo da maconha, mostra como ele age no cérebro dos ratos. Esses ratos foram feitos experimentalmente dependentes de álcool, depois, se aplicava o THC para saber se o comportamento de alcoolismo se revertia. Como reverteu nos ratos, tentamos o estudo seguinte, que iríamos replicar em humanos, mas foi justamente na época em que Dilma caiu e cortaram toda a nossa verba.

Falávamos, por exemplo, da ibogaína, que funcionou quando aliada à psicoterapia. Os psicodélicos, essas substâncias fazem emergir o que temos dentro de nós, essas viagens psicodélicas, experiências psíquicas intensas, fornecem uma possibilidade terapêutica, e é por isso que se voltou a tentar as terapias psicodélicas. Nos Estados Unidos, o indivíduo tomava uma substância psicoativa, tinha uma alteração de consciência e ia para uma sessão de terapia. Ou seja, algo se revelaria no inconsciente dele. Por causa da guerra às drogas, isso foi proibido, mas, nos últimos anos, essa tentativa foi retomada, e há já estudo sobre usar LSD para tratamento de alcoolismo; a mescalina e a psilocibina, para tratamento de ansiedade; e o ecstasy, a bala, para estresse pós-traumático. Naqueles veteranos de guerra que vêm do Afeganistão com traumas, com risco de suicídio

altíssimo, desadaptados, o tratamento é muito eficaz com ecstasy, ou seja, existe um potencial terapêutico enorme! Mas volto a alertar que não estou fazendo apologia ao uso de droga. Quero mais é desconstruir o que temos na cabeça, fruto da guerra às drogas, que é pensarmos que existem drogas do mal e drogas do bem. As drogas do bem são compradas em supermercado e farmácia; e as drogas do mal é o traficante que vende. Trata-se de um maniqueísmo muito simplista, mas de que todos nós somos vítimas. Não existe droga boa, droga ruim, existe uma droga mal utilizada ou bem utilizada. Há estudos sobre pessoas que usaram drogas por muitos anos e nunca se tornaram dependentes nem pagaram um preço alto por isso; para outras, deu tudo muito errado e elas se tornaram dependentes graves. Existe até o potencial terapêutico para várias delas, como mostrei um pouco com essas pesquisas.

## Debate

---

### Pergunta 1

Boa noite! Algum tempo atrás, ouvi falar que provar álcool antes de determinada idade, antes dos 18, dos 16 anos, promoveria uma maior facilidade, na idade adulta, de se tornar alcoólatra. Existe um fundo de razão nisso?

### Resposta

É muito difícil associar o indivíduo experimentar álcool nessa idade com qualquer comportamento futuro. É claro que nos casos que temos, que são casos excepcionais, isso não é regra, mas de crianças que foram tornadas alcoólatras, sim. Há o caso famoso da cantora Edith Piaf, que era cuidada pelos avós; como ela chorava muito, eles davam álcool para o bebê parar de chorar e ela se tornou uma grande alcoólatra. Mas isso são casos anedóticos

e esporádicos. Esse conceito de que o uso precoce pré-determina o futuro é questionável. Teoricamente, uma pessoa não deveria consumir álcool antes dos 18 anos, porque antes disso você não tem seu cérebro completamente formado. Existe um fenômeno que chamamos de poda neuronal, ou seja, todo um sistema, digamos, de evolução do cérebro ainda na adolescência, que pode ser afetado por qualquer substância psicoativa, teoricamente. Parece que a ayahuasca é uma das exceções, mas, de uma forma genérica, o mais seguro é não se usar antes dos 18 anos substâncias psicoativas. Os anglo-saxões, os americanos, falam muito disso: "O uso precoce vai desembocar em dependência.". Mas, em estudos de países mediterrâneos, na França, Espanha e Itália, esse fenômeno não acontece, porque existe um início de uso precoce: a criança começa a aprender a beber com o avô dela, que faz sangria, mistura vinho, ou seja, é um início muito precoce de consumo de álcool. Só que junto com o álcool, o avô está transmitindo uma cultura de consumo, está ensinando-lhe a consumir de uma forma não prejudicial. Por isso você vê um início precoce que não desemboca em alcoolismo. A taxa de alcoolismo nos países mediterrâneos é menor do que nos Estados Unidos, por exemplo. Portanto, não é uma coisa linear, embora saibamos que não deveria haver um início tão precoce. Mas não é esse consumo esporádico com o avô de uma sangria que vai desencadear o alcoolismo.

## **Pergunta 2**

Primeiro, quero parabenizar pela exposição muito didática, que contribui muito para ampliação do nosso repertório. Se possível, gostaria que o senhor falasse um pouquinho mais sobre os fatores de vulnerabilidade do usuário, algo que imagino ser muito complexo.

## **Resposta**

Essa pergunta é muito importante. Quando falei do grupo de epidemiologistas da John Hopkins, por exemplo, de que 91% daqueles que usam maconha não se tornam dependentes, 9% se tornam, e 15% de quem

consome álcool se torna dependente de álcool, a pergunta natural é: por que esses 15% viraram alcoólatras e os 85% não? Ou por que os 9% ficaram dependentes de maconha e 91% não? O que diferencia esses dois grupos? Esse é um grande desafio para nós, pesquisadores da área. Não temos uma resposta geral que sirva para todo mundo, mas temos algumas dicas, indícios. Uma é o indivíduo não conseguir manter o uso recreacional; ele começa a usar com outras finalidades, vai beber porque tem insônia, bebe até cair, até ficar chapado de álcool. Álcool não foi feito para ser remédio contra insônia, portanto esse é um comportamento desviante do álcool, não é uso recreacional. E vemos também vários estudos sobre quando o indivíduo tem um problema psíquico associado, e isso é um fator de risco – os mais frequentes são ansiedade e depressão. Aliás, meu doutorado foi sobre a relação do uso de drogas com depressão. Numa amostra de dependentes químicos, encontrei 45% com depressão grave. Quando descobri essa associação altíssima, quis saber o que veio primeiro, se o ovo ou a galinha. É um dependente que ficou deprimido ou um deprimido que começou a usar drogas? Em 77% dos casos, a depressão era anterior ao indivíduo começar a usar droga. Muito provavelmente, ele foi procurar a droga por causa desse mal-estar que a própria depressão causava. Isso é muito importante em adolescentes, porque nessa fase da vida a depressão frequentemente não é diagnosticada, passa como rebeldia, crise de identidade, momento, "adolescente é assim mesmo", "adolescente é estranho", e frequentemente não se valoriza e não se identifica uma depressão precoce.

O que acontece com esse indivíduo? Ele não sabe que tem depressão, as pessoas não a reconhecem. Ele tem os sintomas da depressão, ele acha a vida ruim, tudo é muito triste, não tem prazer nas coisas. Agora, você imagina esse indivíduo cheirar uma carreira de cocaína. De repente, a vida começou a ser interessante, ele se sente empoderado, inteligente, sensação que a cocaína proporciona, ou seja, ele está procurando um efeito antidepressivo na cocaína sem saber que está fazendo isso. Vemos que é muito frequente haver um transtorno psíquico por trás.

Em outro estudo nosso muito interessante, tínhamos um grupo de 300 dependentes de álcool, alcoólatras pesados, e fomos estudar os transtornos ansiosos neles. Um quarto deles, ou seja, 75 desses 300 pacientes tinham o diagnóstico de fobia social, um diagnóstico frequentemente malfeito, porque qual é o sintoma básico da fobia social? É ter desconforto ao se expor em público. Por exemplo, uma pessoa com fobia social fazer uma palestra como eu, agora. Já houve quem tivesse uma crise de pânico e morreu. Só que não precisa ser tão drástico assim, não precisa ser uma palestra. Quando a fobia social é forte, você tem vergonha de se aproximar de um grupo de amigos. Você marca um encontro com uma menina, aí tem vergonha de ir ao encontro, de chegar, fica tão sem jeito que não vai, desiste. Tem gente que não consegue comer em público, em restaurante, só come fechado em casa, porque se comer em público começa a tremer e acha que vai fazer alguma coisa inadequada. Numa amostra perguntamos o que começou primeiro, se a fobia social ou o uso de álcool. Noventa por cento contaram: para diminuir essa ansiedade relacionada à exposição, eu bebia um pouquinho; para ter coragem de sair e encontrar a menina, eu ia lá e bebia; para ter coragem de chegar numa festa sozinho, eu bebia para já chegar com coragem. Ou seja, de novo eles estavam usando o álcool como medicação para a fobia social. Embora eu ache que cada caso seja um caso, temos que pesquisar esses outros problemas psíquicos associados.

### **Pergunta 3**

Dartiu, em primeiro lugar, muito obrigada pela palestra muito objetiva, muito importante. Quando você mencionou aquela interdependência entre droga, sujeito, usuário e ambiente, ou os ambientes, que ele frequenta, e geralmente a gente não olha para essa interdependência, culpabiliza a droga como elemento nocivo disparador e culpado de tudo, fiquei pensando no papel da escola, esse ambiente socializador tão importante. A escola usualmente trata desse tema com os adolescentes, tem-se uma ideia de que conhecer todas essas coisas é importante. É importante saber

como essas drogas funcionam. E os adolescentes têm muita curiosidade a respeito disso, mas eu acho que há o próprio vínculo com o conhecimento, e ter e estar encantado com ele e ter o prazer em aprender, o que, é minha hipótese, também tem um efeito muito grande sobre a saúde mental. Queria que você comentasse um pouco da sua experiência, da interface disso com a vida escolar.

## Resposta

Começando pelo fim do que você falou, uma coisa muito importante é a questão do prazer, porque, se formos pensar, onde nasceu toda a história de uso excessivo e inadequado de drogas? O que estava por trás era a mesma coisa do uso recreativo, era a busca pelo prazer. Todos nós, quando bebemos, procuramos uma sensação de prazer, e isso é um problema em si? Não, o problema é se isso for minha única fonte de prazer. Trabalho com dependência química há mais de 30 anos. Quando proponho para um dependente químico, meu paciente, largar uma droga, sempre falo: "Olha, você está largando algo que lhe dá prazer, você precisa pôr no lugar outra coisa que lhe dê prazer também.". Você vai dizer para o indivíduo largar uma coisa que dá prazer e não colocar nada no lugar? Ninguém vai entrar nessa. É preciso descobrir outros potenciais, outros interesses, outros estímulos prazerosos. Isso é central.

É claro que a escola tem um papel muito importante nisso, por várias razões. Primeiro, por ser um lugar onde se passa grande parte da vida, frequentemente se passa mais tempo na escola do que no convívio familiar. A escola é um ambiente que faz parte desse *setting* mesmo. Segundo, porque quando somos crianças e estamos em nosso núcleo familiar, temos uma série de referências, modelos – a mãe é assim, o pai é assado, as regras de casa são assim. Quando o adolescente ou criança na puberdade começa a ir dormir na casa do amigo ou a frequentar a casa dos outros, ele começa a ver que tem um jeito de ser pai que é diferente do que ele conhece, um de ser mãe que não é bem como o que ele conhece, que há regras

diferentes na outra casa. Em geral, eles passam a achar a casa deles horrível e a casa do amigo o máximo; a mãe do amigo é o ideal de mãe, mas só porque é outra. Mas isso é muito criativo para o desenvolvimento da criança, porque ela não vai ficar só naquele modelo endogâmico dela, ela vai ver que existem diversas formas de funcionar, diversas formas de ser pai, diversas formas de ser filho. Isso vai compondo todo um mosaico na cabeça, a sociabilização. Finalmente, a partir desse aprendizado, no fim ele vai se tornar adulto. Mas essas experiências têm que ser positivas, porque se você começar a ter uma criança, seja lá por qual motivo, com muitas experiências negativas ou só experiências negativas, vai ser muito difícil que ela não fique absolutamente fascinada no dia em que experimentar uma droga. A gente vai dizer "Bom, mas as crianças não precisam experimentar droga, os adolescentes...", mas vamos ser realistas. Na prática, eles experimentam, então vamos lidar não com um ideal que temos de mundo, e esse foi o grande engano da guerra às drogas ou daqueles programas mais coercitivos. Fazia-se muita propaganda dos grupos aterrorizantes, do tipo: na televisão uma frigideira com ovo, e se dizia "Olha, seu cérebro vai ficar como esse ovo, se você usar drogas, se você fumar maconha.". Bom, os adolescentes que eu conhecia, alunos meus ou, às vezes, até pacientes achavam aquilo hilário porque eles tinham usado maconha e ninguém tinha ficado com o cérebro frito. Ou seja, não adianta você dizer uma mentira para aterrorizar o outro. A maior parte desses adolescentes, jovens, sabia muito mais sobre drogas do que aquilo que era dito a eles nas campanhas, e muito mais do que a maioria dos pais também. Você repetir, como pai, um discurso aterrorizador é uma coisa negativa porque não cola, não é verídico.

Todas as vezes em que fiz algum trabalho de prevenção em escola, eu trabalhava sempre com três vertentes: eu trabalhava com os professores, com os pais e, depois, com os alunos, separadamente. Quando eu trabalhava com os alunos não ia sozinho, ia sempre com dois professores do Ensino Médio, porque eu era contra fazer um trabalho tão específico precocemente. Uma vez, fizemos um *workshop* e, depois de quatro horas, o

professor virou para mim e falou: "A gente ficou aqui quatro horas e não falou de drogas.". Sim, porque eu não vou ficar dando informações sobre drogas para um jovem de 15 anos. Não é o cerne da questão. Posso até dar informações, não é proibido, mas a questão é destacar os fatores de vulnerabilidade, porque uma grande parcela vai experimentar, e isso não posso controlar. A droga está em todo lugar; mais cedo ou mais tarde, o jovem vai entrar em contato com a droga, mas quero saber se ele está aparelhado para aquele uso ser só experimental ou se vai ser um uso que vai levá-lo para um consumo abusivo.

E sobre o que o *workshop* falava? Sobre autoimagem, questão de gênero, relacionamento interpessoal, falava como é a relação entre namorados, entre amigos, o que nos faz nos sentirmos mal, bem; ou seja, eu estava trabalhando no sentido de fortalecer aquelas pessoas para, ao entrarem em contato com a droga, ela não representar uma ameaça. Eu estava tentando trabalhar nos fatores de vulnerabilidade. Depois, orientávamos o corpo de professores para continuar trabalhando nessa linha dentro de suas disciplinas, obviamente. É um pouco nessa linha mesmo do que você falou, ou seja, se você tiver alternativas de vida, está mais protegido, menos vulnerável a que essa droga seja um complicador em sua vida.

#### **Pergunta 4**

Minha pergunta talvez tenha a ver com isso que você acabou de falar. Fiquei pensando no papel de nós, adultos, em relação aos jovens, nesse percurso rumo à vida adulta, e que eles estão num mundo no qual as drogas existem. Acho que cada família deseja algo a seu modo, mas, em geral, não queremos que ele esteja vulnerável, ou que não faça algo que ache que seja inadequado, que lhe faça mal, ou faça mal a alguém. Mas, por outro lado, não temos um ritual que diga: "Que bom, você cresceu, seu cérebro está pronto, muito bem, vá para a vida.". Temos leis ou temos essas preocupações, enfim, cada família a seu jeito, cada escola a seu jeito. Por outro lado, existe uma carga, muitas vezes moral, grande

em relação à questão das drogas, que empobrece muito nossa abordagem, até mesmo nossas trocas para pensar essas questões ou para viver essas questões com os jovens, entre nós e com os jovens. Eu não sei, na verdade, queria ouvir um pouco como você lê esse lugar, pensando na nossa sociedade no Brasil, mesmo em São Paulo, ou que seja em nosso nicho aqui, esse lugar, o papel desse adulto, seja ele a família ou a escola. Pensando nesse processo, para fechar minha pergunta: você falou muitas vezes de uma dicotomia, de uma nuance de cores que varia; ir para a vida adulta também tem isso, não é? Para a gente não ficar num lugar muito fácil, de simplesmente seguir a lei ou ser moralista (porque o filho faz escondido ou faz na frente), como é que você tem visto hoje em dia e pensado essa questão do papel do adulto?

## Resposta

Sua pergunta é difícilíssima, ela não tem uma resposta fácil nem simples, e nem sei se há resposta. É tão individualizado o que você pergunta, vai depender de tantos fatores, de como é aquela família, como funciona, qual a idade da criança. Criança é, por um lado, mais fácil, porque precisa ter regras claras, é sim ou não, criança é muito mais branco ou preto. Mas, na hora em que ela começa a adolecer, começa a transgressão, começa a questionar, não é branco e preto, tem cinza no meio. Ela começa a pôr em xeque todas essas normas familiares; o que é sadio, faz parte da adolescência, mas cria um problema para os pais. Mesmo em faixas etárias menores. Por exemplo, tenho três filhos. Lembro que eu tinha uma postura em relação ao álcool, assim: lá pelas tantas, tinha que surgir um interesse. "Pai, deixa eu experimentar o que você está bebendo? O que é isso? É whisky, cerveja?" Parti do seguinte pressuposto, se eu começar a falar "isso não pode, é proibido, não vai beber", vou estimular a curiosidade, ele vai beber escondido. Eu pensava "Bom, tem um gosto ruim, ele vai experimentar, vai achar horrível". Dito e feito! Experimentou. "Ah, que coisa horrível isso, pai! Como é que você bebe isso?" E não tocou mais, só depois que

cresceu. Com o outro, a mesma coisa. E a minha filha adorou! Então, pensei "Agora, eu tenho problema.". A menina adorou o gosto da bebida alcoólica quando tinha uns sete anos. O que eu fiz? Agora eu não posso mudar, não é? Estarei sendo proibicionista, tenho que manejar isso de alguma forma. Usei, então, aquele recurso do *setting* e falei: "Olha, quem bebe isso é adulto, criança só pode beber, tipo, no Natal.". Era um vinho branco que ela tomava num copinho de licor, em ocasiões muito especiais, e ela, como era criança, aceitou que aquele era o limite. Então, não vou privá-la, ela sabe que pode beber, mas não é que eu liberei o álcool para uma criança de sete anos; ou seja, eu coloquei um contorno nas coisas. É claro que isso é algo muito específico da infância, mais fácil manejar isso na infância, desse jeito. Mas com adolescentes também temos que ter as regras, limites, só que nós, adultos, precisamos saber que esses limites serão transgredidos. Claro que você não vai confessar para o adolescente que você deu limite e já está partindo do pressuposto que ele vai transgredi-lo, mas você não pode ser ingênuo e tem que saber como vai lidar com aquelas transgressões, porque, como falei, a transgressão é algo que o ajuda a se tornar adulto. Mas você vai ter que modular cada situação de acordo com o que se passa ali. Agora, estamos falando de droga, mas isso é válido para tudo, para comportamento em geral, para sexo; ou seja, não é um problema que surge com a droga em si. Por exemplo, existe certa banalização, hoje em dia, do uso de maconha, e sabemos qual o lado bom da história, temos vários estudos mostrando que adultos fumando maconha de forma esporádica, recreacional, não costumam construir um problema. Maconha dá problema quando o início é precoce. Se o uso da maconha começa na adolescência, você tem risco de ter problemas nesse uso, de não ser uma coisa tranquila, então aumenta seu risco de desenvolver uma psicose na vida, sobretudo se você tiver uma história familiar de psicose, se você usa com frequência, vai ter um rendimento prejudicado, sua cognição fica comprometida. Esse uso recreacional de maconha não é tranquilo, como na idade adulta. Mas sabemos que existe uma tendência a essa banalização. Claro, não é assim: meu filho usa maconha duas, três vezes e agora vai ficar

burro. Isso não existe, é uma coisa que se faz mais naquela linha do terror, não é tão linear e prejudicial dessa forma que se coloca. Mas, passar a fazer um uso frequente, usar maconha todos os dias é muito perigoso. Embora, se formos ver, o uso diário de qualquer substância tende a ser perigoso. Acho que exceções são os espanhóis e franceses que tomam uma taça de vinho todo dia e ninguém vira alcoólatra por isso; mas é uma situação excepcional. Porém, também se manteve uma taça por dia. Quem toma uma garrafa de vinho por dia vai virar alcoólatra mesmo. Acho que eu não respondi nada.

### **Pergunta 5**

Minha pergunta é mais prática. Tenho uma filha adolescente de 15 anos. Se ela chegar fumada ou bêbada em casa, como agir? Num primeiro momento, já entendi que tem que orientar, que tem que tapar esses buracos da vulnerabilidade, mas também entendo que, no meio em que ela vive, vai ter maconha e droga. Como orientar e proteger para que ela tenha essa consciência do que fazer? A escolha vai ser dela, ela vai experimentar quase que invariavelmente, mas, como pais, como agir nessa hora? E, obrigada, a palestra foi ótima!

### **Resposta**

É claro que vai depender muito de como as regras funcionam na sua casa. Mas também já tive filhos que chegaram bêbados ou drogados, obviamente, acho que todo mundo já teve essa experiência. A primeira vez que minha filha mais velha tomou um fogo na vida, fui buscá-la numa festa, ela deveria ter uns 14 ou 15 anos, e ela estava tentando disfarçar, achando que estava disfarçando muito bem. Só que ela falava muito alto, ria muito e não tinha a mínima autocrítica de que ela estava evidentemente alcoolizada. E ela achando que estava mandando muito bem. E outra vez eu fui dar uma carona para meu sobrinho, que já tinha uns

22 anos. Eu tinha tomado uma caipirinha, aí peguei o carro e lembrei "Puxa vida, bebi, não vou dirigir, mas já estou na rua, como é que eu faço? Ainda dei carona para meu sobrinho.". Daí, falei para ele "Pega a direção", e ele "Não, não vou pegar", "Pega a direção, pega, eu bebi uma caipirinha, não quero dirigir alcoolizado". Insisti e ele, "Não". Mas o que esse menino tem que não quer pegar o carro? Ele disse: "Tio, eu tomei um ácido.". Ele finalmente confessou, então respondi, "Está bem justificado, deixa eu dirigir com a minha caipirinha.". Mas, acho, claro, que se isso ocorre uma vez ou outra, isso faz parte da experimentação. Todos nós, quando começamos a beber, ficávamos de fogo muito frequentemente. Os que continuaram a beber na nossa idade dificilmente ficam de fogo, porque temos o manejo da situação, sabemos como beber e o quanto, ou seja, não perdemos o pé das coisas. Faz parte da adolescência você perder o pé. Adolescente perde o pé em tudo. Perde pé, mão, cabeça. Mas, se você percebe que é um comportamento repetitivo, acho que vale a pena pedir uma ajuda psicológica ou uma avaliação médica, para saber se aquilo está escondendo alguma coisa, se tem algum conflito por trás daquilo. Algumas vezes, você consegue, na conversa, acessar esse conflito, e acho que tem que ser repressivo, sim, falar: "olha, não dá para você chegar assim, faz mal para você"; mas você não pode ser tão repressor a ponto de impedir o diálogo. Quer dizer, ele tem que saber que há a regra, que há limite, que ele ultrapassou o limite, que você não gostou, mas que ainda assim você está aberto para conversar: "Como é que foi a festa? O que que houve lá? Por que você bebeu demais? Estava todo mundo assim? Ou brigou com o namorado? Ou alguém lhe tratou mal?". Tudo isso para você criar um canal de comunicação, e, às vezes, é um alívio para o adolescente ter esse canal.

## **Pergunta 6**

Minha pergunta tem a ver com o uso de medicamentos, hoje em dia, por crianças pequenas, por nossos jovens adolescentes e muitos dos adultos.

Eu queria saber se você conhece, se há algum trabalho que mostre um pouco a relação do uso dessas substâncias, dessas drogas, na infância, na adolescência, com a dependência depois. Porque, pelo que você disse, se trata uma dependência com outra droga. E vivemos, hoje em dia, numa sociedade em que esse uso de medicamentos da família do Rivotril e outros ansiolíticos têm uma frequência para lá de aceitável.

## Resposta

Sempre faço uma brincadeira dizendo que a gente sabe que um dependente químico confere à droga um poder miraculoso, do tipo: "Resolvo meus problemas tomando uma droga.". Se a vida está muito chata, tomo uma droga; se meu pai brigou comigo, tomo uma droga. Ou seja, a droga é a solução mágica. Chamamos isso de otimismo farmacológico. Sempre brinco que só duas classes de pessoas têm otimismo farmacológico: os dependentes químicos e os médicos. Os médicos também acham que existe um milagre, que você dá uma droga e resolve tudo. É um pouco o que o estudo da ibogaína mostrou; a ibogaína é fantástica, mas é fantástica com terapia, sozinha não funciona.

Vivemos numa sociedade muito peculiar, não sei bem que adjetivo dar, mas estou chamando de peculiar. Todo mundo é obrigado a ser feliz, ninguém pode ficar triste mais; se você fica triste, tem que esconder dos outros. É vergonhoso estar triste, não pode ser ansioso. Então, todo mundo toma antidepressivo, toma ansiolítico e fica uma coisa assim meio pas-teurizada, todo mundo entra nessa onda. Sou médico. Sou otimista com as medicações, prescrevo muitas medicações, mas tomo cuidado para não fazer isso, ou seja, vou dar um antidepressivo se tiver depressão mesmo caracterizada, não vou dar um antidepressivo para uma tristeza. Ansiedade pode ser doença, mas pode ser uma reação a uma situação de estresse, uma situação específica da vida da pessoa, e, aí, a questão não é você tirar aquilo magicamente ou anestesiá-lo com Rivotril, com Valium. Muitas pessoas ficam até inertes e não resolvem seus problemas,

porque ficaram anestesiadas com uma medicação. Acho importante os médicos terem essa noção do quanto se precisa de uma medicação ou o quanto você está dando uma medicação só como sintomático, sem resolver o problema. Acho que medicação psiquiátrica é muito boa, mas para quem tem um problema psiquiátrico.

Uma vez, tentaram estabelecer uma relação de crianças que tinham transtorno de atenção e tomavam Ritalina que, na idade adulta, se tornavam dependentes químicos, mas, depois, estudaram melhor o que acontecia. Isso tinha a ver com transtorno de atenção. Uma criança com transtorno de atenção tem mais chance de abusar de drogas quando adulta do que uma que não tem transtorno de atenção. Mas se ela tomar Ritalina, ela diminui essa chance. Eu já tive um caso muito curioso no consultório: levaram a mim um menino de 16 anos, dependente de cocaína, e identifiquei que ele tinha um transtorno de atenção que nunca tinha sido diagnosticado na vida. Ele falava nitidamente: "Quando eu uso cocaína, fico mais concentrado, fico mais focado". Eu falei "Bom, quem sabe a grande motivação do uso da cocaína é ele lidar com essa dispersão do transtorno de atenção?". Dei Ritalina a ele, e faço um teste computadorizado para medir a atenção. O dele estava muito alterado! Eu dei a Ritalina, ele voltou depois de 15 dias e o teste estava normal. "Olha só, seu teste está normal.". E ele virou para mim: "Mas eu não usei o remédio.". "Como assim, você não usou o remédio? Impossível! Você tinha um teste completamente alterado e, agora, seu teste está normal! Você não usou Ritalina?" Ele respondeu: "Mas cheirei uma carreira uma hora antes de vir aqui para a consulta.". Ou seja, a cocaína realmente tinha o efeito da Ritalina, normalizava a atenção dele. Ele começou a usar Ritalina, a vida inteira, e parou de usar cocaína. Aí, começou a dar certo na vida, a conseguir fazer as coisas, ou seja, aquele era realmente um uso como remédio.



# Sexo e gênero na educação

*Cláudia Vianna*

Boa noite a todos, todas e todes que estão aqui. É uma alegria poder dialogar com vocês neste espaço, com a história e a proposta que o Instituto Vera Cruz desenvolve. Queria muito agradecer a iniciativa da Direção e de toda a equipe. Em 30 anos de educação, isso é o que me faz mais feliz.

Queria começar sublinhando meu lugar de fala: de mulher branca, heterossexual, mais velha – não sou dessa geração, de professora universitária que há algum tempo não dá mais aula em escola pública, aposentada, mas ainda atuante na pós-graduação e na pesquisa. É óbvio que estou raciocinando a partir de um lugar cheio de privilégios, que deveriam ser direitos, mas não são. Reconheço todos esses privilégios e me alio à luta para que eles não o sejam, apesar de saber que ainda são. Essa é minha luta! É também por isso que estou aqui, porque acredito na potência das discussões de gênero, sexo e sexualidade na educação. Nunca se falou tanto sobre esse tema, mas acho que também ele nunca foi tão banalizado, tão pouco entendido e, às vezes, acho que até deturpado, digamos assim.

É sempre muito difícil fazer um recorte, porque trabalho com essa temática há 30 anos, tenho feito muitas pesquisas sobre isso, sempre há muito para falar, mas brinco que fiz a lição de casa, que trouxesse para vocês uma reflexão sobre a articulação entre diversidade, diferença e

---

Cláudia Vianna é pesquisadora e professora associada sênior da Faculdade de Educação da USP. Desde 1992, atua na área da educação, com ênfase em Política Educacional, Relações de Gênero e Diversidade Sexual. Tem mestrado em Educação: História, Política, Sociedade pela PUC-SP, doutorado em Educação, pós-doutorado pela UAM-Madri e livre-docência pela USP.

desigualdade na configuração do conceito de gênero. Quer dizer, falar de diferença, de desigualdade, de diversidade é falar de um monte de coisas: classe, raça, geração, mas também falar de gênero e sexualidade. Refletir sobre a função social da educação e sua qualidade é, para mim, falar de gênero.

O Brasil é um lugar de muita diversidade. É um país de muitas raças, muitas cores, muitos corpos diferenciados, muitos jeitos de ser gente, muitas formas de ser e de estar no mundo, muitos sotaques, muitas perspectivas. É um país muito grande, com enorme diversidade. Ele é, mesmo, um país múltiplo, mas, diferentemente do que o senso comum diz, não é, necessariamente, acolhedor dessa diversidade.

Vivemos em um país onde, muitas vezes, essas diferenças são transformadas em desigualdades. E quando falamos da educação, isso é muito presente! Trata-se de um país, segundo os dados mais recentes do IBGE (2017), em que a escolarização tem aumentado. É muito comum ouvirmos: "Está melhor, tem muita gente se escolarizando, terminando o Ensino Fundamental". Mas é um país de 11 milhões de analfabetos, ainda. Em relação à população de 15 anos ou mais, um pouco o nosso espectro do Ensino Médio, são pelo menos 6,8%. Olhando mais de perto, dos 11 milhões de analfabetos e analfabetas, quase 4% são pessoas brancas, e 9%, mais que o dobro, são negras, pretas e pardas –, para usar os termos do IBGE.

Em termos de sexo, 6,6% são mulheres e 7% são homens. As mulheres já foram mais escolarizadas que os homens, mas isso hoje não está tão evidente. Se fizermos um corte de idade, focando na população de 60 anos ou mais, esses 6,8% dos 15 anos ou mais sobem abruptamente para 18%. Dezoito por cento da população de 60 anos ou mais, ou seja, a minha faixa etária, ainda é composta por analfabetos e analfabetas.

Quem são essas pessoas? A maioria, mulheres. As mulheres mais velhas estudam menos, não temos políticas públicas de Educação de Jovens e

Adultos (EJA) para essas mulheres. A maioria no Nordeste e no Norte é negra. Então, que diversidade é essa? O que significa "todos na educação"? O que significa estar entrando na educação? Quando fazemos esse corte, vai surgindo um mapa que mostra que propor educação de qualidade é trabalhar com uma areia que escapa de nossas mãos.

Há 20 anos, nas políticas públicas do governo Fernando Henrique Cardoso, Paulo Renato de Souza, ministro da Educação, dizia: "A gente tem que focar nos jovens. O pessoal que está mais velho não é prioridade". Vinte anos depois, colhemos os frutos e as amarguras de decisões políticas. Tem fruto, claro que tem! A maioria estudando, então essa é uma questão. Outra questão é como é que essa diversidade é transformada em desigualdade e em preconceito, em nosso cotidiano?

Vivemos em um país onde, o tempo todo, segregamos, fazendo cara de paisagem, dizendo que não é bem assim, que o brasileiro é cordial. Sabemos que isso está presente em nosso dia a dia, em formas de ser e estar, em piadas, que na verdade não são piadas, podem ser expressões de *bullying*, melhor dizendo, de violência.

É muito comum querermos fazer um elogio a uma mulher e dizermos coisas do tipo: "Não, fulana trabalha superbem, trabalha como um homem"; "Eu não tenho nenhum preconceito com a população negra, mas cada macaco no seu galho"; "Para quê colocar as mulheres na física quântica? Elas já demonstraram que não têm exatamente o mesmo quociente de inteligência". É muito comum escutarmos: "Fulano é gay, mas ele é gente fina, é limpinho, não é promíscuo"; "Ele é pretinho, mas tem alma branca". Ou o contrário: "Se não faz na entrada, faz na saída"; "Quer ser veado, tudo bem, desde que seja longe de mim". Pesquisas mostram que isso acontece dentro da sala de aula. São frases que vão nos acompanhando, quer dizer, "eu não sou nada contra, desde que não seja minha filha me apresentando a namorada dela". Ou coisas do tipo: "Homem é homem, mulher

é mulher, não me venha com isso, o resto é sacanagem. Vamos combinar que Deus criou assim". Ou seja, o preconceito não tem classe social nem escolarização, ele nos pega da Educação Infantil à pós-graduação, nos captura em muitas dimensões de nossas vidas.

Menciono algumas falas que fazem parte das nossas vidas porque desde muito pequeninos aprendemos a pensar assim. Do ponto de vista das relações sociais de gênero, o que tem de perigoso nessas falas é que muitas vezes dizemos: "É piada, não é nada". Qual é o maior problema da tal piada? É que o que parece piada é preconceito e se transforma em discriminação, algo que pode chegar até a morte.

Vivemos em um país onde, em 2013, eram assassinadas 13 mulheres por dia! Dados do Atlas da Violência (Ipea/FBSP, 2018) registram 135 estupros por dia! É preciso considerar que grande parte das mulheres não denuncia, porque é muito difícil o processo de denúncia, é penoso, é eivado de desconfianças. Muitas das meninas e mulheres demoram para cumprir esse ciclo de violência, elas acham que não é nada, que vai passar, que o namorado vai pedir perdão, que o marido chora e tudo bem, não vai acontecer de novo.

E, apesar de a Lei Maria da Penha existir desde 2006, as polícias brasileiras ainda não estão amplamente treinadas. Em nosso país, as mulheres morrem simplesmente por serem mulheres. Morre-se por quê? Porque aquele homem acha que é seu dono; porque você disse "não" para ele, termina um namoro, deixou de gostar dele; a recusa é o suficiente para justificar sua morte quando se trata de feminicídio.

Temos um quadro que é um dos piores do mundo. Todas piadas carregam uma dimensão muito cruel que tem a ver com gênero, do ponto de vista da relação entre homens e mulheres, e tem a ver com gênero, do ponto de vista da população e das pessoas LGBT.

---

1. WAISELFISZ, Julio Jacobo. *Mapa da Violência 2015: Homicídio de mulheres no Brasil*. Rio de Janeiro, 2015.

De acordo com um levantamento sistematizado ao longo de 38 anos sobre assassinatos de homossexuais e transgêneros no país, o Grupo Gay da Bahia (GGB) registrou, em 2017, um aumento de 30% nos homicídios de pessoas LGBT em relação ao ano de 2016. Em apenas um ano, o número de mortes passa de 343 para 445. Também em 2017, uma pessoa LGBT era assassinada a cada 19 horas<sup>2</sup>.

Conforme dados da União Nacional LGBT, o tempo médio de vida de uma pessoa trans, no Brasil, é de apenas 35 anos, em um país onde a maioria da população possui expectativa de vida 75,5 anos<sup>3</sup>. Estamos falando de uma população trans que tem uma expectativa de vida muito reduzida, não importando a classe social. Quando você conta para seu pai e para sua mãe que você é trans, você sai de casa! E sua única possibilidade de sobrevivência é a prostituição. Um dos motivos é esse. Não sabemos até que idade essa população estuda, se estuda; a maioria das vezes não conclui nem o Ensino Fundamental. Não temos dados muito precisos sobre a escolarização dessa população. E quando você não tem dados, como é que você cria políticas públicas? Você não cria.

Levantamento realizado pela ONG Transgender Europe (TGEU), em novembro de 2016, mostra que, no Brasil, 868 pessoas trans morreram em oito anos. Nesse mesmo período – de 2008 a 2016 – morreram no mundo 2.190 pessoas trans. Quase a metade desse total morreu em nosso país!

Uma estudante transexual do pré-vestibular de Pernambuco foi vítima de agressão e denúncia de transfobia, em 2018<sup>4</sup>. Ela não morreu, mas ficou desfigurada. Então, tudo isso para dizer que quando estamos falando

---

2. MOTT, Luiz; PAULINHO, Eduardo. *Mortes violentas de LGBT no Brasil relatório - 2017*. Grupo Gay da Bahia, 2018.

3. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, 2016.

4. <https://g1.globo.com/pe/pernambuco/noticia/estudante-transexual-de-pre-vestibular-da-ufpe-denuncia-agressao.ghtml>.

de diversidade, não estamos falando necessariamente de acolhimento. Estamos tratando de diferenças que, em uma sociedade desigual, na maioria das vezes, são transformadas em desigualdades. É como se eu dissesse: "Nós aqui somos todos iguais, mas eu sou melhor que vocês, eu fiz pós-graduação, tenho meu pós-doutorado na Espanha, vocês não fizeram". É como se eu dissesse: somos iguais, mas nem tanto. Ou seja, ao hierarquizar as diferenças podemos transformá-las em desigualdades. Acho que esse é o maior desafio da educação: tentar lidar com corpos que muitas vezes são considerados menos humanos que outros, pessoas que são vistas como menos iguais que outras, que importam menos que outras.

O conceito de gênero tem a ver com isso. Ele nasce na luta por direitos, diz respeito, em um primeiro momento, ao movimento feminista, à ampliação dos direitos das mulheres que lutaram, e ainda lutam, por direito à propriedade e ao consumo, por não serem tratadas como objeto – noção que, muitas vezes, justifica o feminicídio. São reivindicações como o direito ao voto, ao trabalho igualmente remunerado para homens e mulheres. Hoje, as mulheres ganham 50% a menos do que os homens na mesma ocupação, com mais formação. Em meados do século XXI! Ou seja, essas identidades feministas não são dadas, são conquistas. E o feminismo é múltiplo e histórico, quer dizer, são diferentes raízes da opressão, diferentes formas de controle.

São diferentes dimensões dessa desigualdade que mostram que o movimento feminista é plural. Você tem o feminismo liberal até o feminismo radical, que diz: "o homem é virtualmente a pessoa do estuprador, não aceitamos sua presença em nosso movimento". Há vários outros feminismos. O feminismo negro, por exemplo, denuncia a morte abrupta e inexplicável de jovens negros: "não queremos que nossos filhos morram, porque os nossos filhos negros são mortos nas ruas sem nenhuma justificativa".

Existem peculiaridades e consensos no movimento feminista. E esse movimento também se articula com o movimento LGBT que, além de reivindicar poder escolher a quem amar e como amar, amplia as políticas de sexualidade. Mas em todos esses movimentos existe o grande desafio do enfrentamento de estruturas históricas de repressão sexual das mulheres, de patologização das homossexualidades e das identidades de gênero.

Quando falamos de gênero, falamos de um conceito que vem sendo usado desde uma de suas principais precursoras, Simone de Beauvoir, que, em 1949, afirmou: "não se nasce mulher, torna-se". O conceito vem depois.

Nesta apresentação, trago apenas duas referências, uma historiadora e uma filósofa: Joan Scott e Judith Butler. Elas têm alguns dissensos e alguns consensos. Mas representam tentativas de forjar um conceito que mostre, para além do sexo, que aquilo que podemos falar sobre nossos corpos não está colado em nossa biologia.

O gênero já foi usado como sinônimo de mulher, como política do feminismo, como central para os estudos feministas, como uma crítica ao determinismo biológico, como uma crítica ao determinismo cultural, como uma crítica à essência humana. De acordo com Joan Scott<sup>5</sup> (1995) o gênero é a organização social da diferença sexual. Ele não reflete a realidade biológica primeira, mas constrói o sentido dessa realidade, com o cuidado de dizer que essas diferenças não estão coladas em nossos corpos.

Por quê? Porque o importante é como eu percebo essa diferença, que não está dada. Ser mulher no século XIX não é a mesma coisa que ser mulher no século XXI. Isso vem mudando ao longo da história, nos símbolos que construímos, na maneira como definimos, durante séculos, o que é ser feminina. No início do século XIX, eu não estaria aqui, de calça comprida

---

5. <https://g1.globo.com/pe/pernambuco/noticia/estudante-transsexual-de-pre-vestibular-da-ufpe-denuncia-agressao.ghml>.

e, muito menos, falando isso para um público tão plural. Também muda a maneira como normatizamos as relações de gênero. Por exemplo, nós mulheres temos um corpo que sangra em um determinado período de nossas vidas. A forma como a cultura e a ciência vão nomeando esse corpo que sangra muda ao longo da história. Como eu vou expressando esse corpo, também. Se tomamos a medicina do século XVI, que ainda tinha a teoria do sexo único, podemos constatar que ela desenhava o corpo das mulheres e dos homens como muito parecidos. De acordo com Thomas Laqueur<sup>6</sup> (2001) – em seu livro *Inventando o sexo: corpo e gênero dos gregos a Freud* – mostra que a antiga ordem dos corpos recorria ao útero e seus vasos para destacar as semelhanças entre os órgãos reprodutivos femininos e masculinos.

O que embasava a teoria do sexo único na medicina do século XVI? O corpo era o mesmo. A medicina da época destacava que as mulheres e os homens tinham o mesmo aparelho reprodutivo. A diferença era que os homens eram mais desenvolvidos, seus órgãos eram expostos. Já as mulheres eram menos desenvolvidas, seus órgãos eram enrustidos. E toda a explicação das mulheres mais frias, das mulheres mais úmidas, das mulheres imperfeitas, vinha dessa grande visão. O que a ciência era capaz de falar, naquele momento histórico, embasava toda uma cultura que dialogava com essa ciência. O corpo que sangra e se reproduz é o mesmo, mas a forma de pensar a diferença entre os sexos muda ao longo da história da humanidade.

Por exemplo, o bebê não nasceu, ele está na barriga da mãe, e ainda hoje ouvimos: "Eu estou com sono, tenho certeza de que vai ser menina"; "Gente, como pula! Ah, vai ser menino, como é ativo"; "O moleque tem carinha de joelho, ele está aqui no meu colo, se eu não colocar azul, ninguém vai

---

6. LAQUEUR, Thomas Laqueur. *Inventando o sexo: corpo e gênero dos gregos a Freud*. São Paulo: Relume-Dumará, 2001.

dizer se é menino ou menina". Ele vira o olhinho e alguém diz: "Está vendo como ele é paquerador? Olha, ele está olhando a menininha". Somos capazes disso! Fazemos isso todos os dias! O tempo inteiro produzimos sentidos, símbolos, normas e identidades.

Até pouco tempo atrás, a mulher não tinha direito à herança. Até 1945, nossas leis estabeleciam que a mulher poderia ser devolvida se não fosse virgem até seu casamento. Produzimos normas, concepções políticas e identidades subjetivas. Com todos os direitos que já conquistamos, ainda nos culpamos porque a casa não está limpa, porque não levamos o filho para a escola. O marido não se culpa, mas nós mulheres, muitas vezes, sim. Se a criança tem baixo desempenho escolar culpa-se a mãe primeiro, o pai em segundo lugar. Porque reunião de pais e mestres é reunião de mães e professoras, na maioria das vezes.

Vamos criando um modo que não tem a ver com a realidade biológica, mas com esse jogo de interpretações, que está na escola, mas também na família, nas religiões, na mídia. Essa ideia de que vamos construindo do gênero tem também a ver com a produção de sexualidades.

Falar de gênero não é sinônimo nem de mulher, nem de sexualidade. Mas gênero é um caminho para compreender as distintas e complexas dimensões dos seres humanos e dos saberes sobre nossa sexualidade. Como eu vivo com meu corpo? Como me defino como feminina? Como construo minha masculinidade? Como construo meu desejo? Nada disso é neutro. Tem a ver com tensões, contradições, direitos. São muitas formas de sermos pessoas, e como nomeamos tudo isso vai mudando ao longo de nossas vidas, e tem a ver com poder, com identidade individual, com identidade social, com o fato de que o sexo não é uma condição estática de um corpo. Ele é um processo de normas regulatórias, um jeito de nomear, e isso nos coloca muitas questões. Como entendemos um corpo sexuado? O que esse corpo tem a ver com uma determinada sexualida-

de, com a forma como vivemos nossa sexualidade? O que nossa sexualidade vivida tem a ver com o fato de nos identificarmos como hétero ou como homossexual? O que isso tem a ver com os papéis que desempenhamos? Podemos ser uma mulher heterossexual ou homossexual e ser uma supermãe? Ou não? Ou ser uma mulher heterossexual considerada feminina e ser uma péssima mãe. O que isso tem a ver com as diferentes expressões de masculinidade? Tudo isso tem a ver com falar de gênero.

Se conversarmos com os jovens mais descolados, certamente eles vão saber o que é um sexo não binário, e não necessariamente todo mundo, eu imagino, sabe disso. Por isso gostaria de falar um pouco dessa dimensão e dizer que não são caixinhas, é só uma forma relativamente didática de pensarmos o que significa falar de relações sociais de gênero do ponto de vista da construção das identidades, de como expressamos o que achamos que somos, como construímos nosso corpo e nossos desejos.

Podemos nascer fêmea ou macho, mulher ou homem, mas nem o sexo biológico é binário, porque existe a possibilidade de nascermos intersexo, antigamente chamado de hermafrodita. Uma em cada cem pessoas nasce com dois sexos e quase não escutamos falar disso. Nos países escandinavos, isso já está acontecendo com um pouco mais de frequência. Na Suécia e na Noruega, por exemplo, quando nasce uma criança intersexo, as famílias podem optar por não fazer intervenção cirúrgica. Na maioria dos países, o que acontece? O médico ou médica pediatra diz: "Seu bebê nasceu com um probleminha e a gente vai ter que fazer uma 'adequação'". E aí, esse bebezinho, muito pequenininho, com mais ou menos 30 dias, – às vezes um pouquinho mais, às vezes um pouquinho menos – pode sofrer uma intervenção cirúrgica, uma "adequação de sexo". Esta não é minha especialidade, mas estudos da área médica na perspectiva de gênero mostram que a decisão de "adequação" pode ser equivocada e a identidade de gênero dessa criança, desse adolescente, no futuro, pode não corresponder ao sexo que os médicos decidiram que aquele corpo

teria. Existe uma longa discussão sobre isso: quem disse que isso é uma anomalia? Por que essa pessoa não pode viver assim? Temos vários registros, da Idade Média para cá, inclusive na área militar, de soldado que ficou grávido, que tinha útero e se casou com uma pessoa que não podia ter filhos, decidiu engravidar. Pode acontecer, mas como não vivemos com essa possibilidade, isso nos soa muito estranho.

Tudo isso para dizer que nem o sexo biológico é binário. Então, por que o resto seria? Mas, vamos supor: nasci mulher, tenho uma genitália que se identifica com a genitália feminina, tenho uma expressão de gênero nada andrógina, enfim, dá mais ou menos para me identificar. Se eu passar na rua, acho que ninguém vai ter muita dúvida de que eu sou uma mulher. No meu caso, heterossexual, casada, estou num corpo de mulher e me vejo como mulher, me expesso como mulher e tenho uma orientação sexual voltada para o sexo oposto.

Mas eu poderia nascer com um corpo de mulher, ter uma expressão de gênero feminina como a que eu tenho e ter uma orientação sexual do desejo voltada para o mesmo sexo. Ou acreditar que o amor não tem sexo, que posso gostar de uma pessoa, tenha ela um corpo de homem ou um corpo de mulher, pois o que me atrai não é exatamente a genitália ou o que eu possa fazer com aquela genitália, mas a completude daquela pessoa. Temos a pessoa gay, a lésbica, a pansexual e a assexual, que diz: "Não quero ter sexo de jeito nenhum". A bandeira da militância transexual é uma ameba. De novo, vale lembrar que são várias gradações, isso não é uma caixinha. Existe, também, o amor romântico, e se ele for muito romântico eu até deixo você tocar no meu corpo, mas não me dá prazer, eu faço isso por amor. Um por cento da população mundial está nesta categoria, e vem crescendo, pois hoje se identificam, criaram um movimento. Conheço vários jovens que dizem: "Achava que eu era doente, me enchi de hormônio, não sabia o que eu tinha. Primeiro, achei que era gay, por isso não estava dando certo. Aí, vi que também

não era, fui para o ginecologista, tomei hormônio.". É um caminho muito longo até se descobrir assexual.

Outra possibilidade é: nasci em um corpo de mulher (ou de homem), não me vejo nesse corpo, me vejo para o lado de cá, transito. Posso transitar por completo, fazer uma cirurgia de transição, mas não importa qual você faça. Eu posso transitar para cá, fazer de homem para mulher ou de mulher para homem; quer dizer, existem cirurgias para isso, que são superdoloridas. Posso não transitar a esse ponto de interferir, mas me ver como mulher ou como homem, então, vou transformando minha expressão de gênero para que ela se aproxime de como me vejo. Se me vejo como homem, vou mudando esse corpo como quiser. Isso varia muito. Tem gente que vai até a cirurgia, tem gente que fala: "Eu não vou gastar um carro para fazer uma cirurgia, correr risco de vida. Não, eu não preciso mudar isso, mas tomo hormônio, faço algumas coisas." Tem gente que fala: "Não, me vejo como uma mulher, mas vou ocupar um corpo não binário, ele vai ficar meio andrógeno e, para mim, isso está bom".

Além disso, posso fazer todo esse processo para, nascendo homem, conformar minha identidade de gênero e, mesmo assim, do ponto de vista do desejo, sou heterossexual, então, continuo gostando de mulheres. Vou mudar meu corpo para ser uma mulher e vou continuar gostando de mulheres, ou seja, tudo isso é possível dentro dessa configuração.

Podemos falar das mulheres que não são tão femininas. São mulheres, se veem como mulheres, ou são homens, se veem como homens. A identidade de gênero é homem, ele é heterossexual, mas ele se cuida, é delicado, não gosta de futebol, e é chamado de gay só por causa disso! Ou o contrário: quando uma mulher é determinada, ela vai para uma reunião qualquer e bate na mesa, expressando muito claramente suas opiniões. Vai haver pelo menos três pessoas dizendo: "Tá com TPM, bem? Ah, isso é falta, né?". E, se for lésbica, vão falar que ainda não achou o homem ideal. Nesse tipo de preconceito, uma mulher lésbica só é lésbica porque

não achou um homem que mostrasse para ela o que significa ser mulher heterossexual. Trata-se de uma discussão muito longa, mas precisamos, minimamente, entender que as pessoas não são só a genitália que elas carregam. Elas são tudo isso, e tudo isso está dentro de uma sociedade que carrega esse jeito de ser e de estar no mundo, constrói significados, diferenças que se transformam em desigualdades, preconceitos que se transformam em discriminação e podem até matar.

Tudo isso tem a ver com a escola. O que a escola pode fazer com isso? A escola pode fazer muito. Mas, quanto menos ela pensar sobre isso, mais coisas absurdas ela fará.

Se a escola não se dá conta de que a qualidade da educação tem a ver com a superação do preconceito, que qualquer conteúdo, seja ele de português, matemática, do Enem ou do pré-vestibular, está carregado de sentidos de gênero – para falar de gênero, porque podia falar de raça –, se ela não parar para pensar nisso, vai discriminar. Primeiro, porque fomos socializados neste mundo e até aprendemos que é preciso respeitar, mas temos muita dificuldade em aceitar. Quando estamos andando na rua e passa um menino negro correndo, quem não segura a bolsa? É automático! Se alguém, se uma mulher seduz o marido de outra mulher, o senso comum nos autoriza a inferir que "Ela só pode ser uma puta.". Falta muito para desconstruirmos esses valores e a escola, muitas vezes, faz isso: formata, pega todas as diferenças e põe aqui, mesmo que tenha que cortar na carne, mesmo que tenha que quebrar ossos para fazer caber aquela pessoa naquele lugar socialmente estabelecido. Qualquer escola pode fazer isso, da Educação Infantil à pós-graduação.

Pesquisa divulgada em 2009, pela Fundação Instituto de Pesquisas Econômicas (Fipe), em 501 escolas públicas do país, revelou dados alarmantes sobre o preconceito no ambiente escolar brasileiro. Das 18,5 mil pessoas entrevistadas, entre alunos, professores, funcionários, pais e mães, 99,3% demonstraram algum tipo de preconceito étnico-racial,

socioeconômico, de gênero, territorial, com relação à geração, à orientação sexual ou a pessoas com deficiência. A pesquisa revela que as pessoas não admitem ter preconceitos em relação a outros grupos sociais aos quais não pertencem, mas mostram predisposição em manter menor proximidade com alguns grupos, como homossexuais, deficientes etc. Os tipos de preconceito que apresentaram uma abrangência mais significativa são aqueles relacionados a pessoas com deficiência (96,5%), seguido por diferenças étnico-raciais (94,2%) e aqueles relativos a diferenças de gênero (93,5%). Quando se chega nesse nível de proximidade, o preconceito de gênero atinge a maioria absoluta, e o de orientação sexual, também.

Se não fizermos nada, é isso que fica na escola. Ainda somos formados para acreditar que criança não tem sexualidade, que todo mundo é florzinha do jardim, que as crianças são assexuadas, que não precisamos discutir gênero na Educação Infantil ou no Fundamental (nível 1): "Para quê? São tão pequeninhos!". Aí, encontramos dois menininhos fazendo um "troca-troca" no banheiro para saber qual é o pintinho maior e não, não sabemos o que fazer!

Como é que desconstruímos nossas concepções pedagógicas? Como é que olhamos para isso? É claro que esses dois menininhos não são necessariamente gays! Eles estão testando, vendo se é igual, se é diferente. Me lembro de uma cena de creche. Uma educadora estava com duas criancinhas, um menino e uma menina de dois anos; ela foi levá-los para trocar a fralda, estavam ainda desfraldando – tinham um pouquinho menos de dois anos. Quando ela abriu a fralda da menina e o menino estava do lado, ele disse: "Nossa, nossa, nossa, nossa! Ela está cortada! Leva para o hospital!". O que você faz com isso? Como é que você lida? Basta punir, ou é necessário instruir e esclarecer de acordo com cada faixa etária?

Costumo dizer: o gênero já está na escola, não tem como fugirmos dele. O que vamos fazer com isso é o que nos cabe. Vamos fazer de conta que ele não existe ou aprender a lidar com ele e nos perguntar por que o gênero é tão importante para a qualidade da educação? O que significa ou o que poderia significar trabalhar com a questão do gênero, na escola?

Acesso e permanência têm a ver com gênero. Desenvoltura e desempenho escolar têm a ver com gênero. Muitas vezes, dizemos: aquela menina é esforçada e quietinha, já o menino é uma peste, mas é brilhante! O que estamos transmitindo para essas meninas? Fiquem mudas, isso é o suficiente para vocês. Isso já é ser boa aluna. Os meninos perguntam muito mais do que as meninas, em sala de aula. O que estamos fazendo com tudo isso? O que isso tem a ver com ser negra, ser branca? De que lugar essas meninas e esses meninos estão falando? Quantas vezes vemos, numa roda, uma menina negra pode ser segregada? Ninguém pega na mão dela. E se você pergunta para uma criança pequena, ela é capaz de dizer: "Porque a minha mãe diz que não é para pegar, porque ela é suja".

A inclusão, de uma forma mais ampla, tem a ver com uma avaliação que é informal. Quem é professor ou professora sabe disso. A educação e o aprendizado são relacionais. Eu me identifico com meu professor, com minha professora. Digo: "Eu nunca mais quero ver matemática por causa daquela peste! Eu olho para o fulano, eu travo com números.". Ou, ao contrário: "Eu aprendi a gostar de número por causa daquela professora.". Escuto isso na graduação, no Ensino Fundamental e no Ensino Médio. Minhas alunas falam: "Entrei aqui para pegar um título e descobri com você que acho que pode ser legal ser professora.". Então, tudo isso tem a ver com educação, tem a ver, inclusive, com desempenho escolar, com conteúdo escolar, com material didático, com o modo como segregamos ou incluímos nossos alunos e alunas.

Como é que crio, na Educação Física, um jeito de uma menina que quer, mas não foi socializada para isso, aprender a jogar futebol? Porque, como

eu disse, os meninos são socializados para pegar na bola antes de nascer. Como é que eu empodero essa menina que quer jogar futebol, de modo a ser uma boa jogadora? Às vezes, ela já vem empoderada. De algum jeito, ela deu conta de fazer isso porque sabe que, se não fizer, não vai jogar com menino, porque eles não vão deixar. Como é que mostro que o menino pode brincar de boneca – não necessariamente porque pode se identificar como gay, mas porque quer brincar de ser um bom pai? Porque nossos homens não aprenderam a paternar. Eles pegam uma criança pequenina e falam: "Ainda não, dê banho você, tenho medo de afogar.". Há cenas rotineiras na escola e fora dela. Um menino se machuca, olhamos para ele e dizemos: "Você não é homem? Não chore!". Anos depois, dizemos: "Não sei o que fazer com o meu marido. Ele não chora, não sabe expressar seus sentimentos.". Claro que não expressa.

Nós somos humanos! Humanos choram, expressam raiva, têm autoridade, até autoritarismo. Homens e mulheres. Como é que criamos essas diferentes dimensões? Não é a biologia que nos permite dizer que todas as mulheres são doces, honestas, acolhedoras. É claro que não é assim. Mas descolamos da biologia para afirmações universais, como: todos os homens são líderes, provedores.

Enfim, há uma série de dimensões presentes na sala de aula que vão além do currículo formal, mas que também estão presentes nele; na maneira como os livros expressam suas imagens, como os problemas de matemática estão enunciados, nas autoras e autores que divulgo e leio, na história que conto, na geografia que mostro, e por aí vai.

Quando estamos trabalhando com gênero, necessariamente, estamos trabalhando com um campo de disputa. Estamos vivendo um momento em que esse campo de disputa está cada vez mais acirrado. Há quem defenda o veto ao trabalho com gênero na escola; com vários argumentos de que discutir gênero é destruir o que Deus criou, é arreventar com

a família, é ensinar uma criança a ser homossexual. Ninguém ensina ninguém a ser homossexual; porque nenhuma família ensinou e temos uma população grande LGBT. Assim como não tem cura, porque não é doença. Omitimos, dizemos que não é preciso incluir no currículo. Não, basta falar em direitos. Mas vai discutir direito à herança sem nomear que você está falando de um casal gay ou lésbico? Vai negociar na universidade, como eu fui para a Espanha, como professora visitante com bolsa do CNPq, e pude levar meu marido para me acompanhar pelo menos por uma parte do ano em que fiquei trabalhando por lá. Se eu fosse lésbica, não poderia levar minha mulher. Isso estava começando a se transformar em um direito, agora não sei como vai ser.

Se você não nomeia, você não cria direito. Se você não falar que existe cota para mulher na política, não tem cota na política e não tem mulher na política. E mesmo dizendo na letra da lei, há partidos que fingem que possuem cotas e desviam dinheiro. Também não basta falar em cultura da paz. Se for feminicídio, não basta, porque isso tem um nome. Se não tiver um nome, não conseguimos punir. Preciso reivindicar que racismo é crime, que homofobia, LGTBfobia são crimes, porque são! Enquanto não houver controle, vai ser assim. Vão morrer treze mulheres por dia, uma pessoa LGBT a cada 19 horas.

Vou levar a sério que o uso do gênero, da orientação sexual é uma das dimensões da qualidade da educação, que defender educação de qualidade, garantir permanência e acesso é falar de relações de gênero, também. Em medidas administrativas, pedagógicas, em medidas organizacionais, em problematização do caráter fixo e binário, no confronto do sexismo, da LGTBfobia. Isso significa, por exemplo, estar no recreio e não fazer cara de paisagem se presenciar um *bullying*. Interferir! É saber que está tendo um *cyberbullying* de uma menina, que uma determinada imagem do corpo dela está disseminada na escola e entender que faz parte do meu papel de educadora interferir e defender aquela menina, porque isso

pode terminar em suicídio. Porque, em nossa sociedade, essas meninas se culpam, os meninos se sentem autorizados a divulgar imagens íntimas mesmo sem autorização. Ainda que tenha curtido a filmagem, curtir a filmagem não é autorizar.

Há uma série de dimensões de classe, de raça, de gênero, de etnia e de geração na escola. Qual qualidade seria essa sem esses pressupostos tão necessários aos seres humanos? Será que posso ficar cega a essa qualidade? O que significa olhar e o que significa agir como educadora? Quando olho, se censuramos isso dentro das escolas, dizemos para o professor, para a professora, para o orientador, para a orientadora, para o aluno, para a aluna, que esse não é seu papel? Qual aval estamos dando para as discussões de gênero, nas escolas, se essas questões não vão sair dela, já estão lá? Isso fica na escola, e do pior jeito. Fica como segregação, como espoliação.

Então, precisamos continuar tratando dessas temáticas. Precisamos nos informar sobre elas. E nos informar sobre elas dói porque trabalhar com gênero significa, necessariamente, pensar na minha identidade de mulher, no quanto estou me deixando dominar, no quanto eu também estou sendo subordinada. Assim como falar de gênero significa pensar na minha identidade de homem, o quanto estou trancando meus sentimentos no porão, o quanto não estou conseguindo lidar com várias dimensões humanas e, se são humanas, são minhas também. Por isso é tão difícil! Não é falar do outro somente, é falar de nós mesmos, também.

Professores e professoras que participaram das pesquisas que tenho feito mostram que aqueles que mais acolhem são aqueles que desenvolvem a empatia. Aqueles que buscam os cursos são os que falam coisas que aconteceram antes dos cursos: "Sabe por que estou aqui? Porque não aguentava mais ver aquele menino sofrer". "Sabe por que estou aqui? Porque eu não dormia de pensar que ela saiu da escola". "Sabe por

que estou aqui? Porque eu queria criar mais espaços de solidariedade, de empoderamento". Isso é falar de gênero.

## Debate

---

### Pergunta 1 (Rafael)

Tenho uma preocupação atual de que, nessa busca por reparar essas desigualdades e essas discriminações existentes, se exagere no trabalho preventivo. E é claro que, quando a gente olha esses dados e a dramaticidade das coisas abordadas, qualquer prevenção pode parecer insuficiente diante de sua gravidade. Mas, ao mesmo tempo, fico pensando na maneira como isso entra, muitas vezes, como um conteúdo pedagógico, no cuidado de problematizações que não estão no campo de percepção das crianças. Porque, como foi dito, crianças não nascem homofóbicas ou com outras discriminações, não é algo natural para elas –, e se essas problematizações não antecipam ou não trazem algumas questões que talvez não fossem artificiais nesses debates. Porque, no fundo, existe a diversidade, sem dúvida, mas, em alguma instância, todos somos iguais. Então, me preocupa um pouco essa diferenciação exacerbada, e a gente vai se distanciando de um princípio segundo o qual, em essência, todos somos iguais.

### Pergunta 2 (Fernanda)

Hoje a gente ouve muitas palavras de ordem. Resistência, resiliência, empatia. E me parece que a empatia e o respeito trazem muito mais resultado do que, por exemplo, a problematização, do que uma resistência, uma agressividade, até. Em todas essas defesas das diferenças, seja no feminismo ou na homofobia, qualquer uma delas traz muito mais resultado do que a luta, o confronto. Muito se fala do feminismo radical, da agressividade na forma de exigir direitos. E exigir direitos traz, às vezes, na cabeça

de quem os tem, a ideia de que se vai perdê-los. No caso de trazer para os debates a empatia e o respeito, que são qualidades que enriquecem o debate muito mais que o confronto. Não podemos deixar de falar de crimes homofóbicos: tem que ter uma punição, tem que falar de feminicídio, mas a educação vai trazer para essa geração muito mais, vai agregar muito mais do que, propriamente, o confronto.

## Resposta

Concordo tanto com Rafael quanto com Fernanda que discutir gênero não é confrontar o tempo todo. Como também não é dar uma aula para uma criança sobre o que é gênero. Quando você está falando com estudantes do Ensino Médio, é claro. Quando você está falando de um jovem de 15 ou 16 anos, que começa a discutir dentro ou fora da sala de aula. Às vezes, ele busca a professora porque não dá conta de discutir com a família, porque não tem acesso ao pai e à mãe para isso. São questões como: "Até onde eu vou com meus contatinhos? Dou só selinho ou beijo de língua?". Pode acontecer de você ter que conversar isso como uma pessoa adulta com uma jovem, com uma adolescente que a procura. É claro que você não vai dar a resposta que o pai daria, mas você também não pode ficar muda.

Sobre a outra dimensão: quando a gente está falando de criança, não acho, mesmo, que o trabalho é preventivo, mas são pequenas atitudes. Como é que você está incluindo todo mundo? Como é que você está trabalhando com essas crianças? O menino, na sala, de brincadeira, pegou uma fantasia de princesa. Você vai deixar que ele se vista com ela? Ou o que você vai fazer? Não é discutir gênero. Eu sempre digo para os meus professores e professoras que se formam que essa discussão teórica não é para as crianças, é para nós. Porque somos nós, pessoas adultas, que temos que dar conta de saber como lidar com isso, no dia a dia. Se deixar no automático, vamos discriminar, vamos dizer: "Arranca essa fantasia!".

Lembro que quando meu neto ia fazer 4 anos – hoje está com 17 –, perguntamos a ele qual era o presente de aniversário que queria. Ele virou

para mim e para o meu marido e disse: "Eu queria nascer como sou, mas com a cabeça de minha irmã". Minha sorte foi perguntar por quê. A princípio, não entendi nada daquela coisa de possuir a cabeça de outra pessoa. E sabem o que ele me respondeu? "Para passar batom". Ele não disse que queria nascer menina. Ele disse: eu quero nascer menino, com cabeça de menina para passar batom. Quantas vezes uma criança de 4 anos não quer brincar de pintar a unha? Não vê a hora de chegar o carnaval para poder se vestir de mulher, e isso não significa mais nada. Só isso. Brincar com aquela parafernália.

Teve uma menininha que, toda vez que tinha a brincadeira da fantasia, calçava o tênis de dinossauro. Quer dizer, são pequenas atitudes de acolhimento que têm a ver com a discussão de gênero.

Mas pode ser que, em alguns momentos, tenhamos que partir para o confronto. Se começo a perceber que uma criança está sendo violentada, por exemplo; e isso pode acontecer em qualquer classe social, em qualquer tipo de escola. Tem um livro muito lindo, *Pele de asno*, que alerta que a única diferença das classes sociais em relação à violência contra crianças é que as elites não fazem boletim de ocorrência. E, muitas vezes, isso aparece na escola. Aí, não tem jeito. Não posso largar a criança sozinha, vivendo essa violência. Alguma coisa a instituição escolar terá que fazer, procurar ajuda.

Agora, trabalhar com gênero não é usar palavras de ordem. Posso usar palavras de ordem para entender como isso se estrutura na sociedade, mas na hora em que estou na lida, não tenho que ir. Aliás, eu não devo ir com os dois pés na porta. E não preciso. Preciso ter o olhar atento, não usar vendas nos olhos, prestar atenção no que está acontecendo. As pesquisas mostram que o maior índice de violência sexual contra crianças está na família. A escola não está nem em terceiro lugar. Como é que nós, docentes, podemos perceber que essas coisas estão acontecendo?

Volto a dizer: não tem que exagerar. Não, mesmo. Mas o assunto também não pode ser minimizado. Ele está lá, só preciso prestar atenção em

como ele vai aparecendo, e como vou lidando com isso. Quais exemplos uso? Como acolho, ou não? Quais expectativas vou gerando nas meninas e nos meninos? Como é que vou, no meu olhar, discriminando, ou não, as pessoas que estão ali? Ou, se sou uma professora lésbica e a criança me pergunta: "Você não vai trazer nunca seu marido na escola?". Posso ter a liberdade de dizer: "Não, mas vou trazer minha mulher, sim". Ou essa escola não me permite isso? Ou eu não posso ser quem eu sou? Não é que eu vou ficar com a bandeira LGBT em sala de aula, não estou falando disso, mas estou falando de acolhimento. Como é que a gente faz esse acolhimento no dia a dia e qual é a possibilidade de eu fazer esse acolhimento se não consigo lidar com o outro do jeito que ele é. É muito menos verborrágico: é de ação, das miúdas, daquelas que fazem parte da educação.

### **Pergunta 3 (Juliana)**

Sou professora de Educação Infantil e, com as perguntas, me veio à mente o meu dia a dia na escola. Trabalho em uma creche conveniada da prefeitura e todos os dias lido com isso. Por exemplo, na hora de servir o almoço para as crianças, temos pratos vermelhos e pratos azuis. Há muitas crianças que, quando vou servir a comida no prato azul, se for uma menina, diz: "não, professora, esse prato é de menino". Ou os meninos: "não professora, eu não quero esse prato, é de menina". Como lidar com essa situação? O que eu tenho que fazer? Eu tenho simplesmente que dar o prato que ele quer, concordar com aquilo que ele está falando, ou explico que o prato, a cor do prato, não interfere no sabor da comida? Quando faço uma roda de conversa no início da aula e a gente está conversando, eles estão falando sobre as próprias experiências, a visão de mundo deles, a convivência com os familiares, e o menino fala, por exemplo, que ele pegou no pênis dele e sentiu alguma coisa diferente. O que eu faço com isso? Ignoro? Eu falo para ele que ele não pode mexer no pênis que é dele? Quando nós estamos, por exemplo, assistindo a um filme, numa sessãozinha de cinema com pipoca e minha aluna beija a outra aluna, na boca, o que eu faço com isso? Finjo

que não vi aquele beijo? Eu vou lá e repreendo minha aluna? Então, é esse tipo de coisa. É esse dia a dia, não só como professora, mas como pessoa. Lidamos com esse tipo de coisa todo dia, o tempo todo. Como reagimos a isso? O que fazemos com isso? Como tratamos essas pessoas? Como nós nos tratamos quando sentimos alguma coisa e a nossa sociedade, que já nos construiu como seres superpreconceituosos, fala que estamos errados em sentir aquilo? Acho que é esse tipo de coisa que a gente tem que pensar o tempo todo. Não é confrontar o tempo todo e, sim, pensar nas atitudes que você está tomando com as informações que lhe vêm do dia a dia.

#### **Pergunta 4 (Rodrigo)**

Sou professor de Educação Física da Escola. Nos últimos anos, trabalhamos com turmas integradas, de meninos e meninas, utilizando o mesmo espaço. Também vou um pouquinho na sua linha: queria saber como a gente pensa nessa integração, uma vez que o esporte é uma das atividades que mais causam essa segregação, mas que vem abrindo muitas portas, principalmente para as mulheres, que conquistam espaço para competir nas mesmas categorias, – não em condições de igualdade financeira, porque a gente sabe que isso é bem diferente. Como a gente convive ainda com essa generalização, com esse preconceito? Nesse ambiente escolar, que é predominantemente feminino, talvez vocês não tenham escutado esse tipo de preconceito: "Ah, não trabalha como homem", mas eu tenho certeza de que vocês já ouviram dizer que Marta joga como homem, e que teria condição de jogar em qualquer time masculino. Esse preconceito, no esporte, ainda é muito forte. Como fazemos para conseguirmos conviver e crescer, juntos? Juntos ou isolados pela biologia, pela fisiologia, pelos hormônios etc.

#### **Resposta**

Juliana, tudo isso é trabalhar com gênero! Gente, o rosa e o azul, o que fizemos com essas cores? Vocês já entraram em uma loja de brinquedos?

É separado, ali tem azul de menino; ali tem rosa. Vocês já foram montar um enxoval de bebê? Você quer ver a vendedora perdida? Então, diga a ela: "Eu não quero nem rosa, nem azul porque não sei e não quero saber o sexo do bebê".

As crianças não sabem, elas aprendem, mas aprendem muito cedo! Você está falando de creche, de criança pequenininha, de zero a 3. Uma criança pequenininha está aprendendo. O menininho, quando está aprendendo, é mais cruel ainda. Ele diz assim: "Vermelho, não! É de menina!". E vai fazer a pessoa comer naquele prato vermelho. Todas as cores são cores. Eu estou de azul, você não está vendo? Estou de azul. Você nunca viu um homem usar cor-de-rosa? Há exemplos. É importante a gente se vestir de azul; um professor de Educação Física estar de rosa, porque quebra paradigmas. Todas as cores são cores, são cores de pessoas, de mundo. Por que a escola tem que fazer fila rosa e azul, caderno rosa e azul, cadeira rosa e azul, prato rosa e azul? Há 545 cores, qual é a diferença que faz separá-las? Nenhuma! Seria até mais fácil para comprar, para povoar a escola, encher a escola de cor!

Vivo dando exemplo de netos. Minha neta, que hoje tem 22 anos, quando tinha 9 virou para a mãe e disse: "Se você me der qualquer coisa cor-de-rosa, daqui para a frente, não uso! Eu não aguento mais, mãe! Eu não quero mais nada rosa! O lilás eu negocio, mas prefiro laranja". Quer dizer, não precisamos confrontar, mas saber o que vai dizer para aquelas duas meninhas que se beijaram. São meninhas pequenas, não podemos afirmar que elas são lésbicas. Por quê? Porque não são! Porque a construção social do desejo ainda estará em desenvolvimento por muitos anos. Precisamos ter uma certa tranquilidade, que vem do conhecimento, para dizer para aquele menininho qual é o momento certo, que no meio da sala de aula não é o melhor momento, que é melhor não ficar fazendo isso o tempo todo, que vai ficar vermelhinho, vai machucar. Mas que também não é proibido, que também não vai dar espinha, não vai cair. Precisamos ter essa tranquilidade.

Falo isso hoje, aos 60 anos, mas não fui educada por uma mãe feminista, não aprendi a falar com tranquilidade muito cedo na minha vida. Aliás, muito pelo contrário. Como é que a gente aprende a ter essa tranquilidade? Sempre brinco: quem trabalha com gente tem que ter essa tranquilidade do acolhimento. Se você for vender banana na feira, você não precisa; se você tiver uma papelaria, também não precisa. Apesar de que seria superinteressante povoar uma papelaria de coisas que não sejam cor-de-rosa e azuis. Porque a papelaria é outro exemplo impressionante!

Enfim, se você trabalha com gente, precisa ter, sim, conhecimento para lidar com isso, para saber o que significa discutir sexualidade com crianças pequeninas. Não é dar aula de gênero, é acolher essas coisas, é entender que, se a menininha pega o carrinho, ela pode pegar o carrinho; se o menininho pega a boneca, ele vai paternar; que o menininho gosta de brincar de cozinha, apesar de a professora achar que isso pode estar sendo um desvio, às vezes não é. Ele está fazendo isso porque o pai cozinha na casa dele, ou porque ele está desenvolvendo de forma interessante a masculinidade nele – muito mais plural. E a mesma coisa com a menina. Essa tranquilidade para lidar com as diferenças, sem rótulo, é que precisamos ter.

Seus exemplos são lindos, porque é isso, mesmo. A escola é muito forte, a escola faz fila, não sei por que tem que ser de menina e de menino. Às vezes, a gente faz fila, mas não precisa, necessariamente, ser de menino e menina. Não precisa colocar uma menina numa mesa de menino só para acalmar, até porque não acalma.

Na Educação Física, isso é cruel! Quer dizer, Marta joga muito bem como Marta, porque é isso que ela joga. Existem várias pesquisas que mostram que a força é algo desenvolvido. Desde pequeninhas, não deixamos que as meninas corram com roupas que estimulem movimentos rápidos e amplos; a gente usa sapato de salto e depois não sabe por que ela não desenvolve a força, a rapidez. E a Educação Física é um ótimo lugar, ou poderia ser, para desconstruir tudo isso. Não é simples, porque essas

crianças já vêm com essa discriminação. Seria interessante, por um lado, criar espaços múltiplos; por outro, fortalecer essas diferenças para que os espaços possam ser múltiplos. Menino não sabe jogar vôlei, menino não dança. A Educação Física não é só esporte, ela é tudo isso. É mexer com o corpo. O menino morre de vergonha de dançar. Como é que você vai misturando esses espaços e transformando esses corpos em corpo de gente? E não de menino, menina, Meninos flexíveis, meninas fortes. Para quê? Só para isso, mesmo. Não tem nenhum outro sentido, é só para isso. É para, lá na frente, trocar um pneu sozinha. Ou então, para nada, mesmo, só para ficar forte, para pegar panela que é pesada, e nada mais do que isso. Mas para ser gente. Seres humanos são, necessariamente, múltiplos, cada vez mais.

#### **Pergunta 5 (Diana)**

Sou estudante e queria saber como funcionaria a inclusão de pessoas não binárias dentro de toda metodologia da educação, no sentido de que, desde a primeira infância, a gente tem essa visão dos garotos e das garotas, mesmo que se desfça, essa coisa do "garoto joga futebol", "garota que brinca de boneca". Existe uma coisa muito forte de não aparecer o não binário nessa primeira infância. Então, como isso é introduzido? Lembro que chegou muito tarde esse conceito na minha vida, por exemplo. Também no esporte, que é uma coisa muito conflituosa. Como você inclui pessoas não binárias no esporte, sendo que não é adequado você perguntar: "você vai jogar de acordo com o gênero do seu nascimento?" Não é uma coisa que se pergunte a uma pessoa não binária. Então, como funcionaria essa inclusão?

#### **Resposta**

Normalmente, não só com jovens, mas é mais comum entre jovens, e, por jovens, quero dizer para pensar da adolescência até os 30, se é que dá para

prender em uma caixinha. Mas o mundo adulto tem conhecido o não binarismo. O que isso significa? Significa pensar em coisas muito simples, mas que não são. "Está tão quente, por que eu, como menino, não posso ir de saia e sandália?"; ou: "eu não quero me identificar com algo masculino ou feminino; não quero nem rosa, nem azul, quero roxo"; "Quero a barba, mas quero o cabelo comprido"; "quero cabelo curto, mas vou pintar a unha". Isso pode indicar que o meu não binarismo tem a ver com minha expressão de gênero. Só. Minha identificação continua a ser como homem, do ponto de vista da organização do meu desejo sexual, gosto de mulheres, e tudo bem. Isso pode identificar que estou questionando minha identidade de gênero, que ainda não tenho certeza de como vou me colocar neste mundo. Isso pode não significar nada. Só que quero brincar de me travestir. Tudo isso é possível, dentro e fora da escola. Como vamos lidar com isso? Não sei.

Já tive aluno com meia barba, com cílios postiços. Já tive aluno com coque, cabelo superlongo, cheio de luzes. Dessa turma, alguns eram hétero, só curtiam ter o cabelo bem elaborado, como uma mulher pode ter, outros não. Em alguns, era uma expressão de gênero tida socialmente como masculina, mas que estavam se construindo como trans. Se eu não entender que isso é possível, vou olhar para aquele menino de coque e dizer: "você é gay". Bom, sim. Mas pode ser que não. É para essa dimensão que precisamos estar atentos, senão rotulamos. O menininho está curtindo testar pintar a unha. Ele só está curtindo pintar a unha, ponto. Não tem "mas", não tem ponto e vírgula, por enquanto. Preciso ficar atento, prestar atenção, mas pode não ter nunca. Ou pode ser um indicativo de que ele está tentando acertar o passo sobre como é que ele vai se ver, que ele vai se expressar, que ele vai se sentir, e como ele vai lidar com esse corpo, que se vê, se sente e se expressa.

### **Após o debate**

Queria agradecer a escuta atenta, o debate importantíssimo e terminar com uma crônica. Não sei se vocês conhecem, é uma crônica do Luís Fernando Veríssimo. Acho que tem tudo a ver com o que discutimos hoje.

## **Sexa**

- Pai...
- Hmmm?
- Como é o feminino de sexo?
- O quê?
- O feminino de sexo.
- Não tem.
- Sexo não tem feminino?
- Não.
- Só tem sexo masculino?
- É. Quer dizer, não. Existem dois sexos. Masculino e feminino.
- E como é o feminino de sexo?
- Não tem feminino. Sexo é sempre masculino.
- Mas tu mesmo disse que tem sexo masculino e feminino.
- O sexo pode ser masculino ou feminino. A palavra "sexo" é masculino. O sexo masculino, o sexo feminino.
- Não devia ser "a sexa"?
- Não.
- Por que não?
- Porque não! Desculpa. Porque não. "Sexo" é sempre masculino.
- O sexo da mulher é masculino?
- É. Não! O sexo da mulher é feminino.
- E como é o feminino?
- Sexo, mesmo. Igual ao do homem.
- O sexo da mulher é igual ao do homem?
- É. Quer dizer... Olha aqui. Tem o sexo masculino e o sexo feminino, certo?

- Certo.
- São duas coisas diferentes.
- Então como é o feminino de sexo?
- É igual ao masculino.
- Mas não são diferentes.
- Não. Ou, são! Mas a palavra é a mesma. Muda o sexo, mas não muda a palavra.
- Mas então não muda o sexo. É sempre masculino.
- A palavra é masculina.
- Não. "A palavra" é feminino. Se fosse masculina seria "o pal..."
- Chega! Vai brincar, vai.

O garoto sai e a mãe entra. O pai comenta:

- Temos que ficar de olho nesse guri...
- Por quê?
- Ele só pensa em gramática.



# Jovens entre escolas e outros mundos sociais

*Paulo Carrano<sup>1</sup>*

Agradeço enormemente o convite. Minha ideia é que a gente possa conversar. Às vezes, a conversa não vira diálogo; às vezes, a gente vem e apenas dá um recado, mas a comunicação só se faz quando tem o retorno. Lembro Tim Maia: "Cadê o retorno?". Acho esse "cadê o retorno?" fundamental para quem está conversando – para professores em sala de aula e para pais na relação com seus filhos e filhas. É essa a ideia: conversarmos. Para isso, fiz um roteiro, mas quem me conhece sabe que nunca o cumpro. Porque vou olhando para as pessoas, para os rostos, e nos olhares vamos interagindo, e o roteiro vai embora. É um programa, porém, acho mais importante o "pós-grama", ou seja, aquilo que conseguimos fazer juntos.

Antes, vou pedir a vocês certa tolerância, porque sei que meu chiado carioca deve ser insuportável para algumas pessoas. Podemos começar pensando nisso: como, hoje, podemos dialogar e educar, quer sejamos professores, quer sejamos pais, considerando a diferença? É uma questão. Quem gere o consenso é a ditadura, é quem impõe uma ordem e persegue quem é diferente, quem diverge. Aliás, a ideia de divergência tem a ver com aquilo que sai do eixo. A democracia é a gestão da diferença.

---

<sup>1</sup> Paulo Carrano é professor da Faculdade de Educação da Universidade Federal Fluminense e coordenador do grupo de pesquisa Observatório Jovem do Rio de Janeiro, da mesma instituição. Entre 2015 e 2017, atuou como primeiro-secretário na Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação (ANPEd).

O sociólogo francês Alain Touraine faz uma pergunta civilizatória para nós, professores, pais e estudantes: podemos viver juntos? Talvez, hoje no mundo, especialmente no Brasil e nos países da América do Sul, da América Latina, essa pergunta esteja sendo respondida pelo menos de duas formas: de uma forma lenta, continuada, tecida nas práticas sociais, nas instituições da democracia, que, com muito custo, construímos; e nas práticas e instituições que estão sendo formatadas hoje – estão dando um *boot* no sistema da Nova República. Esta semana já ouvi, por duas vezes, autoridades da República clamando por expedientes da ditadura. O AI-5<sup>2</sup> parece até simpático, nome de computador, "eu vou comprar um AI-5". Não, o AI-5 foi o expediente que a ditadura criou para calar a diferença, para perseguir, matar e expulsar aqueles que não se adequavam ao regime da ditadura militar.

Temos muito a falar sobre metodologias educacionais, sobre formas de ensinar, mais comunicativas, mais centradas na aprendizagem. As possibilidades de inventar o diálogo em sala de aula podem ser, também, a busca para construir a democracia no chão da escola, seja pública ou particular. Tenho praticamente quase nenhuma experiência com escola particular, sou filho da escola pública, estudei toda minha vida nela – fundamental, médio, graduação, mestrado, doutorado, pós-doutorado. Atuei por pouco tempo em escola particular quando estava me formando em Educação Física.

Hoje, trabalho com Sociologia da Educação e da Juventude, mas qualquer que seja o âmbito da nossa atuação educacional, pública ou privada, ensino fundamental, médio ou superior, o tema da democracia é central. O

---

2 O Ato Institucional nº 5, AI-5, baixado em 13 de dezembro de 1968, durante o governo do general Costa e Silva, foi a expressão mais acabada da ditadura militar brasileira (1964-1985). Vigorou até dezembro de 1978 e produziu um elenco de ações arbitrárias de efeitos duradouros. Definiu o momento mais duro do regime, dando poder de exceção aos governantes para punir arbitrariamente os que fossem inimigos do regime ou como tal considerados. Fonte: CPDOC/FGV, consultado em 03.08.2020 Disponível na internet: <https://cpdoc.fgv.br/producao/dossies/FatosImagens/AI5>

professor ou professora que se refugiar no tecnicismo está sendo cúmplice da destruição da democracia que conseguimos construir no Brasil. Esse é o grande desafio: como educar as novas gerações para que elas sejam artífices dessa democracia? Não acho que a democracia acabou, porque a democracia não é uma coisa, é um processo, não é uma coisa que eu tenho ou não tenho, é algo que preciso acarinhar, e estamos maltratando a democracia no Brasil.

O grande sociólogo Ulrich Beck, falecido no final de 2018, escreveu um livro chamado *Sociedade de risco*. Ele falou algo que nos ajuda: "Eu já não consigo compreender o mundo.". Bom, se Ulrich Beck, que era um grande sociólogo, não conseguia compreender o mundo, imaginem nós. O mundo que nós conhecemos está permanentemente se dissolvendo. Esse é um ponto que gostaria de marcar na nossa conversa. Não vim aqui trazer novidades, vim conversar com pais e professores, especialmente sobre um aspecto: o mundo juvenil que nós conhecemos – todos nós fomos jovens – está se dissolvendo, não é o mesmo mundo.

Um dos caminhos tortuosos que podemos pegar no diálogo com os jovens é achar: "Eu sei o que é ser jovem porque eu fui jovem.". Fomos jovens em outro momento, não é verdade? Eu fui jovem da "geração Cazuzza". Só que eu sou do Rio de Janeiro, mas só que eu não vivi nem tanto a "geração Cazuzza", vivi a "geração Cacique de Ramos". Morava num bairro popular, Cazuzza era um fenômeno, ainda que tenha se tornado um fenômeno universal, mas, na época em que a "Geração Cazuzza" estava em pleno vapor, eu estava vivendo outras práticas culturais. Então, geração é quem nasce na mesma idade, na mesma época, na mesma data? Não necessariamente. Geração é quem compartilha o mesmo espaço social, os mesmos valores, signos, símbolos. Eu compartilhava outros símbolos. "Ah, eu sei jogar *videogame*, então eu vou conversar com os jovens, porque na minha juventude eu joguei muito *videogame*, fui campeão de Atari." Eu olho para os jovens aqui presentes e pergunto:

vocês sabem o que é o Atari? Sabem, porque vocês são inteligentes. Vocês pesquisam, vocês gostam de saber como os antigos faziam. O cara que chegar para você e disser "eu sou campeão de Atari", você responde "pô, legal, valeu!" Parece que disputei as Olimpíadas de Munique, em 1930. É mais ou menos isso, tal é a velocidade das mudanças tecnológicas. Essa ideia de que eu entendo o jovem porque fui jovem ou porque pratiquei alguma cultura juvenil da minha época, já não vale mais.

Querem ver outra nuance dessa ideia? Um professor bem jovem, às vezes com 22 anos – meus alunos estão se formando, às vezes, com 21, 22 anos –, vai pegar uma turma de 15, 16, 17 anos. "Sou garotão também, sou jovem, tenho 21 anos"; mas olha a distância de 21 para 17, 16 anos! Parece pouco, mas considerando essa aceleração do tempo, das mudanças tecnológicas, cinco anos é muita coisa! Alguém que joga *online*, por exemplo, e tem um computador com cinco anos de existência está mal, tal é a velocidade não só das mudanças nos *softwares*, mas também nos *hardwares*.

Os exemplos tecnológicos ajudam a entender como essa distância vai se dando. Então, como é que fazemos, se não somos jovens hoje? Porque só sabe o que é ser jovem hoje quem está vivendo a juventude de hoje, as dores e as delícias de ser jovem hoje. Temos, quando muito, a condição de nos aproximarmos precariamente do que é ser jovem hoje. E como é que podemos fazer isso? Estudando, lendo, vendo vídeos, tentando nos aproximar do universo juvenil; podemos e devemos fazer isso em diálogo com os próprios jovens, mas só sabe o que é ser jovem hoje quem vive a juventude hoje. E esse é o que parece ser um grande problema do mundo adulto: quando desconhecemos o que o jovem é, sente, pensa, faz e deseja, nós preenchemos nossa ignorância, nosso desconhecimento com preconceito e mitos, e esse é o caminho da incomunicabilidade, quer seja em casa, quer seja na sala de aula.

A destruição da democracia hoje não se dá necessariamente por meio de tanques. Governantes estão se elegendo pelo expediente democrático

e estão minando a democracia por dentro, essa é a dimensão que toda sociologia política nos tem dito. Não tentamos responder sobre todas as possibilidades de ser jovem, mas levantar questões sobre a dimensão da condição juvenil contemporânea e educar pela autonomia, tendo o diálogo como desafio.

Vinte e seis de novembro de 2019, 622 dias depois, e não sabemos ainda quem mandou matar Marielle Franco. Por que Marielle e essa contagem de dias? Porque, na história da humanidade, aprendemos a contar o tempo de muitas maneiras – relógio de areia, analógico ou digital –; e essa também é uma forma de marcar o tempo, nosso tempo trágico. Enquanto não soubermos por que Marielle foi assassinada e quem mandou matá-la, nossa democracia está inconclusa. E Marielle é síntese de muitas Marielles que são assassinadas diariamente. O Rio de Janeiro bateu o recorde de assassinatos pela polícia: 1.548 assassinatos só este ano. Uma polícia que mata dessa maneira, se tiver o excludente de ilicitude que está sendo proposto, como ela vai matar? Em 2020, vão ser quantos? Três mil? É sobre isso que temos que falar. Todos nós somos alvos, corporalmente e como cidadãos; ao ficarmos indiferentes, somos cúmplices. Essa é a questão: este é um dos países mais desiguais do mundo e está se tornando um dos mais indiferentes. Eu não sei o que é pior, se a desigualdade ou a indiferença.

"O melhor do mundo está na quantidade de mundos que o mundo contém", frase do poeta uruguaio Eduardo Galeano. Eu adoro essa frase dele, eu tenho uma dupla identificação com ela, pelo que significa e por estar em um livro que organizei, *Futebol, paixão e política*<sup>3</sup>. Olha que profundidade essa frase! É por isso que é um risco profundo para essa ideia da humanidade solidária, generosa, aquela sociedade que não dá as costas para o

---

3 GALEANO, Eduardo. *Depois do futebol: futebol em pedacinhos*. In: Paulo Carrano (org.). *Futebol: paixão e política*. Rio de Janeiro: DP&A, 2000, 11-124.

sofrimento do outro, para a dor do outro. Quando achatamos esse mundo, achatamos a diferença, homogeneizamos, o que são os fundamentalismos, quer sejam eles religiosos ou não, que querem que todo mundo seja sua imagem e semelhança? Para minha tese de doutorado, "Os jovens e a cidade"<sup>4</sup>, pesquisa que realizei em Angra dos Reis, frequentei cultos evangélicos, conversei com as várias juventudes da cidade, e conversei com pastores evangélicos que separavam a cidade entre espaços de salvação e espaços de perdição.

Os espaços de salvação eram aqueles em que o poder da igreja podia se manifestar, influenciar os jovens. Todos aqueles outros espaços em que os jovens não estavam sob o controle da igreja eram listados – e tinha um mapa, Ele mostrou no mapa os espaços de perdição. E qual era a luta de algumas igrejas? Combater o mal, os espaços de perdição. É isso que está acontecendo hoje nas escolas deste país. Estão combatendo o mal, a diferença, aquilo que não é igual ao que penso, ao que minha igreja pensa. Eu falo de igreja, mas não é só a igreja, não; você pode ter famílias que não são evangélicas, por exemplo, em que esse traço de perseguição à diferença está muito marcado, outros tipos de famílias intolerantes à diferença.

É uma das tarefas fundamentais de uma escola pública democrática e, também, de uma escola particular democrática. Entrei na página de vocês e vi lá o diário da escola. É democrático, busca solidariedade, busca o elogio da diferença. Como podemos enfrentar esse debate, quando um lado da sentença, no caso as famílias, querem que a escola seja o espelho dos valores da família? Olhem como se coloca a tensão! Como podemos resolver isso com diálogo? Como podemos resolver isso fazendo com que as famílias pensem que o grande desafio da educação não é que o filho seja igual a mim, ao pai, à mãe, ao avô, aos valores da família,

---

4 CARRANO, Paulo César Rodrigues. *Os jovens e a cidade – Identidades e práticas culturais em Angra de tantos reis e rainhas*. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.

mas que ele seja consciente o suficiente para fazer boas escolhas para si, para seu corpo e para o outro. Porque, se eu fizer só escolhas boas para mim e der as costas para o outro, estou construindo o egoísmo. Muitas vezes, essa relação escola-família – e eu não vou falar do que não sei, como vocês lidam com essas tensões, qual o tamanho das tensões –, está colocada em muitas escolas do Brasil. Temos professores sofrendo porque não conseguem ter liberdade para educar, ensinar, são perseguidos. Há grupos ideológicos organizados em torno de determinadas denominações religiosas que perseguem professores. A ministra [Damares] está criando, esta semana, um aplicativo para denunciar professores que discutirem a questão de gênero na sala de aula. O Supremo Tribunal Federal já se pronunciou: a discussão de gênero na escola é uma obrigação do professor e da professora e um direito de crianças e adolescentes de saberem sobre seu próprio corpo.

Quantas histórias estamos acumulando sobre crianças abusadas em casa? Essas são as estatísticas: até os 12 anos, a maioria dos casos de abuso sexual contra crianças são cometidos por pessoas da família ou conhecidos<sup>5</sup>. Muitas vezes, é numa atividade da escola, numa atividade em que a escola busca fazer o trabalho de conscientização corporal ou de discutir as relações de gênero, que a criança se percebe: "Aquilo que fazem com meu corpo não é certo, meu corpo me pertence, não daquele que me abusa.". E vamos cessar isso? Vamos desproteger as crianças? Professores têm a obrigação, e crianças e adolescentes têm o direito de saber sobre seu próprio corpo.

---

5 Segundo o 13<sup>a</sup> Anuário Brasileiro de Segurança Pública, a maioria das vítimas de estupro (53,8%) foram meninas de até 13 anos. (...) Quatro meninas até essa idade são estupradas por hora no país. Ocorrem em média 180 estupros por dia no Brasil. De acordo com a pesquisadora do Fórum Brasileiro de Segurança Pública Cristina Neme, "o perfil do agressor é de uma pessoa muito próxima da vítima, muitas vezes seu familiar", como pai, avô e padrasto. Fonte: <http://crianca.mppr.mp.br/2020/03/233/ESTATISTICAS-Estupro-bate-recorde-e-maioria-das-vitimas-sao-meninas-de-ate-13-anos.html>

Essa é a dimensão fundamental da democracia hoje. Uma escola – e não estou prescrevendo nada, estou trazendo coisas para conversarmos – que apenas reproduz os valores das famílias está desprotegendo e so-negando direitos aos seus estudantes, que são os filhos dessas famílias.

A gente acha que está sempre indo para frente, se modernizando. Não necessariamente! Em 1924, 1925, o sociólogo Émile Durkheim falou algo com muita naturalidade que, hoje, não posso falar em determinados lugares, porque vou ser acusado de ser contra a família. Aqui posso falar, porque sei que vocês estão acostumados com o debate, com a formação qualificada. Ele falou o seguinte, no contexto da escola republicana francesa: uma escola republicana e democrática é aquela que protege crianças e adolescentes de seus pais, dos valores dos seus pais, caso sejam valores refratários à democracia, à diferença, à resposta positiva àquela pergunta "podemos viver juntos?". Essa frase do Durkheim não é nada contra a família, é uma frase a favor da democracia. Agora, se falo essa frase em determinados lugares, na hora já tem alguém recortando a minha fala, botando na internet dizendo "Olha lá o cara contra a família!".

Os pais têm direito e obrigação de educar com valores, e nós estamos numa sociedade democrática em que as famílias têm o direito de professar seus valores. Mas, e quando esses valores entram em choque com a vida mais ampla da sociedade? O direito, por exemplo, de ser homossexual. Nossa constituição não vai proteger uma família que discrimina homossexual. Uma educação racista, por exemplo, deve ser combatida numa escola democrática.

Discutimos o extermínio de negros, que é um conceito com o qual o movimento negro nos provoca, tal o grau de assassinatos em escala industrial de jovens negros neste país, especialmente homens jovens. E as mulheres recebem outro tipo de violência – obstétrica, por exemplo, ou violência sexual e feminicídio, em especial de mulheres negras. Eu discutia isso,

com dados do IBGE e de várias organizações que lidam com o tema da violência. A aula terminou, e uma aluna me pegou no corredor: "Professor, eu não quis falar lá para não gerar polêmica.". Já me incomoda isso, porque a sala de aula é o lugar de debate, já fiquei com a pulga atrás da orelha. Qual era a polêmica dela? Já peço desculpas pela dureza da frase, especialmente para quem é negro e negra, porque dói. Ela falou: "Professor, eu não gosto de negros. Eu não queria falar para não gerar uma polêmica.". Eu falei: "Ainda bem que você não falou, porque se você fala isso na sala de aula, você está cometendo um ato de racismo público. Se você fala isso para a Maria, seria injúria racial, se você fala isso em público de um modo geral como você falou, seria racismo e eu teria que tomar uma posição. Como é que a gente ia fazer? Isso é crime!". "Ah, mas é minha opinião." Não, não é opinião. Racismo não é opinião, racismo é crime. Homofobia não é opinião, homofobia é crime. Percebe? Se nós rompermos esse pacto civilizatório mínimo, será a guerra de todos contra todos, ou será a guerra do pensamento majoritário dominante contra os diferentes.

Os nazistas classificavam por meio de triângulos os diferentes, os "degenerados": triângulo rosa para os gays, triângulos amarelos para os judeus, vermelhos para os comunistas, marrom para os ciganos; as cores dos triângulos eram um arco-íris negativado. Isso é algo a ser enfrentado, não é algo para se virar as costas. Incomoda! E esse tipo de educação por conflito não é buscar confusão. Claro, você pode tomar a decisão de não falar sobre isso no almoço da família, até aí tudo bem; em mensagens, acho que deve falar, mas tudo bem, no almoço da família, não. Mas permitir que frases racistas, homofóbicas ganhem a esfera pública sem qualquer tipo de reação é ser cúmplice. É o que o movimento negro nos ensina: "Não basta não ser racista, é preciso ser antirracista.". Esse é um ensinamento.

Tive um professor muito conservador, mas ele me ensinou uma coisa: se você está na universidade, tem que se fundamentar, tem que argumentar. Uma vez, eu falei para ele: "Professor, eu acho que...". Ele era por-

tuguês e falou com sotaque: "Tu achas? Na minha sala, ninguém acha nada, saia da sala de aula, vá buscar argumentos, e volte com argumentos. Na minha sala de aula, não há ninguém que ache nada". E mandou-me sair da sala de aula. Ele era durão, muito conservador, mas até hoje fico pensando nisso. Aquilo era uma sala de aula de uma universidade, então não posso jogar por terra todo o campo científico. Isso quer dizer que as verdades científicas são eternas? Não! Tanto não são que há os cortes paradigmáticos.

O avanço do conhecimento se faz por acúmulos sucessivos, é muito esforço intelectual, muito esforço emotivo também. Isso não pode ser destruído por um meme. Destruo, às vezes, todo o esforço do conhecimento científico porque achei um meme engraçadinho, e aquilo destrói o esforço de um ou uma cientista que está sendo formado ou formada. A morte da verdade tem a ver com isso. Não se trata apenas de preguiça intelectual; está sendo usada num esforço mundial da extrema direita de forma muito orquestrada, muito organizada, muito financiada, o de fazer uma guerra cultural, como eles chamam, para destruir o campo intelectual. Destrói-se o campo intelectual, atacam-se as reputações dos intelectuais, das intelectuais, então tem-se um terreno fértil para a mistificação. Essa é a articulação que está sendo feita hoje: seu conhecimento científico vale tanto quanto o meu meme; essas são situações que vocês podem já estar enfrentando na sala de aula.

Uma amiga que é professora de Física disse: "Eu achava que esse negócio de pós-verdade, de morte da verdade, era com vocês das ciências sociais e humanas.". Um dia ela estava dando aula sobre a teoria Heliocêntrica de Copérnico<sup>6</sup>, e o menino levantou a mão: "Ah, não concordo.". "Não concor-

---

<sup>6</sup> Nicolau Copérnico (Toruń, 19 de fevereiro de 1473 — Frauenburgo, 24 de maio de 1543) foi um astrônomo e matemático polonês que desenvolveu a teoria heliocêntrica do Sistema Solar. Foi também cônego da Igreja Católica, governador e administrador, jurista, astrônomo e médico. Sua teoria do Heliocentrismo, que colocou o Sol como o centro do Sistema Solar, contrariando a então vigente Teoria Geocêntrica (que considerava a Terra como o centro), é considerada como uma das mais importantes hipóteses científicas de todos os tempos, tendo constituído o ponto de partida da astronomia. Fonte: [https://pt.wikipedia.org/wiki/Nicolau\\_Cop%C3%A9rnico](https://pt.wikipedia.org/wiki/Nicolau_Cop%C3%A9rnico)

da com o quê?". "Ah, com esse Copérnico aí." É o debate do terraplanismo, blá-blá-blá, percebem? É muito sério isso, você não pode fazer com que o outro acredite no que você quer porque ele não quer acreditar. Estamos enfrentando esse debate de maneira muito séria. As pessoas querem acreditar naquilo que elas já acreditam. Como você desestabiliza isso? É preciso ser criativo, criativa, para desestabilizar esse ponto de fixação que não é, volto a dizer, espontâneo, está sendo fabricado internacionalmente. Há centros de fabricação de mentiras, de fabricação de destruição de reputações acadêmicas e intelectuais sendo produzidos ao redor do mundo, com um centro muito claro em alguns países.

A "Didática Magna", de Comenius, inspirou o mundo educacional desde o século XVIII, quando as escolas de massas começavam a se organizar. Há uma generosidade em torno dela, a ideia de ensinar tudo a todos, da mesma forma e ao mesmo tempo. A ideia é que você possa construir a escola como centro de uma cultura universal. Isso é uma maneira interessante de ensinar democraticamente, porque, por exemplo, eu não vou ensinar melhor para ele porque ele paga mais. Vocês não vão criar uma baia separando quem paga mais e quem paga menos, não é? Outra coisa é o acesso à escola: quem tem condição, quem não tem, e depois que entra, você não vai fazer uma sala de aula ensinando meia dúzia e outra para ensinar 12, não é por aí. Comenius queria dizer: uma escola de massa democrática tem que ser uma escola que aponte para o universal; todos devem aprender, devem ser ensinados ao mesmo tempo, da mesma forma, para construir o universal. Se no princípio funciona – e já funcionou durante muito tempo –, o que isso significa numa sociedade que se tornou muito complexa, muito diferencial, do ponto de vista das relações sociais? E o que significam os universais frente às diferenças? Pode significar algo que alguém já definiu como epistemicídio; quando os conhecimentos locais, ligados às tribos indígenas, os conhecimentos africanos são menos valorados que os conhecimentos universais. Temos aí um debate: a ideia

da descolonização dos saberes. Como descolonizar os saberes? O que vale mais, o que vale menos? É a ideia de que, se tenho doutorado, sei mais do que você, que não tem doutorado. Será? Em que situação?

Paulo Freire, em sua crítica à educação bancária, burocrática, unidirecional e distanciada dos saberes dos estudantes, nos ensinou a importância da troca de saberes como princípio da educação libertadora e democrática.

Há uma entrevista muito interessante com o italiano Mário Manacorda<sup>7</sup>, historiador da educação, concedida ao pesquisador Paolo Nosella. O entrevistador pede uma sugestão para o currículo das escolas brasileiras e pergunta a Manacorda o que a educação brasileira deve ter como universal. Os gregos, por exemplo? Manacorda responde: "Tom Jobim e Vinícius", e começa a explicar por que uma música de Bach, que não nasceu clássica, nasceu de baixo para cima, somente depois é sistematizada como um clássico universal que pode ser considerado superior a uma música de Tom Jobim. Numa perspectiva de universais abstratos, Bach seria superior ao jongo, tão rico no Brasil, no Sudeste, aqui em São Paulo, o jongo de Guaratinguetá, o jongo lá de Angra dos Reis, no Rio de Janeiro. Por que o jongo seria menos importante que Tom Jobim, ou menos importante que uma sonata de Bach? Essa é a questão sobre o arbitrário do universal que nos apresenta Manacorda. O que ele parece querer nos dizer é algo como "você [os brasileiros] têm que construir os currículos em diálogo com o povo de vocês; nesse diálogo, vocês vão inventando o povo que querem; o povo não está lá espontaneamente, tem que ser forjado, é essa a dimensão fundamental de um currículo que não pode ser apenas universal, mas tem que ser também culturalizado em diálogo com os lugares.

---

<sup>7</sup> MANACORDA, Mário A. Aos educadores brasileiros. Entrevista concedida a Paolo Nosella. Campinas: HISTEDBR, 2007. DVD.

A escola clássica, a escola que nós conhecemos, que nos formou, não elogia a diferença, mas a homogeneidade. Ainda hoje há pessoas que defendem escolas separadas entre homens e mulheres no debate da militarização das escolas no Brasil. Tenta-se impor uma disciplina, não uma disciplina democrática que todos os jovens precisam para controlar seu próprio corpo, para saber quem são, para poder respeitar o outro, mas a disciplina autoritária verticalizada, da caserna. Essa defesa das escolas militares também é uma defesa dessa homogeneidade, meninos e meninas separados, ou seja, educar para a cidadania, mas sem condições de cidadania. Ou você vai viver a vida social separando homens e mulheres? Se eu educo jovens só com jovens do mesmo sexo, como é que ele vai aprender a respeitar outra pessoa que não é igual a ele? Essa que é a grande questão. E a escola, muitas vezes, não está lidando com o desafio de educar em condições de relação com a diferença.

Particpei uma vez de um debate com adolescentes sobre sexualidade. Não é minha especialidade, mas me convidaram, e eu estava querendo conversar. A pessoa que estava coordenando perguntou à garotada de escola pública o que se sabia ou como é que a escola lidava com os cuidados sobre sexo, sexualidade. Aí, eles reviraram os olhos, porque não aguentavam mais ouvir palestra sobre sexualidade. Começaram a dizer: "Pega um pepino e bota camisinha, pega banana, às vezes, no lugar de pepino, para ensinar como bota a camisinha e tal.". "Eu queria que vocês falassem do cuidado na relação. Vocês, meninas, se sentem cuidadas por eles?" A conversa mudou de uma maneira! Ela estava fria, burocrática. As meninas começaram a denunciar os meninos, que não cuidam delas, são machistas, ofendem. Surgiu até uma denúncia de pornô-revanche. Não sei se todos sabem o que é pornô-revanche. Dificilmente você vê pornô-revanche cometida por meninas; em geral, pornô-revanche é cometida por homens, é um ato machista digital. Meninos namoram, aproveitam para ganhar confiança da menina na relação, a levam a fazer fotos ínti-

mas, e, depois, jogam essas fotos na internet. Aqui em São Paulo, há vários casos de pornô-revanche. Só quando eu perguntei, quando redefini a pergunta sobre o cuidado. Cuidado não é apenas do ponto de vista do ato sexual, cuidado é cuidado com o outro, e essa é uma dimensão que as escolas têm negligenciado. Não discutem as relações, quando muito tentam fazer algo prático, que já é importante para diminuir a epidemia de DST e Aids, mas a relação sexual envolve não apenas o não contágio, ou a profilaxia do contágio. Envolve o cuidado com o outro, o respeito ao outro, o reconhecimento à diferença do outro, e isso as escolas não têm enfrentado, e vão enfrentar cada vez menos, se elas se renderem a esse movimento hiperconservador que está denunciando professores e professoras que ousam tocar na questão da corporeidade. Esse é um desafio que vai se agravar a cada dia diante do crescimento da extrema direita no Brasil e no mundo.

Fiz uma foto na Colômbia, de um jovem numa praça muito bonita, que integra a política pública de cidade educativa em Medellin. Ele está com um fone de ouvido. Aparentemente, essa imagem pode chamar atenção para quê? Para a solidão, ele está isolado; para mim, essa é a imagem inicial. Mas ele não está isolado, ele está com um fone de ouvido, ouvindo uma música, compartilhando algum tipo de cultura que alguém compartilha também, ele está num outro mundo da vida. Eu acho que essa é uma dimensão sobre a qual poderíamos conversar: até que ponto nossas escolas precisam e devem continuar a ser escola para todos, tal como o Comenius recomendava? Uma escola que ensine tudo a todos da mesma forma ou que negocie esse conhecimento segundo a origem de classe, por exemplo, mas que seja também uma escola singularista. Uma escola para todos, mas que faça sentido para cada um. Esse é um grande desafio! Sabemos que uma escola que não faz sentido para quem está nela é uma escola que nem nos motiva a levantar da cama pela manhã, e muito do edifício educacional foi baseado não no sentido de presença, do

querer estar lá todo dia. Não! "Um dia você vai precisar" – a escola, de um modo geral, se afirma pelo seu sentido credencialista, da recompensa futura dada pelo diploma. Quantas vezes eu mesmo perguntei ao professor: "Professor, para que serve tal ou tal conteúdo?"; "Um dia você vai saber como usar". A escola que massifica, que não singulariza, é a escola que não produz o sentido de presença. Essa dimensão do experiencial da escola parece se perder numa escola que não valoriza o tempo presente. Os jovens sabem que a escola credencia e apostam nisso, mas mesmo isso vai ruir numa sociedade que está "uberizando" as relações, que está desprotegendo o mundo do trabalho. A formação escolar não é garantia de emprego. E os jovens percebem isso. A sentença tão comum de se ouvir na escola e na família, "estuda para ser alguém na vida", tende a cair, por evidência empírica. Os jovens estão vendo que alguém estudou muito e está desempregado, as jovens estão vendo que uma mulher estudou muito e ganha menos do que um homem, então não adianta mais construir o edifício da escola, o arcabouço da escola em adiantamentos. Lá para frente, é preciso construir o sentido da presença, e isso se faz conhecendo cada um, singularizando as relações sociais, com escuta biográfica, parando para ouvir.

Eu, por exemplo, tenho buscado dispositivos reflexivos para que eu possa conhecer meus alunos. Por exemplo, com fotografia, retrato; faço ensaios fotográficos com os estudantes, que não queriam tirar retrato porque têm vergonha do próprio corpo; por exemplo, meninas negras que achavam que iam ficar feias. A gente começa a trabalhar a autoimagem, e começo a conhecê-las mais. Tenho também provocado que eles produzam ensaios fotográficos sobre seus cotidianos. "Meu cotidiano em dez fotografias", conte sua história em dez fotografias e escreva sobre isso. Tenho conhecido coisas que a sala de aula não me permitiria conhecer: onde mora, em que acredita, o que quer da vida, o que sofre, o que deseja, o que pode, o que quer e não consegue realizar? Então, como a gente pode fazer um

tipo de relação educacional em que esse sujeito seja não apenas alguém que esteja isolado, mas alguém que tenha o reconhecimento também da escola e do professor, da professora?

Essa imagem fala desse distanciamento que fomos construindo ao longo da história. Não é uma questão de relacionamento pessoal de cada um, mas de que a própria história foi fazendo com que as gerações adultas se separassem dos jovens. A própria invenção da escola já foi isso: você separava crianças e jovens do mundo da cultura, isolava-as do mundo adulto, e essa distância só foi aumentando. Hoje, existe um universo juvenil, um mundo social juvenil completamente ignorado por pais e professores, um verdadeiro currículo que é uma zona de sombra, preenchido com nossos preconceitos, com nossos mitos. Recomendo ver o filme *Procura insaciável* (*Taking off*, em inglês), de Milos Forman<sup>8</sup>. Não tem nada a ver com sexo, diretamente não. Vou dar um ou outro *spoiler*: a menina adolescente sai para fazer um teste musical – naquele momento da contracultura nos Estados Unidos – e os pais estão recebendo amigos em casa e não percebem que ela sai. Ela não fala com os pais que ia fazer esse teste num centro de música. Certa hora, os pais começam a procurar por ela, e ela não está no quarto, em lugar nenhum. O filme é sobre o teste vocal da jovem e a preocupação desesperada dos pais com o "sumiço" da filha adolescente. E o que acontece? Os pais formulam a hipótese de que ela fugiu com um *hippie*. Este era um grande pânico moral dos pais, de que os filhos fugissem de casa para viver a liberdade da contracultura. E eles começam uma busca na cidade para achar a filha, que estava "inocentemente" fazendo teste musical. Na busca por cidades do país, os pais começam a conhecer as culturas juvenis, a usar maconha recreativamente, e adoram! O filme mostra que aquele universo que os pais, de alguma maneira, romantizaram negativamente não era nada daquilo, e acabam vendo que a filha deles não

---

8 Procura Insaciável. Direção de Milos Forman. 1971. (93 min.), son., color. DVD. Legendado.

tinha fugido com um *hippie*. No final, ela até acaba namorando um *hippie* – esse é o *spoiler*. Quando desconhecemos o que os jovens fazem, pensam ou sentem, preenchemos com nossos valores, e fica dado o campo da incomunicabilidade e da desconfiança. Esse é o grande desafio! Não é fazer valer essa sentença autoritária de um grupo ideológico chamado "Escola Sem Partido", que diz: "Meus filhos, minhas regras.". Não há nada mais autoritário do que isso! Os filhos não são os espelhos dos pais, os filhos não são uma página em branco para os pais escreverem, os filhos têm que ser amigos afetivos, amigos intelectuais, parceiros, mas não servidores dos pais. Se você começa a preencher a subjetividade dos seus filhos e alunos com preconceitos, você corta a ponte, você interrompe o campo do diálogo.

Muitas vezes, colocamos a responsabilidade neles e nelas. Eles chegam da escola e perguntamos: "E aí, como é que foi a escola, como foi hoje?". "Legal..." Não é uma queixa recorrente? Você pergunta, e eles respondem monossilabicamente. Aí, nós dizemos que eles não querem conversar. Não encontramos o código de acesso! Talvez o caminho seja outro e não a pergunta burocrática: "E aí, como é que foi?". A resposta está dada: "Beleza.". Quer o que mais? "Legal." Não adianta colocar a culpa no outro. Toda vez que digo "Eu tenho um problema com meu filho", tenho que dizer "Nossa relação é problemática"; toda vez que digo "Tenho um problema com meu aluno, minha aluna", tenho que dizer "Nossa relação é problemática, estamos produzindo juntos esse curto-circuito.". Na minha percepção, uma maneira de enfrentar isso é buscando compreender as razões e os sentidos do agir juvenil.

Vou participar de uma tese sobre o tema da automutilação, que estou aprendendo na leitura. Já é o segundo tema mais buscado na internet, hoje, pelos jovens. Por que os jovens se automutilam, num processo cada vez mais profundo corporalmente, inclusive? Pequenos talhos, cortes, invisíveis ou mais profundos, corte para o outro ver, corte que só alguns vão

ver. É difícil compreender. Não há por que justificar, mas compreender é uma necessidade. Se não compreendemos, vamos criar uma distância que, na sua gravidade, é impeditiva para que possamos estabelecer uma relação de ajuda. Precisamos ser suportes, e é isso o que os jovens têm nos dito nas pesquisas. Estamos nos sentindo sozinhos, sozinhos para tomar nossas próprias decisões, e muitas vezes ao lado dos outros. "Ah, mas eu tenho cem mil amigos na minha rede social". O fato de eu ter muitos amigos na rede social não quer dizer que eu esteja conectado num processo de escuta e diálogo. Podemos, hoje, a qualquer instante, disparar qualquer tipo de informação, mas não há nenhuma garantia de que alguém vai ler e retornar para você do ponto de vista do suporte que precisa ocorrer para que haja diálogo. Então, é um desafio compreender a juventude, e essa compreensão passa pela escuta.

Uma imagem de Marc Chagall da aldeia quer dizer: se quer ser universal, comece a pintar a sua aldeia. Acho que ela faz uma analogia também com a casa. Não há nada que irrite mais o adolescente do que compará-lo com outros adolescentes: "Sua prima, essa sim..."; "Seu primo passou na USP". Então, é na aldeia que a relação cresce.

Há aquele segundo ponto, que é um grande desafio para nós todos. Como fazer com que os indivíduos jovens sejam diretores de suas próprias vidas? A individuação (a individuação é outro nome da autonomia) como processo relacional em busca do governo de si e reconhecimento do outro, princípio da vida em sociedade. Essa é a grande dimensão. Jean-Jacques Rousseau nos dizia que o desafio da sociedade democrática é o cuidado de si e a consideração pelo outro, na perspectiva de uma ordem social vivida em comum<sup>9</sup>. Porque, se eu só cuido de mim, viro um grande egoísta. Se só me preocupo com o outro, esqueço de mim mesmo. Como é que podemos manter esse equilíbrio? Me conhecer, me reconhecer, e me reconhecendo também no outro.

---

9 ROUSSEAU, J.J. *Carta a Christophe de Beaumont*. Campinas: IFCH/Unicamp, 2004.

Penso que esse ponto representa, na chamada transição para a vida adulta, alguma fonte de muita angústia. Vivemos num mundo de muitas oportunidades; permanentemente a sociedade está dizendo que o jovem pode ser tudo. Parece que a sociedade está permanentemente dizendo no ouvido dos jovens: "Você pode tudo, você pode ter tudo". Isso vai criando um campo de angústia muito grande, em especial, na dimensão de nossa sociedade do consumo. Ouvi de uma senhora moradora de favela que o seu neto queria muito um tênis. Está querendo muito um tênis, e a avó tem que dar um jeito de dar, a mãe tem que dar um jeito de dar, e não tem dinheiro, a família é pobre. Hoje, ele deu um ultimato: "Se vocês não me derem, vou roubar". Ele sabe também que essa é uma fronteira muito grave na vida popular, entre a vida e a morte, ainda que haja fluxos de legalidade e ilegalidade. Esse menino de alguma maneira chantageou a mãe, usando uma referência do mundo do consumo, que diz que, se ele não tiver um tênis, ele não é nada. Os estudos sobre internação no sistema socioeducativo vão mostrar que a grande parte das medidas socioeducativas em meio fechado são relacionadas com pequenos expedientes ligados ao mundo das drogas, mas fundamentalmente com furtos, realizados sem violência contra alguém. Porque é uma sociedade que está dizendo: "Tenha, adquira; se você não tiver, você não é". Nesse contexto de um mundo de muitas oportunidades e, para alguns, com poucas condições de construir, de conquistar oportunidades, você tem um processo de desfiliação e isolamento. Desfiliação e isolamento como o exemplo desse menino, que diz para uma família para a qual o valor do trabalho, de não furtar ou roubar, é fundamental. Para uma família religiosa, evangélica, para a qual roubar, além de ser crime, é um pecado. Ele está se desfiliando, está dizendo: "eu vou pegar algo que não é meu, vou romper com vocês". O isolamento, a automutilação, é uma forma de dizer: "Não participo desse jogo que vocês participam, estou construindo outro mundo para mim que está me destruindo, mas está fazendo com que eu me reconheça como alguém.". Parece contraditório, não é? No sofrimen-

to, me reconheço, mas, muitas vezes, como fruto do isolamento. Essa é a grande dimensão: com quem os jovens podem contar para entrar e sair do labirinto, e que suporte eles podem encontrar para vencer as provas? Estou trabalhando com dois conceitos do sociólogo Danilo Martucelli<sup>10</sup>. Ele constrói a sociologia de escuta dos indivíduos a partir da seguinte sentença: "Todos nós enfrentamos provas, desafios, e buscamos, no ambiente, condição de superá-las.". E como cada um supera essas provas? Por exemplo, para uma jovem, uma adolescente, ser mãe ainda estudando é uma prova. Mas como é que ela supera essa prova? Dependendo do suporte que ela tiver, ela vai vencer essa prova de maneira mais tranquila e feliz; dependendo do suporte que ela não tiver, vai ser muito duro. Se ela for recriminada na escola, se ela não tiver na família quem a apoie, por exemplo. A prova não é uma coisa que incide igualmente para todo mundo, ela vai incidir mais negativamente quanto menos suportes emocionais e materiais alguém tiver.

Eu terminaria agora dizendo exatamente: vamos ficar atentos para o isolamento, quando os jovens não estão encontrando no mundo adulto condições de conversação e diálogo; vamos ficar atentos para esses preenchimentos de elementos que são frutos de nossa ignorância sobre os mundos juvenis; e vamos ficar atentos também para os desafios que os jovens estão enfrentando e tentar pensar: como nós, adultos, pais, professores, podemos ser suporte. E suporte não é controle, é uma relação de ajuda. É como uma dança: eu dou o suporte para que o outro evolua, e não o dirijo, não o controlo.

---

10 Setton, M., & Sposito, M. (2013). *Como os indivíduos se tornam indivíduos? Entrevista com Danilo Martucelli*. *Educação E Pesquisa*, 39(1), 247-267. <https://doi.org/10.1590/S1517-97022013000100016> Consultado em 03.08.2020

## Debate

---

### Pergunta 1

Acho que você falou algo que reverbera um pouco aqui, que é essa ideia de deixar de pensar nesses jovens como aqueles que serão adultos, que ainda não são, ainda que não tenham uma vida adulta plena de escolhas feitas, e passar a pensar juventude, em vez de um lugar de transição, como um lugar de presença. Do ponto de vista da escola, e mesmo das famílias, de como lidar no dia a dia, acho até mais fácil de compreender o que significa isso. Talvez você pudesse avançar um pouquinho nessa ideia. Mas há também, do ponto de vista da pesquisa em torno das juventudes, uma transição importante marcada por esse novo olhar; olhar para a juventude dessa forma, como os sujeitos que são, que precisam ser compreendidos como são, não como virão a ser ou algo desse tipo. E, nesse seu percurso, que conheço, também para deixar de pensar na juventude e pensar nas juventudes, eu pediria para você falar um pouquinho mais sobre a importância desse pequeno plural.

### Resposta

Acho que o tema da juventude como tempo presente é algo que não é inventado como percepção do mundo adulto, na juventude, na adolescência. A gente já tem isso desde criança. Pergunta: "O que você vai ser quando crescer?". Talvez a criança não tenha condição de perceber quão despotencializadora é essa pergunta. Ela já é, já pode, já sente, já deseja, mas você coloca a felicidade ou o ser no futuro. Essa ideia tem a ver com quê? Com uma dificuldade nossa de equacionar a transição lenta entre a total heteronomia da criança quando nasce, ou seja, ela nasce dependente do adulto totalmente; e a autonomia relativa do adulto ao longo da vida. Quando é que começa a cessar a heteronomia, ou seja, a dependência da criança para com o adulto, e começa a nascer a autonomia? Eu diria que a autonomia tem que começar a nascer, e já nasce, desde criança. Autores impor-

tantes como Henry Wallon, como o próprio Piaget, mostram como a criança vai se autonomizando, quando ela vai ganhando confiança em relação ao mundo. E isso tem muito a ver com nossa maneira de lidar com crianças e adolescentes. Essa ideia protetiva existe porque entendemos que o adolescente e a criança não são detentores de livre arbítrio. "Mãe, tchau, vou viajar, vou para o Uruguai, vou chorar lá com os colegas que perderam a eleição"; "Mas você tem 15 anos, como é que você vai para o Uruguai?". "Não pode, você tem que ter autorização dos pais." Tem uma tutela necessária, que é protetiva. Mas quando começamos a soltar as amarras? Cada um tem que pensar sobre isso, essa é a grande questão, e isso está no cerne dessa ideia de que o jovem não é, ele virá a ser. Isso foi psicologizado: a ideia de que a adolescência é um período de agitação e crise. Essa é uma formulação da Psicologia que, depois, foi superada. Nem todos os jovens vivem a adolescência como agitação e crise. Às vezes, colocamos marcas na adolescência que não são tipicamente adolescentes. Vou fazer um teste aqui: o que caracteriza um adolescente, ser adolescente?

"Contestação." Boa! Mas tenho minha juventude lá atrás, faz tempo que não sou jovem, mas eu acho que sou muito contestador. Conheço gente aqui que também é contestadora e não é mais adolescente. Contestação não é uma característica da adolescência. Muitas vezes, a gente fala de irritação, que o adolescente é muito irritado. "Me acorda às seis horas da manhã!" Durmo tarde, fico irritado às vezes, quem não fica? Então, contestar, ser irritado. Outro dia, alguém falou: o jovem é amargurado. Qual jovem? Conheço um monte de gente que não é mais jovem e tem muita amargura. Muitas vezes, colocamos na adolescência características que são do ser, inclusive, do ser adulto.

Alberto Melucci, psicólogo e sociólogo italiano, dizia que a juventude nunca acaba, ou a adolescência nunca acaba, porque aqueles comportamentos que colocamos somente na adolescência, nós os levamos até o fim da vida. Querem ver um exemplo que, às vezes, nós, como pais, cerceamos a autonomia? É a mobilidade urbana. Eu não digo desnecessariamente porque isso é muito objetivo; em geral para as mulheres, para as meninas:

"Olha a hora de chegar em casa; você não vai chegar em casa tal hora porque é perigoso, porque, olha, é violento, o ônibus acaba". Então, digamos, se tivéssemos políticas públicas de ônibus, metrô à noite toda, esse argumento do pai iria embora, não é? Às vezes, colocamos fora da relação a interdição para não ficarmos como interventores. Tenho um exemplo com minha filha. Um dia, ela falou: "pai, quero dormir na casa da minha amiga". Ela tinha 16 anos, eu não conhecia direito a amiga dela, e a primeira coisa é: "Não!". "Não, depois a gente vê."; "Não, não dá". Ela foi para o quarto – eu tinha dado para ela um livro que escrevi sobre juventude e buscou a página onde eu falava da importância da autonomia, de confiar no jovem. "Olha aqui, pai, página 48. Posso ler para você?" Isso não se faz com um pai, de tanto amor e carinho, e pegou meu próprio livro para dizer que eu estava sendo contraditório! Isso eu escrevi, mas não é necessariamente o que eu faço. Na hora, você tem responsabilidade, você, pai. Os jovens percebem isso. Nesse dia, eu me rendi, porque foi tão inteligente da parte dela! E ela foi dormir na casa da amiga dela. Foi ótimo! Não deu problema nenhum. Às vezes, a gente coloca esse tipo de interdição. Numa cidade, por exemplo, que provê segurança pública, que tem mobilidade urbana, essa cidade começa a tirar os argumentos dos pais, os pais têm que começar a ser mais criativos para interditar a autonomia de seus filhos.

Então, garotada, lute por segurança pública! Lute por mobilidade urbana, por passe livre, por garantia de circular à noite, porque os pais de vocês vão ter que inventar mais coisas, vão ter que ser mais criativos para dizer: "Não pode!". Porque, em geral, dizem "não pode" porque eles querem proteger vocês. Há muitas coisas aí que temos que rever no diálogo com os próprios jovens, confiando que eles têm muito que nos ensinar também.

A outra questão é das juventudes, no plural. A história das juventudes é muito interessante porque o campo de estudos da juventude, não só no Brasil, mas em outros países, especialmente, na França, Portugal, começa a perceber que estávamos homogeneizando demais a juventude. O próprio debate das gerações estava homogeneizando, e os mercados fazem muito isso: geração X, acabou as letras, chegou na geração beta, e agora

gerações Z, X, Y, numa tentativa de homogeneizar. Mas os jovens não são tão homogêneos assim, então juventude no plural faz supor que ela pode ter a mesma idade, mas é também variável na própria experimentação do ser jovem. Você começa a reconhecer que existem muitas maneiras de ser jovem. Por exemplo, os jovens das classes populares, os jovens mais pobres, começam a experimentar o mundo adulto ainda na condição de jovem, trabalhando muito cedo, sendo pais, mães, mas ainda são jovens. Muitas vezes, chego para fazer pesquisas com jovens de favela, mas sou eu que aviso a eles que eles são jovens ainda, porque eles falam: "Eu não sou mais jovem, não, já sou pai, já tenho filho, trabalho, não sou jovem.". Porque, na ideia deles, a juventude é a juventude aqui da escola, liberada do trabalho. Então, eles estão sendo convencidos pela própria sociedade de que eles têm que antecipar o tempo da vida adulta. O "s" é uma constatação do campo científico dos estudos da juventude de que tínhamos que ser mais criativos para reconhecer esses jovens tal como realmente experimentam o tempo da juventude. Ou seja, reconhecer a pluralidade, conhecer as diferentes formas de ser jovem. É por isso que, às vezes, olhamos para um tipo de jovem e falamos "Ele não é mais jovem", porque nós representamos uma idade para ele que não se encaixa na idade que ele realmente tem.

## **Pergunta 2**

Paulo, neste prédio, funcionam o Ensino Médio da Escola Vera Cruz e o Instituto Vera Cruz, com um curso de Pedagogia. Por que você acha que menos de 2% dos jovens, hoje, querem ser professores? Você acha que eles têm razão?

## **Resposta**

Eu poderia muito rapidamente dizer que isso acontece por conta do que é ser professor neste país. Estive na Noruega duas vezes e me disseram

isso, eu constatei conversando com jovens lá, que a profissão mais almejada na Noruega é ser professor. Agora, recentemente, os engenheiros na Alemanha fizeram uma greve, eles queriam ganhar um piso superior ao piso nacional dos professores. Angela Merkel respondeu: "Vocês querem ganhar mais que os mestres de vocês?". É claro que ela queria economizar também, governante nunca quer pagar aumento salarial, mas ela usou esse argumento, que é um argumento da sociedade. Os professores formaram vocês, eles são os profissionais mais importantes. Ouvi de um prefeito do Rio de Janeiro, nos anos 1990, sobre uma greve de professores na cidade, algo completamente fora de propósito para a gente. Eu trabalhava na Secretaria, fui professor do município também, e ele falou o seguinte para diretores: "Essa coisa de greve de professor vai acabar. Quem fazia greve, quem ainda faz greve, são os professores de classe média, classe média baixa, da Tijuca, zona Norte do Rio. Hoje, o magistério se proletariizou; aquelas mulheres que teriam, no máximo, o horizonte de mobilidade social como empregada doméstica, hoje são professoras. Então, elas não têm muito que almejar, quem faz greve é quem tem horizonte de futuro amplo, como a classe média; os pobres que chegaram ao magistério não vão querer mais do que já ganham." Achei essa formulação tão cínica, mas ao mesmo tempo tão descritiva, de um tipo de fabricação da subalternidade que se produz neste país, e que explica muito sobre essa representação social sobre os professores.

Acabamos de concluir um documentário. Nossas pesquisas têm gerado filmes de pesquisas. O último filme é o *Fora de série*<sup>11</sup>, sobre jovens da EJA, e um dos personagens, Jonathan, teve uma vida complicada, uma "vida errada", segundo ele, mas ele diz que, hoje, quer o melhor para a filha dele. Quer muito que ela seja médica, advogada, "até mesmo uma professora", e ele fala isso, "até mesmo uma professora", vai baixando a voz, o corpo dele fala.

---

11 *Fora de Série*. Direção de Paulo Carrano. Produção de Ana Karina Brenner; Raquel Stern. Roteiro: Ana Karina Brenner, Luciano Dayrell, Marcela Betancourt, Paulo Carrano, Patricia Abreu, Taynã Ribeiro e Viviane de Oliveira. Niterói: Observatório Jovem do Rio de Janeiro/UFF, 2018. (92 min.), Digital, son., color. Disponível na internet: <filmeforadeserie.com>. Consultado em 02.08.2019.

Tudo bem, era como se ele dissesse assim, que ela fosse, sei lá, balconista. Uma profissão desprestigiada, ele a colocou lá embaixo, como professora. Mas disse: "Se ela quiser ser professora, quem sou eu para escolher". É como se ele falasse: "minha filha vai ser prostituta, quem sou eu para dizer que ela não vai ser?". É como se o "ser professora" fosse algo desprestigiado na sociedade. E é.

Mas essa fabricação é individual? Não, é uma fabricação coletiva, de longa data, e está sendo produzida em escala nacional, de maneira intencional. Você não pode dizer que o desprestígio do professor é um acúmulo, vamos dizer assim, vegetativo ou de ausência de salários, de políticas. Há, hoje, uma política intencional de desprestigiar o professor num registro de combate aos intelectuais, numa política anti-intelectualista. Sou professor universitário, estou desde o começo deste ano sendo atacado pelo ministro da Educação. Fui a uma feijoada semana retrasada, lá no subúrbio onde eu tenho família ainda, e a pessoa me perguntou: "E aí, como é que vai a cracolândia da sua universidade?" Por quê? Dois dias antes, o ministro tinha divulgado um vídeo de um *youtuber* de extrema direita, com *fake news*, uma mentira intencional, de que havia uma cracolândia na universidade e que as universidades são centros de produção de drogas. O ministro deveria ser processado por isso. Ou seja, há uma intenção política de destruir a imagem do professor; eu diria que tem um acúmulo de muitos anos de subalternização da profissão. Mas nós temos um ápice agora, a intenção orquestrada do centro do poder hoje, que está colocado no governo nacional articulado com redes de *fake news* da extrema direita para destruir a imagem do professor e suas instituições. É essa a complicação maior que temos hoje.

### Pergunta 3

A gente escuta, muitas vezes, certa demanda de ver em nossos alunos e nas juventudes em geral uma postura maior de protagonismo e de liderança, do ponto de vista dos incômodos que a gente vê na sociedade, ou

mesmo de envolvimento político, de que estivessem falando mais. Por outro lado, a gente tem, ao mesmo tempo, esse papel como educadores de poder fazer a problematização do pensamento sobre a sociedade na escola, mas, simultaneamente, um cuidado e um olhar muito controlados, nesse sentido, de que não cabe à escola ou aos educadores fomentarem nos estudantes a busca de lideranças de contestação e transformação. Queria ouvi-lo um pouco sobre isso.

## Resposta

Nesse debate da maior importância, há uma centralidade em torno de um conceito que foi ficando desgastado, que é o da cidadania. Vi lá na página de vocês, achei bem legal manterem o conceito de cidadania. O conceito de democracia é tão antigo quanto e nós não o abandonamos. As palavras têm que ser ressignificadas, e quando a gente fala cidadania, de que estamos falando? Muito rapidamente, cidadania são três eixos organizadores: um é a formalização dos direitos. Já tivemos situações em que mulheres não votavam. Passaram a votar e se formalizou o direito. Tivemos situações em que negros não votavam, analfabetos não votavam. Isso se formalizou o direito. Então, a luta da sociedade por conquistas, por direitos é tornar a cidadania algo formal, incluir as pessoas formalmente. Isso não garante que as pessoas vão ser incluídas de fato. O caso das mulheres: temos cota para as mulheres serem candidatas e essas cotas não são cumpridas, estamos aí com as fraudes eleitorais em torno da representação feminina na política. Então, a primeira questão da cidadania é a luta pela inclusão formal.

A segunda questão é a participação. As pessoas não participam efetivamente na construção da democracia. Voto num candidato, a semana que vem não lembro mais em quem eu votei. De alguma maneira, o tipo de democracia restritiva que quer se implantar no Brasil é exatamente essa. Contenha-se, contenha-se só votando. Numa democracia de representação formal, se você for para a rua, vai haver um excluído de ilicitude,

e você pode ser fuzilado como terrorista. É o que está colocado hoje, é a proposta do Governo Federal, do presidente da República. Excludente de ilicitude porque ele está com medo, eles estão com medo das manifestações no Chile, na Colômbia, porque como foi a extrema direita que deu o golpe, eles estão apoiando. Enfim, com medo de que chegue aqui, estão colocando o excludente de ilicitude. [O ministro] Paulo Guedes acabou de dizer hoje, além de defender o AI-5, que "temos que ter moderação democrática". O que é moderação democrática? É só votar. Que cidadania restritiva é essa? É votar e esquecer em quem você votou? Isso é participar, ser cidadão é participar também, além de ter direitos formais, participar ativamente. Se você participa, tem protagonismo, participa ativamente e imbuído em valores democráticos, é o fascismo! A pesquisadora Ana Abreu, antropóloga, identificou, em 2019, 344 células nazistas no Brasil<sup>12</sup>! A sociedade está criando um solo fértil não só para o fascismo, que é a subordinação do outro, mas o nazismo como ideologia passadista de Hitler; participar sem estar imbuído em valores democráticos pode ser muito ruim também. Acredito que a escola deve estimular a participação, criar espaços de participação, ou seja, não apenas formar em cidadania, mas formar em condições de cidadania, que essa é a grande contradição da escola. Ela quer educar para a cidadania, mas ela não constrói relações democráticas, cidadãs, dentro da escola. O que foram as ocupações em São Paulo se não a tentativa de a garotada construir relações horizontais, democráticas, e dizer que não se pode fazer um êxodo de milhares de matrículas, como o governo do Estado queria fazer, sem ouvir famílias, estudantes. Não se pode separar irmãos da mesma escola, colocando-os em lugares diferentes, sem ouvir as pessoas. Nessas ocupações, eles deram sinalizações muito interessantes de como a escola poderia ser mais democrática, mais cidadã. E o que nós fizemos com essas sinalizações? Não usamos! Tenho percorrido escolas que foram ocupadas, e o rescaldo das

---

12 Rede Brasil Atual. Brasil tem mais de 300 células nazistas em funcionamento. Disponível na internet: <https://www.redebrasilatual.com.br/cidadania/2019/11/brasil-tem-mais-de-300-celulas-nazistas-em-funcionamento/>. Consultado em 04/08.2020.

ocupações é muito ruim. Alunos e professores que apoiaram foram perseguidos, alunos foram transferidos ou reprovados só porque participaram.

Eu, por exemplo, não quero que o aluno pense como eu. Não quero que ele seja tão de esquerda. Sou de esquerda, socialista democrata, como me defino no twitter, mas eu não quero que ele seja social democrata ou socialista. Se ele for um liberal conservador, não fascista, está valendo, ele está contribuindo para uma sociedade, para uma pluralidade política. A grande questão é que a gente não pode tolerar os intolerantes, o fascismo. Nosso papel é difícil, mas ele não pode ser, também, supervalorizado no sentido de que temos que fazer com que eles participem. Temos que criar condições, mas a decisão de participar ou não é dos jovens. A decisão de participar imbuído de valores democráticos ou não também é deles. Você pode ensinar valores democráticos e eles fecharem os ouvidos. É isso que está acontecendo hoje, essa incidência propagandista que a extrema direita está fazendo por *fake news*, por memes que desinformam e atacam com discursos de ódio os que pensam diferente. É exatamente para jogar alunos contra professores. Acho que esse pessoal não é conservador. Conservador em alguma medida valoriza a família, conservador valoriza a autoridade do professor. O que eles fazem é jogar estudantes contra seus professores e pais progressistas. Gravem a aula e denunciem! Tem um movimento de extrema direita que eu não vou citar o nome, que estava dando cinquenta reais para cada aluno que filmasse um "professor doutrinador", um professor que falasse qualquer coisa que pudesse ser classificada como de esquerda. Teve um estudante que pediu jocosamente para o professor: "Fala Marx só para eu ganhar cinquenta reais". Ou seja, que tipo de destruição da autoridade está se produzindo? Isso não é conservadorismo, isso é outra coisa. Isso é a chamada guerra cultural que a extrema direita empreende contra as instituições e os intelectuais.

Então, professora, entendo a sua questão, mas acho que os jovens estão disputando esse espaço da política e, às vezes, até a não participação política é uma forma de dizer "não acredito na política que está aí", até a recusa em participar da política pode ser política, e é isso que está colocado,

muitas vezes. O que os jovens do Chile estão falando, e na Colômbia também? "Não sou de esquerda, nem de direita, sou o povo", ou seja, a política institucional foi ficando tão complicada, tão centralizadora, tão verticalizada, tão pouco inclusiva da juventude, que eles estão dizendo "não" para as instituições e pode ser um perigo, um caminho aberto para fascismos que se colocam como guias espirituais dessa massa não institucionalizada. Mas, por outro lado, eles estão dando uma resposta às instituições, e cabe-nos ouvir e criar os canais para que a democracia seja praticada e não apenas idealizada. Não sei se respondo, mas é isso que tenho percebido: os jovens estão na luta, e estão sendo disputados por vários campos políticos.

#### **Pergunta 4**

Queria perguntar, mas também ouvir os mais jovens que estão aqui, afinal de contas falamos deles. Tenho um filho de 19 anos, então pratico muito essa escuta, acho que talvez você tenha respondido à pergunta que eu queria fazer. Temos falado de jovens como contestadores. Quando eu tinha a idade que meu filho tem hoje, eu já era mãe, mas, então, eu vivia minha adolescência, já sentia que as pessoas na minha idade não tinham fé em lutar e achar que podiam mudar alguma coisa. Hoje, eu não sei se isso é minha percepção, ou se realmente cresceu, de pessoas de 16 anos, como eu já cheguei a presenciar, defendendo a ditadura, pensamentos fascistas, entrando nesse lance da pós-verdade, a opinião valendo mais do que o fato. Queria entender esse fenômeno, como produzimos isso, como esses adolescentes têm se voltado para esse fascismo, como esse fenômeno vem crescendo, como ele foi produzido, enfim. Queria saber também da impressão de quem tem essa idade.

#### **Resposta**

Penso que nós, de alguma maneira, acreditamos que a democracia era uma coisa que nós havíamos conquistado e não algo para a gente permanente-

mente acarinhar e renovar e fazer com que ela seja incorporada como um valor para novas gerações. Descuidamos de muitas coisas no momento de nossa saída da ditadura militar no Brasil. Tivemos uma Constituição que, ainda que chamemos de Constituição Cidadã, foi uma Constituição tutelada pelos militares. Aquilo que fugia do controle dos militares, que não dávamos conta, acabamos deixando lá. Não punimos torturadores, crimes imprescritíveis, crimes contra a humanidade, crime de tortura, crime de desaparecimento, não punimos! Uma vez joguei vôlei na praia, em Ipanema, e quando eu vi do outro lado da rede estava um dos agentes da repressão que explodiu o Riocentro, que levou a bomba para explodir o Riocentro. Ia jogar com ele, quando vi, falei: "É aquele"? "É". Ele foi promovido pelo exército. Então, nós permitimos que a democracia pós-ditadura fosse um regime que convivesse com um entulho autoritário, que nós não conseguimos resolver. E como é que nós resolveríamos isso? Com conciliação e verdade. Justiça, conciliação, verdade e justiça. Mas tiramos a justiça, porque a justiça significaria manter o clima de confronto, significaria punir os torturadores. A Argentina puniu, o Chile acabou de prender mais um torturador. Nós não fizemos isso. O Uruguai prendeu os torturadores; nós, não. Deixamos o torturador jogar vôlei na praia! Então, não fizemos a justiça porque isso é gerar polarização, conflito, e temos o maior problema com conflito. A democracia é o sistema para gerenciar os conflitos, mas botamos o conflito para debaixo do tapete. Ficamos com conciliação e verdade, mas nós não pudemos produzir a verdade expondo os crimes da ditadura. Somente muito tardiamente criamos a Comissão da Verdade<sup>13</sup>, agora encerrada. Não pudemos expor os torturadores e permitimos que alguém no Congresso Nacional elogiasse um torturador! Ele saiu de lá presidente da República.

Acho que a questão não está nos jovens, está no "trabalho de casa" democrático que nossa geração não conseguiu fazer. Agora, os jovens têm responsabilidade também, talvez até de corrigir esses nossos erros. Há uma

---

13 A Comissão Nacional da Verdade (CNV), órgão temporário criado pela Lei 12.258, de 18 de novembro de 2011, encerrou suas atividades em 10 de dezembro de 2014, com a entrega de seu Relatório Final. Uma cópia do portal da CNV é mantida pelo Centro de Referência Memórias Reveladas, do Arquivo Nacional. Ver: <http://cnv.memoriasreveladas.gov.br/>

questão processual aí, é inadmissível que a autoridade da República elogie a ditadura, elogie o sistema que torturou, matou e desapareceu, e continue sentado na sua cadeira. Vamos dormir hoje com pelo menos três autoridades da República conclamando a ditadura. E amanhã vamos perguntar por que os jovens estão tendendo ao canto da sereia do fascismo. Por isso também, porque o caminho está aberto.

Fui ao Museu da Ditadura em Córdoba, vi criancinhas de quatro, cinco, seis anos visitando a exposição fotográfica de seus avós, que foram torturados e assassinados pela ditadura. E as professoras explicando, "esse é vovô, ele foi preso e sumiu", criança de quatro, cinco, seis anos de idade. É uma formação para a cidadania, para a democracia. Não fizemos isso. Que memorial da ditadura nós temos? Nenhum! E da escravidão? Quantos milhões de negros vieram para cá? Doze milhões, não é isso? E nós não podemos falar da violência que foi a escravidão, não podemos falar em reparação, não podemos falar em cota porque isso é criar o conflito. Essa é a questão fundamental: a gente não enfrenta os nossos fantasmas e eles voltam. Os armários estão cheios de ossos; de vez em quando a gente abre a porta e eles caem em cima da gente.

### **Pergunta 5**

Na toada dessa última pergunta, queria pensar frente a esse movimento conservador de extrema direita que está no mundo, não só aqui no Brasil, nessa juventude que está sendo amealhada por esse discurso que prega o não diálogo. Quando não temos acesso a esse diálogo, não tem conversa e prega esses valores de extrema direita, como a gente abre esse diálogo com quem não quer conversar? Como eu incentivo esse jovem a ser questionador? É verdade, não dá para ficar lá cutucando – "seja questionador" –, mas, ao mesmo tempo, não tem o diálogo. Como construí-lo?

### **Resposta**

Não tenho resposta para tudo, não! Essa sua pergunta é fantástica, porque

quem leu *Alice no País das Maravilhas* deve se lembrar de uma passagem: "É muito difícil conversar com um gatinho que só faz 'ronron'". Adoro essa passagem porque você fala alguma coisa, o gatinho faz "ronron", é difícil. É isso que essa extrema direita está fazendo, especialmente com a juventude. Muitas vezes, alguns jovens pegam isso para provocar professor de esquerda: "Opa, eu vou lá fazer minha luta na classe, vou encher o saco do professor com a imagem do fascismo". Às vezes, é uma coisa só de contestação, às vezes, é superficial, outras, não. Na minha percepção, temos que começar a perceber se estamos diante de uma consolidação de uma postura fascista, de intolerância, ou se é um verniz que está se manifestando na relação com determinado estudante que se sentiu seduzido pelo discurso da extrema direita. Aquele que consolidou uma identidade fascista ainda na juventude é mais complicado. Como é que a gente pode fazer para isolá-lo? Isolar no sentido de não permitir que ele exerça essa influência sobre o outro.

Qual é a grande denúncia que a extrema direita faz hoje? Querem convencer a sociedade de que a universidade é um centro de doutrinação da esquerda. Quase todos aqui passaram pela universidade e não tinha isso, tinha gente que pensava A, gente que pensava B e outro que pensava C. A universidade é o lugar da pluralidade de ideias. Por vezes, é preciso jogar um pouco de capoeira, não fazer um enfrentamento direto; arrodar, cercar, buscar os códigos de acesso, problematizar. Esse cara que está colocando meme homofóbico ou racista, de repente, ele gosta de futebol, você começa a conversar com ele sobre futebol; de repente, ele gosta de música, você se aproxima através da música, não no sentido de cooptação ou de enganá-lo, mas de estabelecer um código de diálogo, porque ninguém é uma coisa só.

As identidades são múltiplas. Evito chamar as pessoas, xingar as pessoas: "fulano é bolsominion". Não gosto, porque você já está consolidando identidade. Ele pode estar intoxicado de valores fascistas, mas ele pode estar flutuando por outros valores. Temos que acreditar que os sujeitos são múltiplos, que as identidades são identidizações em construção, es-

pecialmente na idade da juventude. Eu vou dar um exemplo muito pessoal. Minha filha está agora morando na Irlanda, tem 30 anos. Quando ela tinha 16 anos, eu ficava incomodadíssimo, além desse negócio de ela querer dormir fora, eu a considerava alienada. Eu ficava danado da vida, minha casa está cheia de livro para estudar! A mãe dela era religiosa evangélica, política era outra coisa, e eu ficava frustradíssimo com ela. Outro dia, eu vou lá no twitter dela e leio: "de esquerda e feminista!" "Pô, me explica." "Ah, pai, eu descobri um monte de coisa aqui na Irlanda." Mandou uma foto no meio da passeata das meninas pelo direito ao aborto. No tempo dela, ela se conscientizou, se politizou. Ela fez a escolha política, mas no tempo dela. Acho que essa é a questão: temos que firmar isso, não consolidar a identidade do outro, mas tentar compreender os processos que estão marcando determinado ponto de vista.

Uma vez, eu fui chamado numa cidade do interior do Rio de Janeiro porque havia uma "epidemia de vampirismo". Vampirismo, rituais satânicos. Não sou exorcista, já pensou? Me chamaram porque estava havendo vampirismo na cidade, e eu fui à escola ver o que que era. Era um jogo de RPG. Não sei quem joga aqui ou quem já jogou, um jogo de papéis. Os meninos representavam esse jogo se vestindo de vampiros, saindo pela cidade vestidos de vampiros. Alguém botou uma notícia de que teve um ritual satânico, que matou não sei quem, não sei onde; o pânico dos pais da escola foi tanto que mandaram me chamar para conversar, na condição de especialista em juventude. O que eu fiz? Conversei com a garotada que jogava o *Vampire* e pedi para encenarem o jogo para os pais. Tinha pai com crucifixo na mão, era um negócio impressionante! Quando os meninos, na escola, acabaram o jogo, os pais falaram: "Era isso? Que bobeira!". Então, é se aproximar. Acho que não tem muito segredo. É difícil, mas é um movimento.



INSTITUTO  
VERACRUZ